

UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA

Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação

Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz

Análise de experiência de rodas de conversa sobre educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I

ARARAQUARA - SP

2018

Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz

Análise de experiência de rodas de conversa sobre educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Linha de pesquisa: Processos de Ensino

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Maria Giovanni.

ARARAQUARA - SP

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

C962a Cruz, Leocardia Cristina Reginaldo.

Análise de experiência de rodas de conversa sobre *educação das relações étnico-raciais* por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I/Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz. – Araraquara: Universidade de Araraquara-UNIARA, 2018
143f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara-UNIARA

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Maria Giovanni.

1. Rodas de conversa.
2. Ensino fundamental I.
3. Relações Étnico-Raciais.
4. Processos educativos.
5. Currículo. I. Título.

CDU 370

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CRUZ, L.C.R **Análise de experiência de rodas de conversa sobre *educação das relações étnico-raciais* por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I.**2018. 143f. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.

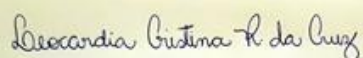
ATESTADO DE AUTORIA E CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz

TÍTULO DO TRABALHO: **Análise de experiência de rodas de conversa sobre *educação das relações étnico-raciais* por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I**

TIPO DO TRABALHO/ANO: Dissertação/2018

Conforme LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998, o autor declara ser integralmente responsável pelo conteúdo desta dissertação e concede a Universidade de Araraquara permissão para reproduzi-la, bem como emprestá-la ou ainda vender cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a sua autorização.



Nome do Autor: Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz

Endereço completo: Rua Lázaro Camargo Emke, 421 casa 2, JD Pinheiros. Araraquara/SP

E-mail: leoardiacruz@gmail.com



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO,
GESTÃO E INOVAÇÃO, ÁREA DE EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – para obtenção do título de **Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação**.

Área de Concentração: **Educação e Ciências Sociais**.

NOME DA AUTORA: **LEOCARDIA CRISTINA REGINALDO DA CRUZ**

TÍTULO DO TRABALHO: "ANÁLISE DE EXPERIÊNCIA DE RODAS DE CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR MEIO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I"

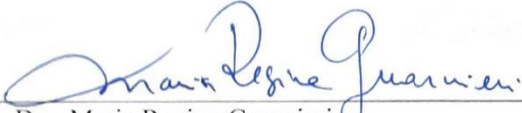
Assinatura dos Examinadores:

Conceito




Prof. Dra. Luciana Maria Giovanni (orientadora)
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovada () Reprovada



Prof. Dra. Maria Regina Guarnieri
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovada () Reprovada



Prof. Dra. Adriana Patrício Delgado
Universidade Nove de Julho - UNINOVE

Aprovada () Reprovada

Versão definitiva revisada pela orientadora em: 12/07/2018



Prof. Dra. Luciana Maria Giovanni (orientadora)

“Quando buscamos referências teóricas, para as nossas pesquisas em pedagogia, nas raízes africana estamos pretendendo enegrecer os processos e pensamentos científicos e educacionais. Enegrecer significa a maneira própria de os negros se porem no mundo ao receberem o mundo em si. Enegrecer, face-a-face em que negro e não negros se espelham, se comunicam, sem deixar de ser o que cada um é. O enegrecimento da educação visa a construção de relações entre diferentes grupos étnicos, no sentido de que uns deixem de sentir-se superiores a outros, porque são incapazes de deslocar o olhar de seu próprio mundo, afim de compreender distintos modos de pensar, de ser e viver.”

(Silva, 2005, p.32)

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a quatro grandes mulheres negras, guerreiras e doutoras na disciplina da vida. Em vida não mediram esforços para me ensinar que o bem maior que poderiam me deixar era a educação. Hoje compreendo o que queriam me ensinar e sinto que espiritualmente continuam torcendo e cuidando de mim.

Maria do Carmo, minha mãe.

Benedita, minha Bisa Vó Dita.

Vó Maria Theresinha, amada Ninica.

Vó Cecília, a festeira zelosa.

Também não posso deixar de dedicar este trabalho às minhas pequenas pretinhas amadas e afilhadas Rafaely e Giovana por me incentivarem em nossas brincadeiras a não deixar de lutar por uma educação de qualidade para todos os cidadãos negros e negras brasileiros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente,

A Deus por permitir que este sonho de cursar o Mestrado tornasse realidade e ser a primeira MESTRE da minha família aos quarenta anos.

Ao meu anjo da guarda por zelar diariamente meus pensamentos durante a escrita desta pesquisa.

Ao meu Pai Benedito pelas sábias palavras de orientações e apoio em todos os momentos felizes e não tão felizes, pois sei que está muito feliz por me ver chegar aqui e conquistar este sonho. TE AMO ETERNAMENTE.

Ao meu companheiro e parceiro Celso pelo incentivo, apoio e por compreender minhas inúmeras ausências mesmo estando tão perto de mim. Lembre-se: eu te escolhi para ser meu par.

A Professora Dr^a Luciana Maria Giovanni por acreditar no meu trabalho e nas minhas ideias desde o processo de seleção do Mestrado. A lição que fica desse nosso encontro se resume nas lições sobre a humildade e a gratidão.

A Professora Dr^a Maria Regina Guarnieri pelas sugestões dadas durante o curso de Mestrado, no exame de qualificação e na defesa do mestrado.

A Professora Dr^a Adriana Patrício Delgado pelo respeito, zelo e orientações no exame de qualificação e na defesa desta pesquisa. Fiquei muito feliz pela oportunidade de conhecê-la.

Aos meus parceiros e parceiras, ex-alunos (as) do terceiro, por aceitarem em participar da Sequência Didática Odara com tanta dedicação e gana em conhecer as histórias dos negros e negras que os livros não contam.

Agradeço as minhas amigas Gislaine, Márcia, Marcela e amigo Fábio pelo incentivo, por me emprestarem os ouvidos e por me darem colo mesmo antes de iniciar o mestrado.

Agradeço a Diretora Simone Garcia por autorizar a realização da pesquisa na unidade escolar.

Agradeço ao Departamento de Educação pelo apoio e dispensa todas as sextas-feiras.

Agradeço a Secretária Alciléia pela paciência e disponibilidade.

E por fim agradeço a minha família preta que tanto amo.

CRUZ, Leocardia Cristina Reginaldo. **Análise de experiência de rodas de conversa sobre educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I**. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação: Processos de Ensino, Gestão e Inovação). Araraquara-SP: Universidade de Araraquara – UNIARA. 2018.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado busca compreender o modo como se tem abordado o tema educação das relações étnico-raciais com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, em uma escola da área periférica de um município de pequeno porte do interior do Estado de São Paulo. Tem como objeto de pesquisa as rodas de conversa, entendidas como práticas sociais que, vistas aqui além de seus objetivos pedagógicos, são também importantes recursos para a formação humana dos alunos, cujo foco, neste caso, é o combate ao racismo e a valorização das diferenças no espaço escolar. Trata-se de análise de experiência de ensino-aprendizagem levada a efeito no ano de 2014 e seus impactos na formação dos alunos de 3º ano do ensino fundamental, com base em análise dos registros produzidos à época, por meio de fotos e de produção oral e escrita dos alunos e da professora, bem como por meio das percepções dos alunos sobre o tema e a experiência vivida, dois anos depois, já cursando o 5º ano do ensino fundamental. O aporte teórico que norteia o estudo conta com o apoio teórico de Gomes (1997, 2005, 2006 e 2010), Fonseca (2008), Freire (1980 e 2011), Munanga (2005, 2006, 2016), Sant’ana (2005) e Silva (2010, 2013). Os dados obtidos foram organizados em quadros-síntese de informações, respondendo às seguintes questões norteadoras da pesquisa: Como e o que ensinam e aprendem alunos do ensino fundamental I, nas rodas de conversa sobre a educação das relações étnico-raciais? Qual a contribuição dessa prática para a formação das crianças? Os resultados permitiram confirmar as hipóteses de que: a) as leis vigentes sobre a educação das relações étnico-raciais por si só não garantem a formação das crianças na busca de uma educação que respeite a diversidade racial e o combate a práticas discriminatórias e racistas; b) os estudos sobre temas relacionados à educação das relações étnico-raciais e ao ensino da cultura e história africana e afro-brasileira atestam a importância e necessidade da formação das crianças e dos professores da educação básica nessa direção; c) as rodas de conversa para formação de alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, no que tange às relações étnico-raciais, têm efeitos imediatos visíveis, que tendem a se perder sem a continuidade do processo de formação nesse tema específico; d) às práticas dos professores e professoras não são agregadas outras estratégias que dêem amparo e continuidade ao trabalho formativo das rodas de conversa.

Palavras Chaves: Rodas de conversa, Ensino fundamental I, Relações Étnico-Raciais, Processos educativos, Currículo.

CRUZ, Leocardia Cristina Reginaldo. **Analysis of the experience of rounds of conversation about education of ethnic-racial relationships by means of perception of students from the Primary School.** 2018. 143 pp. Thesis (Professional Master's Degree in Education: Teaching, Management and Innovation Processes). Araraquara-SP: University of Araraquara – UNIARA. 2018.

ABSTRACT

The present work aims at understanding how the theme education of the ethnic-racial relationships is approached with children from the initial grades of Primary School, in a school of the outer area of a small town in the state of São Paulo. Rounds of conversation are the research objects, understood as social practices that, seen beyond their pedagogical objectives, are also important resources to the students' human formation, whose focus, in this case, is the struggle against racism and the valorization of the differences in the school environment. This work covers an analysis of a teaching-learning experience that happened in 2014 and its impacts in the formation of students from the third grade of Primary School, based on the analysis of records produced at that time, by means of photos and students' and teacher's oral and written production, as well as by means of students' perception regarding the theme and the experience lived, two years later, attending the fifth grade of Primary School. The theoretical input of this study considers Gomes (1997, 2005, 2006 e 2010), Fonseca (2008), Freire (1980 e 2011), Munanga (2005, 2006, 2016), Sant'ana (2005) and Silva's theoretical support (2010, 2013). The data obtained were organized in summary tables of information, answering the following guiding research questions: How and What do students from Primary School teach and learn, in the rounds of conversation, about education of ethnic-racial relationships? What is the contribution of this practice for the children's formation? The results allowed to confirm the hypothesis that: a) the current laws about the education of ethnic-racial relationships themselves do not guarantee the children's formation in the pursuit of an education which respects the racial diversity and the struggle against discriminatory and racist practices; b) the studies about themes related to the education of ethnic-racial relationships and the teaching of African and Afro-Brazilian culture and history confirm the importance and need of children's and teachers' formation from the Basic Education in this direction; c) the rounds of conversation to students' formation in the initial grades of Primary School, regarding the ethnic-racial relationships, have immediate apparent effects, that tend to be lost without the continuation of the process of formation in this specific theme; d) other strategies, that could give support and continuation to the formative work of the rounds of conversation, are not added to the teachers' practices.

Keywords: Rounds of conversation, Primary School, Ethnic-Racial Relationships, Educational Processes, Curriculum.

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDHU – Edifícios da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano

CNE – Conselho Nacional de Educação

DOT/SP – Diretora de Orientação Técnica de São Paulo

HTPc – Horário de Trabalho Coletivo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN – Parâmetro Curricular e Nacional

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SciELO-Brasil – Scientific Electronic Library Online

SME/SP – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

TEN – Teatro Experimental do Negro

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNESP – Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho”

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Perguntas norteadoras rodas de conversa.....	143
---	-----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Estrutura de base de uma sequência didática.....	55
FIGURA 2 – Autoavaliação escrita do aluno de 3º ano, 2014.....	88
FIGURA 3 – Escrita espontânea, 2014.....	88
FIGURA 4 – Bilhete produzido por aluno de 3º ano, 2014.....	89
FIGURA 5 – Produção de lista por aluno de 3º ano, 2014.....	89
FIGURA 6 – Ilustração da história I – produzido por aluno de 3º ano, 2014.....	90
FIGURA 7 – Ilustração da história II – produzido por aluno de 3º ano, 2014.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Bibliotecas digitais investigadas.....	19
Quadro 2 – Produções acadêmicas disponibilizadas nos bancos de teses das Universidades 2003 - 20016.....	22
Quadro 3 – Pesquisas selecionadas.....	27
Quadro 4 – Artigos científicos da Scielo-Brasil.....	30
Quadro 5 – Obras de referência.....	39
Quadro 6 – Aproximações entre as ideias de Paulo Freire e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.....	49
Quadro 7 – Características dos documentos analisados.....	60
Quadro 8 – Educação das relações étnico-raciais.....	63

Quadro 9 – Tipos de conteúdos programáticos.....	65
Quadro 10 – Blocos temáticos sobre a educação das relações étnico-raciais.....	67
Quadro 11 – Turmas de alunos.....	68
Quadro 12 – Professoras de educação básica I.....	69
Quadro 13 – Professores especialistas.....	70
Quadro 14 – Equipe técnica.....	70
Quadro 15 – Rodas de leitura deleite.....	77
Quadro 16 – Atividades interdisciplinares e educação das relações étnico-raciais.....	79
Quadro 17 – Materiais didático sobre a educação das relações étnico-raciais e o ensino da Cultura Afro-brasileira e Africana.....	85
Quadro 18 – Qual é a sua cor?.....	87
Quadro 19 – Formação docente em Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo.....	94
Quadro 20 – Atividades desenvolvidas por meio das parcerias no projeto Odara.....	96
Quadro 21 – Conto Mandiga.....	99
Quadro 22 – Livro de autoria de uma turma de 5º ano.....	103
Quadro 23 – Troca de e-mails.....	104
Quadro 24 – Relembrando as atividades da sequência didática Odara.....	108
Quadro 25 – Conhecimentos dos alunos sobre a sequência didática Odara.....	109
Quadro 26 – Histórias afro-brasileiras e africana.....	110
Quadro 27 – Ensino da história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiro.....	111
Quadro 28 – Conhecimentos sobre a cultura e história dos povos africano e afro-brasileiro.....	112
Quadro 29 – Autodeclaração dos alunos.....	113
Quadro 30 – Conceituando o racismo.....	114
Quadro 31 – Identificando e vivenciando o racismo.....	115

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Assentimento para os pais/ responsáveis.....	132
---	-----

ANEXO 2 – Termo de Assentimento para o aluno.....	136
ANEXO 3 – Termo de consentimento livre e esclarecido	140

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 - Karingana-wa-karingana.....	14
2 - Justificativa da pesquisa realizada.....	17
3 - Levantamento bibliográfico.....	19
4 - A pesquisa realizada.....	34
4.1 - Problemas e questão de pesquisa.....	34
4.2 - Objetivos.....	34
4.3 - Hipóteses.....	35
4.4 - Procedimento metodológico e etapas da pesquisa.....	35
4.5 - Comitê de Ética.....	37
SEÇÃO I.....	39
REFERENCIAL TEÓRICO.....	39
1.1 - Definindo raça, racismo, preconceito, preconceito racial, discriminação racial e etnia.....	41
1.2 - Conceituando currículo.....	52
1.3 - Sequência Didática.....	54
1.4 - Roda de conversa.....	56
SEÇÃO II.....	58
O CONTEXTO DA PESQUISA.....	58
2.1 - As relações étnico-raciais na legislação e documentos oficiais norteadores para o trabalho de educação das relações étnico-raciais nas escolas brasileiras.....	58
2.2 - A escola e os sujeitos da pesquisa.....	68
2.2.1 - A escola pesquisada.....	68
2.2.2 - Corpo docente.....	69
2.2.3 - Equipe técnica.....	70
2.3 - Os alunos e suas famílias.....	71
SEÇÃO III.....	72
OS DADOS COLETADOS: A PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PELOS ALUNOS.....	72
3.1 - Como tudo começou.....	72

3.1.2 - Conhecendo a turma.....	75
3.1.3 - O planejamento das rodas de conversas da sequência didática "Odora e os sólidos geométricos" e o desenvolvimento das atividades em 2014.....	75
3.1.4 - Os Registros da professora.....	83
3.1.5 - Concluindo a experiência vivida em 2014.....	91
3.2 - Formação continuada em serviços e rodas de conversa realizada em 2016 com o grupo de docentes da escola nos horários de HTPC`s	93
3.3 - Avaliação das professoras em relação ao projeto desenvolvido na escola.....	98
3.4 - Atividades realizadas em parceria com uma professora de 5º ano e seus alunos em 2016.....	99
3.5 - As rodas de conversa com os 6 alunos sujeitos da pesquisa - 2016.....	106
3.5.1 - Apresentando os alunos sujeitos da pesquisa.....	106
3.6 - As rodas de conversa com os 6 sujeitos da pesquisa - 2016/2017.....	107
3.7 - CONCLUINDO.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
DA NECESSIDADE DE CONTINUIDADE NO TRABALHO FORMATIVO DAS RODAS DE CONVERSA.....	118
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXOS.....	132
ANEXO 1 – Termo de Assentimento para os pais/ responsáveis.....	132
ANEXO 2 – Termo de Assentimento para o aluno.....	136
ANEXO 3 – Termo de consentimento livre e esclarecido	140

INTRODUÇÃO

1 – Karingana-Wa-karingana!¹

A presente dissertação tem como tema de pesquisa a educação das relações étnico-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental I especificamente, trata-se de análise de experiência de ensino-aprendizagem levada a efeito no ano de 2014 e seus impactos na formação dos alunos de 3º ano do ensino fundamental, como base em análise dos registros produzidos à época, por meio de fotos e de produção oral e escrita dos alunos e da professora, bem como por meio das percepções dos alunos sobre o tema e experiência vivida, dois anos depois, já cursando o 5º ano do ensino fundamental.

Para adentrarmos na temática desta pesquisa, apresento de forma breve e não exaustiva, minha vivência profissional como professora dos anos iniciais do ensino fundamental I, a fim de justificar e apresentar meu objeto de pesquisa.

No ano de 2000, ingressei na rede municipal de ensino da cidade de Américo Brasiliense/SP, como professora substituta temporária no ensino fundamental I, em uma classe especial para crianças com necessidades educacionais especiais, localizada na área periférica do município. Essa sala era composta por crianças e adolescentes de diversas faixas etárias, sendo a maioria negro². Ao longo dos sete anos que lecionei nesta sala, minhas maiores dificuldades foram as de enfrentar, diariamente, as práticas veladas de preconceito, discriminação e a invisibilidade das diferenças no espaço escolar.

Após a graduação em Pedagogia, concluída em 2002, no Centro Universitário de Araraquara/SP – Uniara, iniciei o curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação Especial: Ênfase Generalista pelo Centro Universitário Central Paulista – Unicep/São Carlos, a fim de buscar novos parâmetros para enfrentar as dificuldades do cotidiano escolar.

As principais experiências que me levaram ao presente trabalho foram vivenciadas em uma escola pública municipal de ensino fundamental I. Com base em minhas vivências profissionais no espaço escolar, na área da educação especial e nos anos iniciais do ensino fundamental I como professora alfabetizadora, verifiquei que as questões referentes à educação

¹"Karingana-Wa-Karingana" que significa, em português, "era uma vez". Fonte: <http://karinganawakaringana.org/index.php/2011-12-11-17-37-44/apresentacao>

²negro – conceito ressignificado pelos pesquisadores da área e pelo Movimento Negro, por agregar dados relativos a “pretos” e “pardos” sob a categoria “negros”. Trata-se de uma questão política e não se limita as características físicas, portanto, *ser negro é quem assim se define*.

das relações étnico-raciais sempre se fizeram presentes em minhas inquietações. Também observei que os temas relacionados à valorização da cultura e história do negro no espaço escolar, à inclusão dos conteúdos em prol da diversidade étnico-racial, às rodas de conversa voltadas para as questões raciais, às práticas educativas expressas em atividades curriculares e às trocas de conhecimentos com crianças negras e não-negras dos anos iniciais do ensino fundamental foram as razões pelas quais me levaram a complementar minha formação acadêmica e profissional nos cursos ofertados para professores da educação básica.

Nesses cursos tive a oportunidade de conhecer a Lei 10.639/2003, que trata do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e no sistema de ensino brasileiro, que desencadeou a Lei 11.645/2008, reafirmando a inclusão obrigatória da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” do ensino fundamental ao médio das redes de ensino brasileira pública e privada e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, que trazem para a escola, para seus profissionais e para todos os cidadãos comprometidos com a educação dos brasileiros, orientações de como e o que devem providenciar para a efetivação da Lei 10.639/2003 no cotidiano escolar. (SILVÉRIO, 2009, p. 172)

A partir do curso de extensão “*Equidade no Acesso de Populações Sub-Representadas a Cursos de Mestrado*” (UFSCar/ São Carlos-SP), conheci o Programa de Pós-graduação em Educação e cursei, na condição de aluna ouvinte, a linha de pesquisa *Estudos em Práticas Sociais e Processos Educativos* (UFSCar/ São Carlos). Logo após, passei a participar do Grupo de Estudos Políticas Sociais, Relações Étnico-Raciais e Cidadania do departamento de Didática, do Curso de Pedagogia (UNESP/Araraquara-SP).

Paralelamente a essa formação surge a oportunidade de atuar como tutora virtual pela UAB/UFSCAR de São Carlos, nos Cursos de Aperfeiçoamento *Gênero e Diversidade na Escola* (GDE) e no Curso de Especialização em *Educação das Relações Étnico-Raciais*.

No ano de 2014, iniciei o curso *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* na condição de professora alfabetizadora, esse curso abordou a temática voltada a Alfabetização Matemática com aprofundamento em Língua Portuguesa e foi a partir do referido curso que surgiu a inspiração de colocar em prática os conhecimentos aprendidos nos cursos de formação continuada, anteriormente citados, e a compartilhá-los com os alunos e alunas do terceiro ano. Assim, neste contexto, surge a sequência didática intitulada *Odara e os sólidos geométricos*, que versava sobre as seguintes temáticas: Geometria, Educação das Relações Étnico-Raciais, História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Em 2016, inspirada com os resultados obtidos durante o desenvolvimento da sequência didática e com a intencionalidade de refletir teoricamente sobre minha prática pedagógica ao final do ciclo de alfabetização, ingressei no curso de Mestrado em Educação, na Universidade de Araraquara – Uniara. Além disso, fui convidada para assumir a coordenação, do 1º ao 5º ano, na qual eu trabalho.

Ao longo do primeiro semestre, de 2016, nas disciplinas: *Bases para a elaboração de projetos de pesquisas e Instituições Educativas em suas múltiplas dimensões* fui aprendendo a construir o olhar de pesquisadora acadêmica toda vez que realizava oralmente e ou por escrito reflexões sobre o meu tema de estudo. Na verdade, as dúvidas eram imensas, mas após a leitura dos textos de Adorno (2012) intitulados: *Tabus acerca do magistério e Educação após Auschwitz*, que embora não abordassem diretamente o tema da educação das relações étnico-raciais, eles me fizeram lembrar de algumas situações presenciadas e vivenciadas por mim no espaço escolar e a refletir sobre os desafios a serem superados pela educação brasileira, principalmente quando pensamos na educação das relações étnico-raciais na escola de educação básica.

Além disso, não posso deixar de citar a minha primeira orientação no final do primeiro semestre, com a professora Dr^a Luciana Maria Giovanni, que com muita sabedoria e doçura ouviu atentamente por dezenas de minutos a apresentação da minha primeira intenção de pesquisa. Logo após a explanação da então pretendida pesquisa, com muito respeito e sutileza, ela me parabenizou e pediu para que eu contasse um pouco mais sobre o meu trabalho dentro e fora da sala de aula com o tema voltado para as questões raciais. Em seguida, contei-lhe sobre a sequência didática *Odara e os sólidos geométricos* e, ao concluir meu relato, a Professora e orientadora Luciana, me propôs um novo desafio, ou seja, de que eu pensasse em uma nova possibilidade de proposta de pesquisa a partir da sequência didática acima citada. Inicialmente, confesso que não foi um exercício fácil desapegar da primeira intenção de pesquisa, mas aceitei o desafio.

Felizmente, após as primeiras orientações, surgiu o segundo projeto de pesquisa e hoje atual dissertação intitulada *Análise de experiência de rodas de conversa sobre educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I*, que disserta sobre o tema da educação das relações étnico-raciais, especificamente, *as rodas de conversa* com um grupo de seis alunos, do 5º ano do ensino fundamental I, negros e não-negros, que haviam participado da sequência didática *Odara e os sólidos geométricos* em 2014, que será apresentada mais detalhadamente na seção II.

2 – Justificativa da pesquisa realizada

A Educação para as Relações Étnico-Raciais, a partir do ano de 2003, especificamente, após a aprovação da Lei 10.639 e da sua regulamentação pelo Parecer CNE/CP 3/2004a e da Resolução CNE/CP 1/2004b tornou-se tema obrigatório dos currículos das instituições de ensino que atuam nos diferentes níveis e modalidades da educação brasileira pública e privada.

Este conjunto de documentos legais mencionados (Brasil, 2003, 2004a, 2004b) configura-se em uma política curricular de ação afirmativa que para além da inclusão obrigatória dos conteúdos e atividades sistemáticas sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-brasileira e Africana tem como finalidade afirmar o direito à diversidade étnico-racial no espaço escolar, quebrar o silêncio pedagógico sobre a realidade afro-brasileira e africana, dar visibilidade e valorizar a história, cultura e identidade de um povo, em particular, a população negra, a qual “ainda” não teve seu espaço reconhecido na história do Brasil e no ambiente escolar.

A referida legislação, além de atribuir a escola um papel de extrema importância na eliminação das práticas discriminatórias e racistas por meio de práticas pedagógicas e dos conhecimentos científicos e culturais, recomenda de forma explícita que a aprendizagem, os estudos e atividades diárias sobre: a relações ético-raciais, a diversidade étnico-racial, social e política do Brasil sejam desenvolvidas a partir da perspectiva da *reeducação das relações étnico-raciais* e por conteúdos que estimulem competências, atitudes e valores que eduquem todos(as) os(as) alunos(as) com foco na pluralidade étnico-racial, em particular, nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História do Brasil sem prejuízo as demais. (Brasil, 2004)

Nesta direção, cabe destacar que é notório o apoio e às iniciativas realizadas por parte do Poder Público Federal no intuito de oferecer respostas as demandas e reivindicações históricas do Movimento Negro Brasileiro e da população negra conforme pontua com Silvério (2009, p.172), através das legislações e materiais didático pedagógico para professores, mas é de extrema importância salientar que essas iniciativas e ações são resultantes de um longo processo de lutas sociais e política do Movimento Negro, ao longo dos séculos XIX, XX e XIX, em prol da educação antirracista que busca a superação do racismo e das práticas discriminatórias na sociedade brasileira, em especial, no espaço escolar.

Além disso, Arroyo e Silva (2011), salientam os avanços conquistados nesta área da educação em relação aos negros, mas por outro lado, mencionam que “ainda” existe a permanência de lacunas e desafios a serem enfrentados no espaço escolar. Como por exemplo

pode se citar as tensões raciais que estão chegando às escolas brasileiras, portanto, não há mais como ocultá-las e silenciá-las no sistema escolar conforme enfatiza Arroyo (2011, p.111).

É neste contexto que o tema sobre educação das relações étnico-raciais se faz presente nas escolas brasileiras e desafia os profissionais da educação brasileira a refletirem e compreenderem sobre as formas de manifestação do racismo dentro da escola atual e as estratégias para combatê-lo. (SILVÉRIO 2009, p.171)

Diante do exposto vi a necessidade de se pensar sobre educação das relações étnico-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental I. Para realizar este estudo observei a realidade da escola na qual estou atuando como coordenadora pedagógica, situada no Município de Américo Brasiliense/SP, no período de 2016 e 2017 e verifiquei que, atualmente, frequentam esta unidade escolar crianças, adolescentes, jovens e adultos de diferentes pertencimentos étnico-raciais. É interessante observar que a escola conta com uma parcela significativa de alunos e alunas negros, orientados por uma equipe pedagógica composta em sua maioria por professoras e professores não negros.

Verifiquei também que, embora haja avanço na dimensão do acesso e permanência dos alunos e alunas no espaço escolar, ainda há desafios a serem superados pela escola. Para ilustrar podemos citar: práticas racistas entre os alunos, a desvalorização das denúncias de discriminação e preconceito, a negação do racismo no espaço escolar, a cultura afro-brasileira e africana sendo trabalhada de forma folclorizada e como algo do passado, a invisibilidade do povo negro no livro didático e, principalmente, o silêncio pedagógico a esse respeito ao longo do ano letivo.

Portanto, concordo com Silvério (2009, p.171) ao enfatizar que as formas de discriminação não têm nascedouro na escola, porém manifestam-se perpassam ali o racismo, as desigualdades e as discriminações correntes na sociedade brasileira.

Logo, considerando as motivações apresentadas, os resultados obtidos durante a sequência didática *Odara e os Sólidos Geométricos* e as reflexões contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana fui buscar referências teóricas pautadas na perspectiva de matriz de raiz africana, como também conhecimentos voltados para as matrizes europeias.

Assim, o primeiro passo nesta pesquisa foi fazer um levantamento bibliográfico específico sobre a temática, com vistas a obter um panorama da produção acadêmica já existente sobre o assunto a fim de justificar meu objeto.

Vejamos.

3 – Levantamento bibliográfico inicial

É a partir do contexto apresentado que realizou-se buscas por artigos, dissertações e teses nas bibliotecas digitais, como: *Scientific Electronic Library Online* – SciELO; Brasil e Bancos de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes; da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; da Universidade de São Paulo – USP; da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e da Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho”/ Campus de Araraquara-SP – UNESP.

O Quadro 1, a seguir, enumera esse conjunto de Bibliotecas digitais livres investigadas neste levantamento bibliográfico³.

Quadro 1: Bibliotecas digitais investigadas

Fonte	Links	Observações relevantes	Acesso
CAPE/MEC	http://capesdw.capes.gov.br/banco-teses/#/	Disponibiliza teses e dissertações defendidas junto aos programas de pós-graduação em todas as regiões-brasileira.	Livre
SciELO Scientific Electronic Library Online	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso	Biblioteca digital que é composta por uma coleção de artigos científicos brasileiros.	Livre
UFMA	http://www.tedebr.ufma.br/tde_busca/index.php	Biblioteca integrada a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT, em nível nacional e internacional pela Networked Digital Library of Theses and Dissertations - NDLTD, da Virginia Tech University.	Livre
UFMG	http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/1	Disponibiliza documentos científicos, oriundos dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> da universidade, que inclusive	Livre

		disponibiliza arquivos em formato de pdf, partes de textos autorizados pelos próprios autores, referências e resumos referentes a teses e dissertações.	
UFSCar	http://200.136.207.44/pergamum/biblioteca/index.php	O Banco de teses da UFSCar contempla um acervo de Teses e Dissertações <i>online</i> defendidas pelos pesquisadores dos programas de pós-graduação da UFSCar.	Livre
UNESP	http://www.unesp.br/portal#!/cgb/bibliotecas-digitais/cthedrabiblioteca-digital-teses/	O banco de Teses e Dissertações da UNESP oferece acesso ao texto completo das teses/dissertações defendidas na Unesp de (Presidente Prudente, Araraquara, Marília e Rio Claro.	Livre
UNICAMP	http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/list.php?tid=7	Disponibiliza produções científicas (teses e dissertações) defendidas na própria Universidade, em nível nacional e internacional. Além de Trabalhos de Conclusão de Curso, eventos, revistas eletrônicas, materiais especiais e produção técnico-científica digital.	Livre
PUC	http://www.sapientia.pucsp.br/	Disponibiliza teses e dissertações defendidas a partir do ano de 2005.	Livre
USP	http://www.teses.usp.br/	A biblioteca digital da USP disponibiliza em seu acervo documentos relacionados à dissertações, teses e livre-docência.	Livre

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2016.

Após este primeiro levantamento de informações verificou-se que há diversos artigos científicos e produções acadêmicas envolvendo o tema da educação das relações étnico-raciais em cada uma dessas bibliotecas. Foi possível detectar que o tema em estudo perpassa pelas diversas áreas do conhecimento como: a Psicologia, a Arte, a Sociologia, o Direito, a Antropologia, relacionando-se a diferentes objetos de pesquisa.

³ Vale assinalar que não se trata de uma lista exaustiva de fontes, mas sim de fontes às quais os autores de referência se encontram ligados pela temática aqui estudada.

Ao longo desta pesquisa foram surgindo novos caminhos para descobrir os trabalhos já existentes sobre a temática estudada, ou seja, nas universidades anteriormente citadas pesquisou-se nas abas referentes ao corpo docente e, como resultado, encontrou-se nas diferentes linhas e grupos de pesquisas, nomes de docentes⁴ renomados que pesquisam sobre o tema da educação das relações étnico-raciais. Só para ilustrar, foram localizados os nomes de pesquisadores como: Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Profa. Dra. Anete Abramowicz, Profa. Dra. Nilma Lino Gomes, Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca, Profa. Dra. Maria de Fátima Salum Moreira, Profa. Dra. Gislene Aparecida dos Santos, Profa. Dra. Elizabeth da Silva Gelli e Profa. Dra. Ângela Viana Machado Fernandes.

Com a intenção de recuperar as informações obtidas nas publicações *online* sobre o tema proposto, elaborou-se uma lista com as seguintes palavras-chave ou descritores de buscas: *educação das relações étnico-raciais, relações étnico-raciais, rodas de conversa*. Após essa aproximação inicial foi possível inserir novas palavras-chave na nova lista, tais como: *educação intercultural, educação de crianças, diversidade étnico-racial, discriminação racial, antirracismo, africanidade, etnicidade, pedagogia antirracista, multiculturalismo, cultura afro-brasileira, sociologia da infância, infância, rodas de conversa e criança negra*.

A partir dos dados disponibilizados nas bibliotecas digitais utilizadas constatou-se que, desde o ano de 2003 e da aprovação da Lei 10.639, há um número significativo de artigos, dissertações e teses voltados para a área da educação das relações étnico-raciais. Tomando as Universidades acima mencionadas, podemos citar como exemplos: *Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da PBH: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais?* (Freitas, 2014); *O não-lugar do sujeito negro na educação brasileira* (Bonilha, 2012); *Imagens da infância na escola pública de São Luís/MA: o lugar da criança no imaginário de professores* (Fonteles, 2013); *Relações étnico-raciais e de gênero e o discurso da sala de aula de português: uma abordagem etnográfica interacional* (Oliveira, 2008); *Preconceitos e discriminações raciais: um olhar de professoras sobre seus(suas) alunos(as) negros(as)* (Chiarello, 2006); e *Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?* (Algarve, 2005).

⁴Professores, estudiosos na área da questão racial que lecionam nas Universidades vinculadas aos Núcleos de estudos Afro-brasileiros, produzem pesquisas no âmbito do Ensino, da Pesquisa e da Extensão sobre África, diáspora africana, afro-brasileiros.

Após a localização das pesquisas, arroladas no Quadro 2 (Anexo 1), serão apresentados, os resumos disponibilizados nos bancos de teses das Universidades citadas contemplando as seguintes informações: área, autor, título, palavras-chave, tipo, local e ano do estudo.

Quadro 2: Produções acadêmicas disponibilizadas nos bancos de teses das Universidades 2003 - 2016

Área	Autor/Título	Palavras-chave	Tipo Local /ano
01. Direito humano	Diversidade, relações raciais e educação em direitos humanos Autor: Maria Leticia Puglisi Munhóz	Ação Afirmativa; Direitos Humanos; Discriminação Racial; Preconceito Racial; Psicologia Social; Racismo.	Dissertação USP 2009
02. Sociologia	Professor negro universitário: notas sobre a construção e manipulação da identidade étnico-racial em espaços socialmente valorizados Autor: Priscila Elisabete da Silva	Sociologia; Negros - Identidade Racial - São Carlos (SP); Negros - Condições Sociais.	Dissertação UNESP 2008
03. Psicologia Educacional	Aqui tem racismo! : um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras Autor: Caroline Felipe Jango Feitosa	Racismo; Identidades; Representações sociais Crianças negras	Dissertação UNESP 2012
04. Psicologia	Criança Negra e Educação: um estudo etnográfico na escola. Autor: Letícia Passos de Melo Sarzedas	Criança negra Escola Racismo Anti-racismo Psicologia Sócio-histórica.	Dissertação UNESP 2007

05. Antropologia	O "lance da cor": um estudo sobre estereótipos em duas escolas públicas da periferia paulistana - 2000/2001 Autor: Ana Maria de Niemeyer	Negros; Cor; Negros - Brasil Identidade Racial; Escolas Públicas; Periferias Urbanas; Relações Raciais.	Dissertação UNICAMP 2005
06. Educação	Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da PBH: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais? Autor: Daniela Amaral Silva Freitas	Literatura infantil Currículo Estudos pós-coloniais	Tese UFMG 2014
07. Educação	Educação das relações étnico-raciais: contribuições de curso de formação continuada para professoras (es) Autor: Maria Fernanda Luz	Educação das relações étnico-raciais Formação continuada	Dissertação UFSCar 2013
08. Educação	De docência e militância: a formação de educadores étnicos num programa da Secretaria Municipal de Educação de Campinas - 2003 a 2007 Autor: Wilson Queiroz	Currículos; Formação De Professores; Relações Raciais; Etnia; Educação.	Dissertação UNICAMP 2012
09. Educação	Trabalhadores e trabalhadoras técnico-administrativos em educação na UFMG: relações raciais e a invisibilidade ativamente produzida Autor: Yone Maria Gonzaga	Educação; Trabalhadores - aspectos sociais; Universidades e Faculdades; Relações Raciais	Dissertação UFMG 2011
10. Educação	Relevância da dimensão cultural na escolarização de crianças negras Autor: Thiago dos Santos Molina	Escolarização; Afirmação Cultural Afro-brasileira;	Dissertação USP 2011

		Crianças negras Cultura escolar	
11. Educação	A lei 10.639, o cotidiano escolar e as relações étnico-raciais: um estudo de caso Autor: Davi Silvestre Fernandes Martins	Negros - Condições Sociais; Educação; Escolas;	Dissertação UNESP 2010
12. Educação	Representações sociais sobre as crianças negras na educação infantil: mudanças e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora Autor: Carolina de Paula Teles	Educação Infantil; Prática Pedagógica; Relações Raciais; Teoria Das Representações Sociais.	Dissertação USP 2010
13. Educação	Educando pela diferença para a igualdade: professores, identidade profissional e formação contínua Autor: Rafael Ferreira Silva	Currículo; Educação das Relações Étnico-Raciais; Formação Contínua; Identidade Profissional; Políticas Públicas de Ações Afirmativas.	Dissertação USP 2010
14. Educação escolar	Educação e relações raciais: Percepções de alunos e professores de uma escola pública de São Carlos Autor: Viviane Barboza Fernandes	Relações raciais Brasil	Dissertação UNESP 2010
15. Educação	Os debates do significado de educar para a educação das relações étnico-raciais brasileira Autor: Ana Cristina Juvenal da Cruz	Educação das relações-étnico raciais Raça Educação Movimento Sociais Negro	Dissertação UFSCar 2010

		Sociologia das relações-étnico raciais	
16. Educação	Diversidade cultural e educação escolar: perspectiva comunicativa dialógica para o trabalho pedagógico Autor: Raquel Moreira	Diversidade Interculturalidade Comunidades de aprendizagem	Dissertação UFSCar 2010
17. Educação	A educação das relações étnico raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos Autor: Douglas Verrangia Corrêa da Silva	Ensino de Ciências Educação das relações étnico-raciais	Tese UFSCar 2009
18. Educação	Estereótipos étnicos nas representações de crianças escolarizadas em São Luís do Maranhão. Autor: Karla Cristina Silva Sousa	Estereótipos Representações sociais Racismo Preconceito	Dissertação UFMA 2009
19. Educação	Professora negra e pratica docente com a questão étnico-racial: a "visão" de ex-alunos Autor: Eva Aparecida da Silva	Educação; Lei 10.639/2003; Transculturalismo Crítico; Relações Étnico-Raciais;	Tese UNICAMP 2008
20. Educação	Relações étnico-raciais e de gênero e o discurso da sala de aula de português: uma abordagem etnográfica interacional Autor: Elania de Oliveira	Educação Teses; Negros educação aspectos sociais; Língua portuguesa estudo e ensino; Raça.	Tese UFMG 2008
21. Educação	O ensino da história e cultura afro-brasileira na óptica do coordenador pedagógico Autor: Vera Balbino da Silva Ignácio	Educação; Preconceito; Cultura Africana e Afro-Brasileira; Professores de	Dissertação PUC 2008

		ensino fundamental; Professor Coordenador; Lei N. 10.639/2003; Leis Educacionais Anti-Racismo; Brasil - Relações Raciais.	
22. Educação	Percepções das crianças sobre o currículo das relações-étnico raciais na escola: desafios, incertezas e possibilidades Autor: Eliana Marques Ribeiro Cruz	Currículo Relações-étnico raciais	Dissertação UFSCar 2008
23. Educação	Olhares de crianças sobre pobreza e raça nas relações escolares. Autor: Deise Maria Santos de Aguiar	Criança Raça Pobreza	Dissertação UNESP 2008
24. Educação	A Identidade de meninas negras: o mundo do faz de contas. Autor: Roseli Figueiredo Martins	Identidade Menina negra Educação	Dissertação UNESP 2006
25. Educação	Cultura negra na sala de aula: pode ser um caminho para a africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas Autor: Valéria Aparecida Algarve	Educação Discriminação racial Relação intergrupais Africanidade Auto-estima Identidade	Dissertação UFSCar 2004

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2016.

Durante a leitura dos Resumos, Sumários, Introduções, Metodologia e Considerações finais das 25 pesquisas localizadas foi possível conhecer nestes estudos o/a: *questão de pesquisa, objeto de estudo, procedimentos instrumentos utilizados na coleta de dados, participantes e local da pesquisa.*

Vejamos, a esse respeito, os dados do Quadro 3.

Quadro 3 – Pesquisas selecionadas

Título	Questão de pesquisa e ou objetivo	Procedimentos e instrumentos	Participantes da pesquisa	Local da pesquisa
<p>01. Aqui tem racismo!: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras</p> <p>Feitosa, (2012)</p>	<p>Investigar as representações sociais que a criança negra tem acerca da escola e compreender a construção de sua identidade e sua integração no espaço escolar.</p>	<p>Ficha de pesquisa desenvolvida pela autora, em cinco etapas reciprocamente complementares.</p>	<p>Crianças negras três últimos anos do Ensino Fundamental I.</p>	<p>Escolas Públicas Municipais da região metropolitana de Campinas.</p>
<p>02. Relevâncias da dimensão cultural na escolarização de crianças negras.</p> <p>Molina, (2011)</p>	<p>Investigar as bases teóricas e práticas escolares de pedagogias estruturadas a partir de reposições e reelaborações culturais negras na diáspora e discutir a relação entre cultura do educando e cultura escolar presente nestas concepções educativas.</p>	<p>Pesquisa documental, bibliográfica e de campo sobre o Projeto Político Pedagógico.</p>	<p>Unidade escolar.</p>	<p>Escola pública municipal localizada em um terreiro de Candomblé.</p>
<p>03. Diversidade cultural e educação escolar: perspectiva comunicativa dialógica para o trabalho pedagógico.</p> <p>Moreira, (2010)</p>	<p>Quais elementos favorecem o trabalho pedagógico que toma como eixo a diversidade existente na sala de aula?</p>	<p>Comunicativa crítica</p> <p>Coleta de dados: observação comunicativa (diário de campo e filmagem da sala de aula), Relatos comunicativos (filmagem e gravações) e grupo de discussão.</p>	<p>Crianças.</p>	<p>Salas de aula de 1º ano da Comunidade de Aprendizagem, em São Carlos.</p>

<p>04. Representações sociais sobre as crianças negras na educação infantil: mudanças e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora. Teles, (2010)</p>	<p>Em quais referenciais a professora se baseou para elaborar as suas representações sociais sobre a temática já exposta? Qual a influência do contexto social da professora para a constituição de suas representações?</p>	<p>Pesquisa de campo e entrevista com a professora.</p>	<p>Professora da educação infantil.</p>	<p>Escola pública de educação infantil, turma de 3 anos de idade.</p>
<p>05. Estereótipos étnicos nas representações de crianças escolarizadas em São Luís do Maranhão. Sousa, (2009).</p>	<p>Quais os estereótipos representados pelas crianças escolarizadas? Como compreender se os estereótipos interferem ou não nas representações que as crianças fazem sobre determinado grupo étnico?</p>	<p>Técnica livre de associações (Abric, 1994).</p>	<p>Crianças de 9 a 10 anos de idade.</p>	<p>Escola pública.</p>
<p>06. Olhares de crianças sobre pobreza e raça nas relações escolares. Aguiar, (2008).</p>	<p>Que tipo de acomodações e/ou reações são observadas, em suas práticas? Que associações elas fazem entre desempenho escolar, sexo, raça e pobreza?</p>	<p>Técnica e procedimento etnográfico. Observação em sala de aula e espaços coletivos da escola. Entrevista informal</p>	<p>Crianças.</p>	<p>Turma de 4ª série. Escola Pública.</p>
<p>07. Percepções das crianças sobre currículo e relações étnico-raciais na escola: desafios, incertezas e possibilidades. Cruz, (2008).</p>	<p>Como as crianças o tratamento dado no currículo, as relações étnico-raciais?</p>	<p>Entrevistas individuais e em grupo, encontros em grupo.</p>	<p>Crianças.</p>	<p>Turma de 4ª série. Escola Pública. Biblioteca.</p>
<p>08. Criança Negra e Educação: um estudo etnográfico na</p>	<p>Conhecer a visão que a escola, a família, as crianças e a própria</p>	<p>Metodologia etnográfica</p>	<p>Crianças negras e brancas,</p>	<p>Turma de 1ª série.</p>

escola. Sarzedas, (2007).	criança negra tem em ser negra é adentrar um espaço constituído em uma sociedade na qual os dizeres sobre o negro são permeados por ideologias e saberes desprovidos de uma visão histórica do problema.	Instrumentos: observação Livre (diário de campo) e Participante, Conversas Informais e Fontes Documentais.	Professoras brancas; Contadoras de estórias branca e estagiária branca; Famílias de crianças negras.	Escola Pública.
09. A Identidade de meninas negras: o mundo do faz de contas. Martins, (2006).	Como meninas negras tão jovens – e que por serem meninas e negras são definidas pela inter-relação entre sua condição de criança, gênero e sua raça – poderiam se opor aos valores difundidos pela identidade legitimadora, de modo de a construir.	Contos de fadas, Desenhos e Dramatizações.	Crianças (meninas).	Turma de 4ª série. Escola Pública.

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2016.

O exame das pesquisas selecionadas no Quadro 3 revela que a educação das relações étnico-raciais ainda apresenta impasses, principalmente no que tange à educação das crianças negras, pois nota-se que as práticas pedagógicas adotadas pelas escolas e seus professores ainda não são capazes de promover a igualdade racial no espaço escolar. Em outras palavras, as pesquisas destacaram que:

(...) as representações sociais das professoras sobre as crianças negras e a abordagem sobre das diferenças ainda estão pautadas por meio das ideias de democracia racial e branqueamento da população do que na promoção da igualdade racial (TELES, 2010).

(...) as representações mentais das crianças a respeito dos povos indígenas e africanos ainda são próximas às da época da colonização. No entanto, percebem as injustiças e desigualdades impostas a esses povos durante a colonização e que ainda persistem nos dias atuais (CRUZ, 2008).

(...) a escola ainda prioriza uma prática pedagógica que desconsidera as diferenças de classe, sexo, raça, cultura e crença. A escola trabalha com um modelo de aluno (a) ideal – branco (a), inteligente, bem comportado (a), heterossexual, bem vestido (a), etc – e quando as crianças fogem ao padrão

desejado tenta-se homogeneizá-las ou excluí-las e, muitas vezes, o faz utilizando-se do discurso da inclusão e da igualdade (AGUIAR, 2008).

(...) as crianças não são representadas nos recursos da escola, são estereotipadas e estigmatizadas por colegas, são ensinadas a se calarem diante de injustiças, ocupam os lugares de menor prestígio na sala de aula, constroem suas identidades a partir de referenciais brancos e são representadas negativamente (FEITOSA, 2012).

(...) a luta anti-racista deve contemplar não somente a instauração de leis, mas sim, refletir sobre de que forma a subjetividade está se constituindo num espaço cercado pelo discurso a-histórico, não crítico, racista e discriminatório (SARZEDAS, 2007).

(...) ao se questionar sobre as práticas cotidianas que discriminam e excluem crianças que supostamente deveriam encontrar, na escola, um ambiente que promovesse a construção de uma imagem positiva de si mesmas, da população negra, de sua estética e da cultura. Desse modo, buscando romper as amarras que afastam os das crianças que se fazem presentes em escolas públicas (AGUIAR, 2008).

(...) a presença da história e cultura afro-brasileira como instrumento do processo de escolarização favorece a experiência da educação escolar de crianças negras; por outro lado, tomar a história e cultura negra como fundamento da escolarização exige a emergência de outra cultura escolar, pois uma transformação nesse nível modifica não somente os conteúdos pedagógicos e práticas de ensino, mas o próprio entendimento do que seja a noção de Escola (MOLINA, 2011).

(...) as crianças negras são, em grande parte, colocadas em lugares de menor prestígio na sala de aula e o professor tem papel central nesta organização, o que evidencia que o mesmo, muitas vezes, viabiliza e reforça os estereótipos associados à criança negra. (FEITOSA, 2012).

Com o objetivo de encontrar estudos que contemplassem a temática sobre a educação das relações étnico-raciais e as rodas de conversa no ensino fundamental I, consultou-se a biblioteca digital da *Scientific Eletronic Online-SciELO/Brasil* utilizando as mesmas palavras-chave selecionadas para os Quadros 2 e 3.

Assim, o Quadro 4, apresentado a seguir, reúne os 7 artigos selecionados com o levantamento realizado no SciELO/Brasil.

Quadro 4 – Artigos científicos da SciELO/Brasil

Acesso	Assunto	Nome periódico/referência	Palavras-chave
01.Periódico Artigo SciELO	Estado do conhecimento em Relações Raciais no Brasil	MULLER, Tânia Mara Pedroso. As pesquisas sobre o "estado do conhecimento" em relações étnico-raciais. Rev. Inst. Estud. Bras.[online]. 2015, n.62, pp.164-183. ISSN 2316-901X.	Estado do conhecimento; estado da arte; relações étnico-raciais; educação; racismo.

02.Periódico Artigo SciELO	Diversidade, Política e Educação	RODRIGUES, Tatiane Cosentino e ABRAMOWICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. Educ. Pesquisa. [online]. 2013, vol.39, n.1, pp.15-30. ISSN 1517-9702.	Política educacional; Diversidade e diferença; Relações étnico-raciais; Governo Lula.
03.Periódico Artigo SciELO	Lei Prática pedagógica	GOMES, Nilma Lino e JESUS, Rodrigo E. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. Educ. rev. [online]. 2013, n.47, pp.19-33. ISSN 0104-4060.	Educação; Relações étnico-raciais; Práticas pedagógicas; Lei 10.639/2003.
04.Periódico Artigo SciELO	Racismo Crianças negras Educação infantil	<u>SANTIAGO, Flávio. GRITOS SEM PALAVRAS: RESISTÊNCIAS DAS CRIANÇAS PEQUENINHAS NEGRAS FRENTE AO RACISMO. Educ. rev. [online]. 2015, vol.31, n.2, pp.129-153. ISSN 1982-6621. http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698132765</u>	Racismo; Crianças pequenininhas negras; Educação infantil; Culturas infantis.
05.Periódico Artigo SciELO	Formação Continuada	CANAU, Vera Maria e KOFF, Adélia Maria Nehm e Simão e. Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural. Educ. Soc. [online]. 2006, vol.27, n.95, pp.471-493. ISSN 1678-4626.	Didática crítica; Diferença; Multiculturalismo; Educação intercultural
06.Periódico Artigo SciELO	Educação intercultural	OLIVEIRA, Luiz Fernandes e CANAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Educ. rev. [online]. 2010, vol.26, n.1, pp.15-40. ISSN 0102-4698.	Modernidade [Colonialidade]; Pedagogia Decolonial; Educação Intercultural.
07.Periódico Artigo SciELO	Educação intercultural	FLEURI, Reinaldo Matias. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. Educ. Soc. [online]. 2006, vol.27, n.95, pp.495-520. ISSN 1678-4626.	Interculturalidade; Multiculturalidade; Diferença cultural; Identidade cultural; Diversidade; Etnia; Gênero; Infância.

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2016.

Os trabalhos reunidos no Quadro 4 contribuem com a presente pesquisa por trazer percepções específicas para a área de educação das relações étnico- raciais, por apontarem, por exemplo, que:

- A educação é a área de conhecimento predominante dos trabalhos. Seus conhecimentos revelam prioridades e preocupações acadêmicas, destacam as problemáticas consideradas relevantes e evidenciam em seus resultados e análises questões, propostas e outras

perspectivas capitais para a compreensão de variadas demandas enfrentadas por pesquisadoras(es), professoras(es) e alunas(os) negras(os) e não negra(os) no cotidiano da escola e da Academia para enfrentamento do racismo, bem como a luta para uma formação decolonial⁵ (MULLER, 2015);

- Os estudos privilegiaram a concepção de relações étnico-raciais como uma proposta necessária a ser construída a partir da educação e do currículo e que deve refletir diretamente na formação de professoras(es) (MULLER, 2015);

- As principais ações, propostas e críticas definidas nas pesquisas se coadunam com aquelas defendidas pelo Movimento Negro e pesquisadoras(es) das diferentes áreas que lutam pela superação do racismo no Brasil (MULLER, 2015);

- Um dos principais problemas no campo da educação para as relações étnico-raciais a ser superado “ainda” é a ausência de levantamentos prévios de abrangência nacional acerca das experiências e práticas em andamento, voltadas à implementação da Lei 10.639/2003 e suas Diretrizes Curriculares Nacionais, no âmbito da escola e da gestão do sistema de ensino (GOMES e JESUS, 2013);

- O caráter emancipatório da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem contribuído para legitimar as práticas pedagógicas antirracistas já existentes (GOMES e JESUS, 2013);

- Os resultados dos estudos instigam a construção de novas práticas, explicitam divergências, desvelam imaginários racistas presentes no cotidiano escolar e trazem novos desafios para a gestão dos sistemas de ensino e para a formação inicial e continuada de professores e para a política educacional (GOMES e JESUS, 2013);

- Não há uma uniformidade no processo de implementação da Lei 10.639/2003 nos sistemas de ensino e nas escolas públicas brasileiras (GOMES e JESUS, 2013);

- Se trata de um contexto ainda marcado por tensões, avanços e limites (GOMES e JESUS, 2013);

-

⁵Decolonial – Segundo Ballestrin (2013, p.1) a expressão “decolonial” não pode ser confundida com “descolonização”. De acordo com a autora, em termos históricos e temporais, a descolonização, indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de decolonialidade indica exatamente o contrário e procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder.

- Evidenciam que o fato de pôr em discussão, nos sistemas de ensino e no espaço acadêmico, a questão do racismo epistêmico (operação teórica) privilegiou a afirmação dos conhecimentos produzidos pelo ocidente como os únicos legítimos e com capacidade de acesso à universalidade e à verdade (OLIVEIRA e CANDAU, 2010);
- A lei 10.639/03 pode criar condições, dependendo das perspectivas adotadas pelos sujeitos envolvidos, para o estabelecimento de conflitos, confrontos e negociações epistêmicas, pois essa legislação permite a visibilidade de outras lógicas históricas, diferentes da lógica dominante eurocêntrica, além de pôr em debate a descolonização⁶ epistêmica (OLIVEIRA e CANDAU, 2010).

Embora os artigos do Quadro 4 contemplem os critérios selecionados, apenas o artigo intitulado “*Gritos sem palavras: resistências das crianças pequeninhas negras*”, de Santiago (2015) está mais próximo do objetivo de estudo por compreender, a partir dos pressupostos teóricos da Sociologia da Infância e dos estudos das Ciências Sociais, relacionados às relações raciais no Brasil, a violência do processo de racialização sobre a construção das culturas infantis. Os demais estudos, neste primeiro momento, foram excluídos por não contemplarem o objeto de estudo e o sujeito selecionados para esta pesquisa.

Além disso, vale mencionar que, visando conhecer os estudos sobre *as rodas de conversa* contemplando a educação das relações étnico-raciais no ensino fundamental realizou-se uma nova busca nas bibliotecas digitais das Universidades e localizou-se as seguintes dissertações: *A participação das crianças na roda de conversa: possibilidades e limites da ação educativa e pedagógica na educação infantil* (Silva, 2015); *A roda de conversa na educação: uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento* (Ryckebusch, 2011); *A roda da conversa na educação infantil: a constituição da criança como sujeito* (Silva, 2016); *Rodas de Conversa: uma proposta para aprimorar a prática docente em educação física escolar* (Marques, 2013); e *Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin* (Alessi, 2011).

Porém, verifica-se que há pesquisas voltadas para a temática das *rodas de conversa* na área da educação, por outro lado, observa-se que ainda há falta de pesquisa que tenha como objeto de estudo a educação para as relações étnico-raciais e os processos educativos desencadeados por meio de rodas de conversa no ensino fundamental.

A amostra de estudos aqui exposta já permite problematizar o tema desta pesquisa e apresentar as suas questões norteadoras.

Assim vejamos.

4 – A pesquisa realizada

4.1 – Problema e questões de pesquisa

A questão principal norteadora desta pesquisa, é: “*Como e o que ensinam e o que aprendem alunos do ensino fundamental I, nas rodas de conversa sobre a educação das relações étnico-raciais e qual a contribuição dessa prática para a formação das crianças?*”

Outras questões decorrentes:

- a) O que dizem os registros obtidos na experiência com rodas de conversa realizada no ano de 2014?
- b) Como se manifestam atualmente (2016) esses mesmos alunos/as sobre o tema das relações étnico-raciais, agora cursando o 5º ano do ensino fundamental?
- c) O que se lembram da experiência vivida em 2014, quando cursavam o 3º ano do ensino fundamental?
- d) Qual foi o impacto formativo das *rodas de conversa* vividas por eles?

4.2 – Objetivos

Esta pesquisa tem como **objetivo geral** identificar e compreender a contribuição formativa das rodas de conversa sobre o tema “a educação das relações étnico-raciais” para alunos do ensino fundamental I no combate ao racismo, ao preconceito e o respeito às diferenças no ambiente escolar.

Desse objetivo geral decorrem os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Identificar e descrever (por meio de análise de registros, fotos e produção escrita e oral) o que ensinaram e aprenderam as crianças em rodas de conversas sobre a educação das relações étnico-raciais realizadas em 2014, no 3º ano do ensino fundamental;
- b) Identificar e descrever o que permanece na memória desses alunos, da experiência formativa vivida nas *rodas de conversa*, dois anos depois, em 2016, cursando o 5º ano do ensino fundamental;
- c) Relacionar as orientações contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana com os processos educativos desenvolvidos com as crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

4.3 – Hipóteses

As hipóteses, norteadoras desta pesquisa estão ligadas às seguintes ideias:

- a) As leis vigentes sobre a educação das relações étnico-raciais por si só não garantem a formação das crianças na busca de uma educação que respeite a diversidade racial e o combate a práticas discriminatórias e racistas.
- b) Os estudos sobre temas relacionados à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana atestam a importância e necessidade da formação dos professores e das crianças da educação básica nessa direção.
- c) As *rodas de conversa* para formação de alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, no que tange às relações étnico-raciais, têm efeitos imediatos visíveis, entretanto tendem a se perder sem a continuidade do processo de formação nesse tema específico.
- d) Às práticas dos professores e professoras não são agregadas outras estratégias que dêem amparo e continuidade ao trabalho formativo das *rodas de conversa*.

4.4 – Procedimentos metodológicos e etapas da pesquisa

Frente a situação apresentada, adotou-se a metodologia de abordagem qualitativa, a fim de procurar compreender, de maneira mais profunda, os sentidos, permanências e perdas presentes nas memórias de alunos de ensino fundamental I, dois anos depois de terem vivido a experiência de *rodas de conversa* desenvolvidas com a mediação da professora.

Trata-se de pesquisa analítico-descritiva acerca da temática em questão, visando compreender o problema de pesquisa, aprimorando ideias a respeito das *rodas de conversa* e seu impacto na formação de alunos do ensino fundamental I no que se refere às relações étnico-raciais.

A fim de concretizar os objetivos desta pesquisa realizamos as seguintes etapas:

- a) **Pesquisa bibliográfica** referente à Educação para as Relações Étnico-Raciais e o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, com o intuito de localizar os trabalhos já realizados, selecionar as reflexões dos pesquisadores e pesquisadoras sobre o assunto e identificar o conhecimento já acumulado sobre o tema;
- b) **Pesquisa documental** com base em 2 fontes:

Fonte 1: arquivos existentes na escola contendo todos os registros de experiência com *rodas de conversa* realizada com alunos de 3º ano do ensino fundamental, em 2014. Foram selecionadas e analisadas no conjunto de registros arquivados, as atividades desenvolvidas com as crianças, o diário da professora com a transcrição das observações, os materiais produzidos pelos alunos e pela professora e devolutivas feitas para a escola;

Fonte 2: legislação e documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais – Apresentação e Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 e Lei 10639/03).

- c) **Pesquisa empírica** para coleta de informações com os mesmos alunos (agora cursando o 5º ano do ensino fundamental), por meio de atividades específicas sobre relações étnico-raciais, com vistas a identificar e descrever o que permanece na memória deles, da experiência formativa vivida nas *rodas de conversa* dois anos antes.

Sujeitos da pesquisa: 6 alunos do ensino fundamental I (quintos anos).

A razão do número de sujeitos participantes definido, 6 alunos, está ligada ao fato de que esses 6 alunos participaram da experiência de 2014 e que, em 2016 ainda permaneciam na escola, matriculados nos 5º anos.

Critérios de Seleção: alunos de quinto ano que participaram da sequência didática “*Odara e os Sólidos Geométricos*” no ano de 2014.

Local e ano de realização do projeto: este projeto foi realizado em uma escola municipal do ensino fundamental I, de uma cidade de pequeno porte do interior do Estado de São Paulo, no ano de 2016. A escolha desta escola está vinculada à realização da sequência didática *Odara e os sólidos geométricos* em 2014.

Procedimentos de coleta de dados:

- Contato com a escola;

- Explicitação dos objetivos da pesquisa para a diretora e professora do quinto ano, pais e alunos;
- Contato com as professoras dos quintos anos em HTPI (horário de trabalho pedagógico individual) para expor e organizar o trabalho com os alunos;
- Verificação do interesse dos(as) alunos(as) em participar e agendar com a professora os dias dos próximos encontros com os(as) alunos(as), cujos pais assinaram o *Termo de consentimento livre e esclarecimento*;
- Realização de 4 (quatro) *rodas de conversa* com os seguintes instrumentos:

- 1) Levantamento, por meio de exercício de memória, de *livros e histórias com personagens negros e negras* – com registro oral e escrito, mediado por questões norteadoras voltadas para as relações étnico-raciais;
- 2) Autodeclaração de raça/cor;
- 3) Exercício de memória com base no tema *racismo*, com registro oral e escrito;
- 4) Exercícios de memória com base no tema *história e cultura do povo negro*, com registro oral e escrito.

Materiais: folha de sulfite, lápis preto, fotos, notebook, celular.

Para **apresentação dos dados nesta pesquisa** foram realizados os seguintes procedimentos:

- a) Mapeamento, organização e apresentação dos dados em quadros-síntese das informações obtidas;
- b) Organização de roteiro para análise dos dados, com base nas questões, objetivos e hipóteses da pesquisa e nos conceitos norteadores da investigação: *discriminação racial, preconceito racial, racismo e relações étnico-raciais*.

4.5 – Comitê de Ética

A avaliação dos aspectos éticos da pesquisa, conforme estabelece o Regimento do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Araraquara - UNIARA é de responsabilidade de todos os agentes envolvidos na pesquisa (pesquisador principal, orientador e Colegiado da

Instituição de origem da pesquisa), nesta perspectiva, esta pesquisa atendeu aos procedimentos previstos pelo Comitê de Ética e foi aprovada com o CAAE: 62267116.5.0000.5383.



Cabe ainda acrescentar a esta Introdução que esta pesquisa foi dividida em três seções: **referencial teórico, o contexto da pesquisa e os dados coletados.**

A **seção I** traz o embasamento teórico, apoiado nas reflexões dos autores, Munanga (2005, 2006 e 2016) e Silva (2003, 2005, 2010 e 2013), seguidos dos estudos de pesquisadores do tema como: Sant’ana (2005), Gomes (1997, 2005, 2006 e 2010), Fonseca (2008) e Freire (1980 e 2011).

Na **seção II** apresenta-se o contexto da pesquisa, com a análise do conjunto de dispositivos legais norteadores sobre o tema na educação brasileira, a apresentação da escola e o perfil dos sujeitos da pesquisa.

A **seção III** reúne os dados da pesquisa descrevendo-os e organizando-os em quadros-síntese.

Finalmente encerram esta Dissertação as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas utilizadas, os Apêndices e os Anexos.

⁷Sankofa é um pássaro africano de duas cabeças e segundo a filosofia africana significa aproximadamente voltar ao passado para ressignificar o presente. O pássaro tem uma cabeça voltada para o passado e outra cabeça voltada para o futuro. Resgatar a memória para continuar fazendo história no presente... “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás”, sempre podemos retificar nossos erros. Aprender do passado, construir sobre as fundações do passado. Em outras palavras, volte às suas raízes e construa sobre elas para o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade em todos os aspectos da realização humana. Fonte: <https://projetomitologia1.wordpress.com/2011/10/10/sankofao-passaro-ancestral/>, acesso em: 27/05/2018.

SEÇÃO I

REFERENCIAL TEÓRICO

Como um dos temas centrais deste estudo é a educação das relações étnico-raciais realizou-se uma busca a partir das referências das teses e dissertações selecionadas, com o objetivo de conhecer as obras mais citadas nos referidos estudos, a fim de conhecer alguns dos conceitos fundamentais contemplados na temática estudada.

Para ilustrar a pesquisa realizada apresenta-se a seguir o Quadro 5, reunindo as obras de referência encontradas nos estudos anteriormente citados nos Quadros 2, 3 e 4.

Quadro 5 – Obras de referência

AUTORES	TÍTULO DA OBRA
BENTO, Maria Aparecida Silva.	<i>Cidadania em Preto e Branco: discutindo as relações raciais</i>
BERNAD, Zila.	<i>O Que é Negritude</i>
CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva.	<i>Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil</i>
CAVALLEIRO, Eliane.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Do silêncio do lar, ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil</i> • <i>Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola</i>
FANON, Frantz.	<i>Pele negra, máscaras brancas</i>
FAZZI, Rita de Cássia.	<i>O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito</i>
FREYRE, Gilberto.	<i>Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal</i>
GOMES, Nilma Lino.	<i>Experiências étnico-culturais para a formação de professores</i>
GONÇALVES e SILVA, Petronilha.	<i>O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos</i>
MUNANGA, Kabengele	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Negritude: usos e sentidos</i> • <i>Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra</i> • <i>Superando o racismo na escola</i>
MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>O negro no Brasil de hoje</i>

SILVA, Consuelo Dores.	<i>Negro, qual é o seu nome?</i>
SANTOS, José Rufino.	<i>O que é racismo</i>
SOUZA, Neuza Santos.	<i>Tornar-se negro. As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social</i>

Fonte: Quadro organizado pela própria autora, 2016.

As obras citadas foram selecionadas por apresentarem situações do cotidiano que ilustram e nos ajudam a visualizar e a compreender conceitos fundamentais para o estudo da temática abordada nesta pesquisa, ou seja, elas abordam conceitos como: raça, racismo, preconceito, preconceito racial, discriminação racial e descolonização.

Além disso, vale mencionar que dentre as obras pesquisadas no Quadro 5, selecionou-se inicialmente como apoio teórico para esta pesquisa a obra: *Superando o racismo na escola*, organizada pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga. Desta obra destaca-se em especial, o artigo *História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados* do Teólogo Antônio Olimpo de Sant'Ana, que versa sobre o racismo e seus derivados, como o preconceito e a discriminação.

De acordo com Sant'Ana (2005)

(...) o racismo é uma prática que nasceu na Europa, no século XV. E desde então, tem gerado dor, tristeza, sofrimento e morte para milhões de seres humanos por causa da cor de sua pele ou devido a sua origem (p.14).

Segundo as reflexões do autor, o racismo se fortaleceu na Idade Média, por meio da cultura popular e sobrevive aos tempos por ser transmitido através das gerações. Para Sant'ana (2005) o racismo é um fenômeno ideológico que se consolida por meio dos preconceitos, discriminação e estereótipos (p.43).

Destaca-se também, a obra *O negro no Brasil de hoje* do Prof. Dr. Kabengele Munanga e da Prof.^a Dr.^a Nilma Lino Gomes, especificamente, o capítulo *Racismo, discriminação racial e ações afirmativas*. Neste estudo, os autores apresentam uma breve reflexão acerca das desigualdades entre negros e brancos no Brasil.

Nesta direção, Munanga e Gomes (2006), destacam que no Brasil há uma profunda desigualdade social e racial entre negros e brancos, inclusive salientam que tal desigualdade é resultante de um longo processo histórico, político e social no nosso país e que afeta diretamente a população negra (p.172).

Além disso, os autores enfatizam que

(...) essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social somada e à desigualdade socioeconômica, que atinge toda a população brasileira e, de modo particular, os negros (p.172).

Nesta perspectiva, é interessante salientar que as reflexões de Munanga e Gomes (2006) sobre a situação vivida pela população negra brasileira, bem como a questão racial no Brasil, sinalizam para a necessidade dos negros e não-negros que moram no nosso país conhecerem e refletirem sobre as diversas expressões e os conceitos utilizados em nosso cotidiano, como racismo, discriminação racial, preconceito, etnia, raça, entre tantos outros (p.173).

Por isso, é válido ressaltar e concordar com o alerta de Munanga e Gomes (2006) sobre a relevância de se que refletir sobre a questão racial no Brasil a partir da perspectiva em que esses conceitos foram construídos ao longo do processo histórico, político e social em nosso país, uma vez que trata-se um tema extremamente relevante, atual e complexo que exige constantes reflexões de todos nós brasileiros e não apenas ser pauta reflexiva e exclusiva do povo negro e do Movimento Negro.

1.1 - Definindo raça, racismo, preconceito, preconceito racial, discriminação racial e etnia

Considerando os apontamentos de Munanga e Gomes (2006) sobre a necessidade de conhecermos as expressões e a complexidade dos conceitos acerca da questão racial utilizados no Brasil e sem a pretensão de esgotar as reflexões sobre a temática proposta, optamos, nesta pesquisa, por utilizar os conceitos que nos parecem fundamentais e mais citados nas produções acadêmicas, pelo Movimento Negro e pelos teóricos da área da educação das relações étnico-raciais, tendo em vista contribuir para a melhor compreensão desses conceitos no ambiente escolar.

Vejamos:

Ações afirmativas

(...) programas e medidas especiais adotado pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades. (BRASIL, 2010, p. 1)

Africanidades Brasileiras

Referem-se às origens e raízes da cultura brasileira, que têm origem africana. (SILVA, 2005, p. 155)

Ou seja, refere-se

(...) de um lado, ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros, e do outro, às marcas da cultura africana que independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia. (SILVA, 2011, p. 92)

Afro-brasileiro

(...) conceito vinculado à origem e a cultura africana e ao território de nascimento do indivíduo, marcando, portanto, uma situação sócio-cultural e com viés identitário. O conceito de afro-brasileira desta maneira faz uma revisão ao conceito de negro, na medida em que elabora e reivindica uma nação, uma pátria, um estado, um continente, portanto uma identidade nacional, étnico, territorial, além de uma identidade racial, marcada pela cor. O Afro-brasileiro é alguém caracterizado não somente pelo fenótipo, mas também pela cultura. Cultura esta originada na África ou por seus descendentes na diáspora imposta pela escravidão. (FONSECA, 2008, p.35)

Afro-descendente

(...) torna-se popular no bojo de debates dos conceitos de negro e afro-brasileiro no final do século 20, no entendimento de que este novo conceito pudesse abarcar os dois outros, marcando uma nacionalidade, um território comum de todos aqueles que vinculam ao continente africano pela descendência na diáspora. Conceito de afro-descendente é filho do contexto da globalização e também de articulações e negociações entre descendentes de africanos nas diversas partes do mundo. (FONSECA, 2007, p.36)

Ancestral

De acordo com Munanga (2012)

(...) na concepção africana, o clã, a linhagem, a família, a etnia são uniões dos vivos e dos mortos. Entre mortos há defuntos comuns e ancestrais. Estes últimos são os mortos que durante a vida tiveram uma posição social destacada, um rei, um chefe de etnia, um fundador de clã, etc. Origem de vida e prosperidade, ponto fixo de referência, o ancestral está sempre presente na memória de seus descendentes através do oculto que deles recebe. São representados materialmente por estátuas, pedras e outros monumentos, de acordo com a diversidade cultural africana. (p.83)

Civilização

Conceito entendido a partir da concepção antropológica, segundo a qual, a civilização

(...) é conceito científico. Situa-se no domínio cultural. Como cultura, a civilização é feita de objetos fabricados pelo homem, de comportamentos institucionalizados e de representações coletivas. Enquanto a cultura é a heranças de uma sociedade global determinada, uma civilização não

representativa de uma sociedade particular, pois reúne as culturas que realizam o mesmo modelo. (MUNANGA, 2012, p.84)

Cultura

(...) herança coletiva de uma sociedade, a cultura é o conjunto de materiais que permitem ao grupo assegurar a sua vida cotidiana, de instituições que coordenam as atividades dos membros do grupo, de representações coletivas que constituem uma concepção do mundo, uma moral, uma arte. E esse conjunto é transmitido de geração a geração, para cada membro da sociedade, através do processo educativo. (MUNANGA, 2012, p.84)

Diáspora

Originalmente, a palavra foi usada para designar o estabelecimento dos judeus fora de sua pátria, à qual se acham vinculados por fortes laços históricos, culturais e religiosos. Por extensão, o conceito também é utilizado para designar os negros de origem africana deportados para outros continentes e seus descendentes (os filhos de escravos na América, etc). (MUNANGA, 2012, p.85)

Descolonização

É entendida como dar visibilidade aos atores, culturas e conhecimentos, como as culturas africanas, as culturas populares, indígenas, migrantes, mulher e crianças, visa desnaturalizar as hierarquizações e estratificações (de idade, gênero, raça e formas corpóreas e sexualidade) e construir possibilidades de superação das desigualdades a vida de toda sociedade. (São Paulo, 2015, p. 11)

Discriminação Racial

Segundo as Nações Unidas (1968), a *discriminação racial* é:

(...) qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto ou resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública (p. 1).

Além disso, Nilma Gomes (2005) enfatiza que a discriminação racial pode ser considerada uma prática do racismo e a efetivação do preconceito (p. 55).

Discriminação

A *discriminação* é uma ação ou uma omissão que resulta na violação dos direitos das pessoas baseadas em critérios injustiçados e injustos, tais como a: raça, sexo, idade, religião e outros. Em outras palavras, a discriminação é definida como a exteriorização, a manifestação do racismo, do preconceito e do estereótipo. (SANT'ANA, 2005, p. 63)

Enegrecer

(...) maneira própria de os negros se porem no mundo ao receberem o mundo em si. Enegrecer é a face a face em que negro e branco se espelham, se comunica, sem deixar de ser o que cada um é. (SILVA, 2011, p. 101)

Etnia

É um conceito usado por alguns intelectuais e educadores para se referirem ao segmento negro do Brasil, ou seja, é outro conceito utilizado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico-racial dos negros e outros grupos em nosso país. (MUNANGA E GOMES, 2006, p.177)

De acordo com Munanga e Gomes (2006) no campo acadêmico esse termo é usado por alguns intelectuais por não carregar o sentido biológico que compreendem a etnia como: "(...) um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e territórios" (p.177).

Portanto, é possível entendê-lo como um conjunto de indivíduos que historicamente compartilham elementos comuns, ou seja, compartilham um ancestral, uma língua, uma religião, uma cultura, uma mesma cosmovisão (religião) e residem geograficamente num mesmo território. (MUNANGA, 2015)

Estereótipos

Conceito muito próximo de preconceito. Definido como a prática do preconceito. Tem como objetivo justificar uma suposta inferioridade, legitimar, aceitar e justificar: a dependência, a subordinação e a desigualdade. (SANT'ANA, 2005, p. 64)

Étnico-racial

(...) Termo utilizado para marcar as relações tensas, devidas a diferenças na cor de pele e traços fisionômicos. (...) raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática. (BRASIL, 2005, p.15)

Identidade Cultural

(...) conceito que usa muito hoje sem saber no fundo o que é. A identidade objetiva, apresentada, através das características culturais e linguísticas analisadas pelo cientista social, muitas vezes se confunde-se com subjetiva, que seria a maneira pela qual o próprio grupo define-se e é definido pelo outro. Os fatos históricos, linguísticos e psicológicos fazem parte dos componentes essenciais de uma identidade ou de uma personalidade coletiva. (MUNANGA, 2012, p.86)

Negritude

(...) conjunto de valores culturais e espirituais do mundo negro, muitos deles proibidos de se manifestarem durante o período da escravidão. (MATOS, 2004, p. 73)

Negro

Ser negro no Brasil trata-se de uma questão política e não se limita às características físicas, portanto ser *negro* é quem assim se define. Pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento e o Movimento Negro agregam dados relativos a “pretos” e “pardos” sob a categoria “negros”, bem como aqueles que reconhecem sua ascendência africana, *pele escura, cabelo crespo, etc.* (BRASIL, 2005, p.15)

Preconceito

Para o Professor Doutor Kabengele Munanga (2005, p.18) o preconceito é um produto das culturas humanas. Em algumas sociedades transformou-se em *ideologia* para legitimar e justificar a dominação de algumas pessoas sobre as outras.

Já o Teólogo Antônio Olimpo de Sant’Ana (2005), conceitua o *preconceito* como uma opinião preestabelecida, um julgamento prévio definido que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. O autor destaca que o preconceito é um fenômeno psicológico que reside

apenas na esfera da consciência e/ou afetividade dos indivíduos e por si só não fere direitos (p.62).

Preconceito Racial

O *preconceito racial* é um julgamento negativo e prévio que as pessoas de um determinado grupo constroem em relação à raça, à etnia, à religião, ao outro. Refere-se a um conceito ou opinião formado antecipadamente, sem conhecimento dos fatos. O preconceito inclui relação entre pessoas e grupos humanos, como também inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e do outro. (MUNANGA; GOMES, 2006, p.183)

Preto

Quesito criado e utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para classificar a cor da população brasileira. (BRASIL, 2005, p.15)

População negra

(...) conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor usado cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga. (BRASIL, 2010 p.1)

Raça

Munanga (2016), afirma que o conceito de “raça” surgiu nas Ciências Naturais e que tal como é empregado hoje, nada tem de biológico. O autor destaca que, existem várias versões para explicar o conceito de “raça” no Brasil. Desse modo, o sentido e razão do termo podem remeter a diversas dimensões, como:

(...) Possibilidade de diferenciação entre seres humanos, a escravidão, o racismo, a luta política pela afirmação da identidade negra e as imagens construídas e mantidas sobre “ser negro” e “ser branco” em nosso país. (MUNANGA, 2006, p.174)

Além disso, Brasil (2004) destaque o conceito “raça”

(...) é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo,

entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira (p. 5).

Por outro lado, Munanga (2006) acrescenta que

(...) raça pode ter uma conotação da própria do campo das ciências naturais. Nesse campo, trata-se de um conceito utilizado para definir classes de animais que tem origem em um tronco comum, com características físicas específicas relativas a cada raça. Durante a II Guerra Mundial (1939-1945), o Nazismo lançou mão da aplicação deste conceito, com um sentido biológico, para justificar a suposta supremacia dos brancos e arianos (considerados pelos nazistas uma raça pura e branca) sobre outros grupos promovendo a segregação, a dominação e a morte de milhões de pessoas (p.175).

Segundo Munanga (2006), atualmente, vários estudiosos e o Movimento Negro usam o termo “raça”

(...) relacionado ao reconhecimento da diferença entre grupos humanos, sem atribuir qualidades positivas ou negativas, ao reconhecimento da condição das origens ancestrais e identidades próprias de cada um deles. Esse uso tem sentido social e político, que diz respeito à história da população negra no Brasil e à complexa relação entre raça, racismo, preconceito e discriminação racial pessoas (p.175).

Racismo

Segundo as reflexões de Munanga (2000, p.24) o conceito de racismo surgiu em 1920 e, desde então, tem sido objeto de diversas interpretações e definições. Devido a razões lógicas e ideológicas geralmente é conceituado a partir da *raça*.

Sant’Ana (2005) diz que o racismo é fruto de um longo processo que objetiva usar a mão de obra barata por meio da exploração dos povos colonizados. Este processo de exploração gerava riqueza e poder, sem nenhum custo-extra para o branco colonizador e opressor (p.42).

O autor o define como ideologia bem elaborada, fruto da ciência europeia, que se fortaleceu a partir da idade média buscando justificar a superioridade da raça branca sobre as não brancas. (SANT’ANA, 2005, p.58)

Assim, a partir desta perspectiva, o racismo pode ser definido como uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos. (SANT’ANA, 2005, p.60)

Já para as Nações Unidas o racismo

(...) consiste em qualquer teoria, doutrina, ideologia ou conjunto de ideias que enunciam um vínculo causal entre as características fenotípicas ou genotípicas de indivíduos ou grupos e seus traços intelectuais, culturais e de personalidade, inclusive o falso conceito de superioridade racial. (CONVENÇÃO DA ONU, 1968, p. 3)

Resistência Negra

(...) formas de reação dos negros contra a violência do escravismo, contra a obrigatoriedade da aculturação. Fugas, suicídios, assassinatos, rejeição ao trabalho, surgimento dos quilombos, práticas de cultos. (MATOS, 2004, p. 74)

Relações étnico-raciais

Entendidas como a reeducação das relações entre negros e brancos. (BRASIL, 2005, p.13)

Por meio desta primeira aproximação verifica-se que refletir sobre a questão racial no Brasil é algo complexo e que esse conjunto de conceitos ainda permanece distante dos cursos de formação (inicial e continuada) e da própria atuação dos professores.

Por outro lado, verifica-se que esses conceitos selecionados são contemplados na área da Educação das Relações Étnico-raciais. Sendo assim, os autores apresentados a seguir auxiliam a pesquisa relatada na busca do entendimento de uma Educação para as Relações Étnico-raciais que inclua a História e Cultura Afro-brasileira e Africana como conhecimento.

Assim, esta pesquisa está pautada nas reflexões de: Fonseca (2008), Munanga (2005, 2006, 2012), Gomes (2005, 2006, 2011), Sant’Ana (2005) e nas reflexões adotadas pelo Movimento Negro Brasileiro. Além, de dois outros autores, cujas leituras se mostraram relevantes para este trabalho que são: Paulo Freire (2011) e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2005, 2011).

Embora Paulo Freire não tenha dedicado seus estudos para as questões raciais, suas reflexões possibilitam compreender os conceitos de: educação, diálogo, círculo de cultura, conteúdo programático da educação, metodologia dos círculos de investigações.

Vejamos alguns exemplos:

- Educação é um ato de conhecimento. (FREIRE, 1980, p. 25)
- Toda educação e ação educativa deve estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar. (FREIRE, 1980, p. 33)
- Cada homem está situado no espaço e no tempo, no sentido em que vive numa época precisa, num lugar preciso, num contexto social e cultural preciso. (FREIRE, 1980, p. 34)
- Para ser válida a educação deve-se considerar a vocação ontológica do homem, vocação de ser sujeito e não objeto, e as condições. (FREIRE, 1980, p. 34)
- É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo,

estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (FREIRE, 1980, p. 34)

- A rigor no círculo de cultura, não se ensina, aprende-se em reciprocidade de consciências; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no do diálogo. (FREIRE, 1987, p.6)
- Coordenar, jamais impor sua influência. (FREIRE, 1980, p. 50)

A leitura de Freire (2011), em *Pedagogia do Oprimido*, permitiu perceber que as ideias defendidas por esse Autor são muito próximas das propostas e concepções expressas nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2004), como mostra o Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 – Aproximações entre as ideias de Paulo Freire e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

Concepções	Paulo Freire	Diretrizes Curriculares
Área	Educação	Educação brasileira
Nível/Modalidade	Educação de Jovens e Adultos	Educação básica e nível superior
Objetivos	Alfabetização consciente/libertadora	Busca: <ul style="list-style-type: none"> • Divulgar e produzir conhecimentos, • Formar atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial.
Política	Política Popular	Política afirmativa e curricular que visa reparações, reconhecimento, valorização de sua história, cultura, identidade e oriunda da realidade brasileira.
Público alvo	Homens e Mulheres Jovens e Adultos	Cidadãos brasileiros negros e não-negros, desde a educação básica ao ensino superior.
Espaços	No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em reciprocidade de consciência.	É por meio da educação das relações étnico-raciais que brancos e negros, trocam conhecimentos, quebram de desconfianças e buscam como projeto a

		construção de uma sociedade justa, igual, equânime.
Papel do professor	Professor é um coordenador e sua função é dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes, propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo e reduzir ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo no círculo de cultura.	Independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou política cabe ao professor a: <ul style="list-style-type: none"> • Não improvisar a discussão dos temas sobre a questão racial e a se posicionar politicamente contra toda e qualquer forma de discriminação. • Lutar em prol da superação do racismo e da discriminação racial. • Construir estratégias educacionais que visem ao combate do racismo.
Pedagogia	Pedagogia do Oprimido Prática problematizadora	Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico-raciais positivas.
Metas	Alfabetização – aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história.	A educação das relações étnico-raciais positivas visando fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra.
Temas	Palavras geradoras	A história e cultura dos afro-brasileiros, dos africanos e da educação das relações étnico-raciais.
Método	Diálogo Círculo de cultura	Valorização da oralidade como marcador da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura.
Aprendizado	Língua marcador da cultura em que o homem é levado a escrever sua história	Aprendizado da educação patrimonial a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, almejando a preservá-lo e a difundir-lo.

Fonte: Quadro organizado pela própria autora, 2018.

O exame dos dados do Quadro 6 permite pôr em destaque aproximações à intencionalidade do trabalho docente, utilizando o diálogo, neste caso; para esta pesquisa por

se aproximar também com as *rodas de conversa*, que pressupõem tanto o ensino, quanto a aprendizagem.

Já a Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, pesquisadora da área de educação e das relações étnico-raciais, realiza seus estudos comprometida com estudos sobre: africanidades brasileiras, formação de negros e negras para o exercício da cidadania, raízes do ensinar e do aprender originárias da cultura e das condições de vida do povo brasileiro, políticas de reconhecimento e de reparações para os negros brasileiros, processos educativos decorrentes de propostas do Movimento Negro, identidades negras e formação de professores. (SILVA, 2011, p. 97-101)

Silva (2010 e 2016), em textos específicos sobre educar para as relações étnico-raciais, e Silva (2003), em texto no qual compreende a educação como um processo “(...) que se desenvolve entre gerações, gêneros, grupos raciais e sociais com a intenção de transmitir uma visão de mundo, repassar conhecimentos, comunicar experiências” (p.181), revela que *educar para as relações étnico-raciais* refere-se a muito mais que ensino e aprendizagens, ou seja, trata-se de lidar com identidades e com conhecimentos que se situam em contextos culturais os mais diversos e que envolvem trocas (muitas vezes conflitos) entre jeitos de ser e viver, em meio a relações de poder.

Além disso, salienta que

(...) assumi a postura enraizada na sabedoria africana para incentivar meus alunos em suas aprendizagens. Aprender requer uma atitude fundamental – atenção e respeito aos mais experientes, o que não significa submissão. Requer trabalho cuidadoso, esforço para interpretar dados e situações, enfrentar dificuldades, resolver problemas, planejar empreendimentos. Para aprender é preciso alguém mais experiente se disponha a demonstrar, a acompanhar a realização das tarefas sem interferir, a aprovar o resultado, ou a exigir que se refaça. (SILVA, 2011, p.109)

No texto, *Aprendizagem e o ensino das africanidades brasileiras* Silva (2005) a autora não traz menções explícitas sobre a *educação das relações étnico-raciais*, mas destaca a importância de se estudar as Africanidades Brasileiras por ter como finalidade o direito dos descendentes de africanos e de todos os cidadãos brasileiros, à valorização de sua identidade étnico-histórico-cultural e de sua identidade de classe, gênero, etária e sexual (p. 157).

Destaca que o estudo das africanidades tem como propósito que os currículos escolares:

- valorizem igualmente as diferentes e diversificadas raízes das identidades dos distintos grupos que constituem o povo brasileiro;
- busquem compreender e ensinem a respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar;

- discutam as relações étnicas, no Brasil, e analisem a perversidade da assim designada “democracia racial”;
- encontrem formas de levar a refazer concepções relativas à população negra, forjadas com base em preconceitos, que subestimam sua capacidade de realizar e de participar da sociedade, material e intelectualmente;
- permitam aprender a respeitar as expressões culturais negras que, juntamente com outras de diferentes raízes étnicas, compõem a história de vida do nosso país. (SILVA, 2005, p.157)

Cabe destacar que as reflexões de Silva (2005) e Freire (2011) contribuem para as possíveis alterações no currículo em ação dos anos iniciais do ensino fundamental I, sinalizam implicitamente pistas relacionadas as práticas pedagógicas antirracistas no ambiente escolar e sugestões temáticas sobre a educação das relações étnico-racial na sala de aula.

1.2 – Conceituando currículo

É preciso não esquecer que, ao se tratar das situações de ensino-aprendizagem relacionadas às relações étnico-raciais na escola, refere-se a currículo e seus fatores intervenientes.

A esse respeito, lançou-se mão da concepção de currículo expressa por autores como Gimeno Sacristán (2008), Libâneo (2004), Moreira e Candau (2008), que destacam nas suas reflexões a existência das diversas definições para o termo *currículo* e a dificuldade da apresentação de um conceito de currículo aceito e válido universalmente pelos estudiosos da área.

Moreira e Candau (2008), por exemplo, destacam que os fatores sócio-econômicos, políticos e culturais contribuem para a compreensão do conceito como:

- Conteúdos a serem ensinados e aprendidos;
- Experiências escolares de aprendizagem a serem vividas pelos alunos;
- Planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;
- Objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino;
- Processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização. (MOREIRA e CANDAU, 2008, p.18)

Para Libâneo (2004, p.169), o currículo viabiliza o processo de ensino e aprendizagem. É um desdobramento do projeto pedagógico, que materializa as intenções e orientações previstas no projeto em objetivos e conteúdo. É o currículo que define *o que* ensinar, *o para*

que ensinar, o *como* ensinar e as formas de avaliação. Além disso, também destaca que nas escolas existem vários níveis de um currículo, a saber:

- *Currículo formal* – refere-se ao currículo formal e oficial, estabelecido pelos sistemas de ensino ou instituições. Expresso em diretrizes curriculares, objetivos e conteúdos das áreas e ou disciplinas de estudo.
- *Currículo real* – também conhecido como currículo experienciado. É o currículo fruto das práticas dos professores que acontece na sala de aula, da percepção e do uso que os professores fazem do currículo oficial. Portanto, é a execução de um plano e a efetivação do que foi planejado.
- *Currículo oculto* – representa tudo o que os alunos aprendem pela convivência espontânea em meio das: práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar. O currículo oculto por não ser prescrito, não aparece no planejamento, mas por outro lado é de extrema importância para aprendizagem dos alunos e para o trabalho dos professores. (LIBÂNEO, 2004, p. 171)

Assim, buscando compreender e conceituar currículo, esse autor entende em seus estudos que currículo é

(...) mais do que os conteúdos escolares inscritos nas disciplinas. O currículo é um conjunto de vários tipos de aprendizagens, aquelas exigidas pelo processo de escolarização, mas também aqueles valores, comportamentos, atitudes que se adquirem nas vivências cotidianas nas comunidades, na interação ente professores, alunos, funcionários, nos jogos, e no recreio e outras atividades concretas que acontecem na escola que denominamos ora currículo real ora currículo oculto. (LIBÂNEO, 2004, p. 174)

Finalmente, Gimeno Sacristán (2008) acrescenta que é de extrema importância considerar em qualquer conceituação de currículo, que:

- O estudo do currículo deve servir para oferecer uma visão da cultura que se dá nas escolas, em sua dimensão oculta e manifesta, levando em conta as condições em que se desenvolve;
- Trata-se de um projeto que só pode ser entendido como um processo historicamente condicionado, pertencente a uma sociedade, selecionado de acordo com as forças dominantes nela, mas não apenas com a capacidade de reproduzir, mas também de incidir nessa mesma sociedade;
- O currículo é um campo no qual interagem ideias e práticas reciprocamente;
- Como projeto cultural elaborado, condiciona a profissionalização do docente e é preciso vê-lo como uma pauta como diferente grau de flexibilidade para que os professores/as intervenham nele. (Gimeno Sacristán, 2008, p. 148)

Nesta perspectiva, as perguntas que emergem, no entanto, são: Esse currículo prescrito é realidade nas escolas? Qual é o *currículo em ação* nas escolas? O avanço das leis especificamente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana garantiu mudanças no *currículo em ação* nas escolas?

Sem pretender-se esgotar as reflexões acima citada, vale salientar que esta pesquisa não pretende responder tais perguntas especificamente, mas ela traz pistas para as possíveis alterações e implementações de estudos voltados para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo das escolas do ensino fundamental I, conforme serão descritos na seção III.

1.3 – Sequência Didática

Para esclarecer os conceitos com os quais esta pesquisa foi estruturada há que se explicitar também a concepção adotada de *sequência didática*.

Para Zabala (1998, p. 18), a sequência didática ou sequência de atividades é uma possibilidade de organização do trabalho pedagógico. É entendida como uma unidade preferencial para a análise da prática que permite o estudo e a avaliação a partir da perspectiva processual que permite incluir as fases de toda intervenção reflexiva, ou seja, o planejamento, a aplicação e a avaliação.

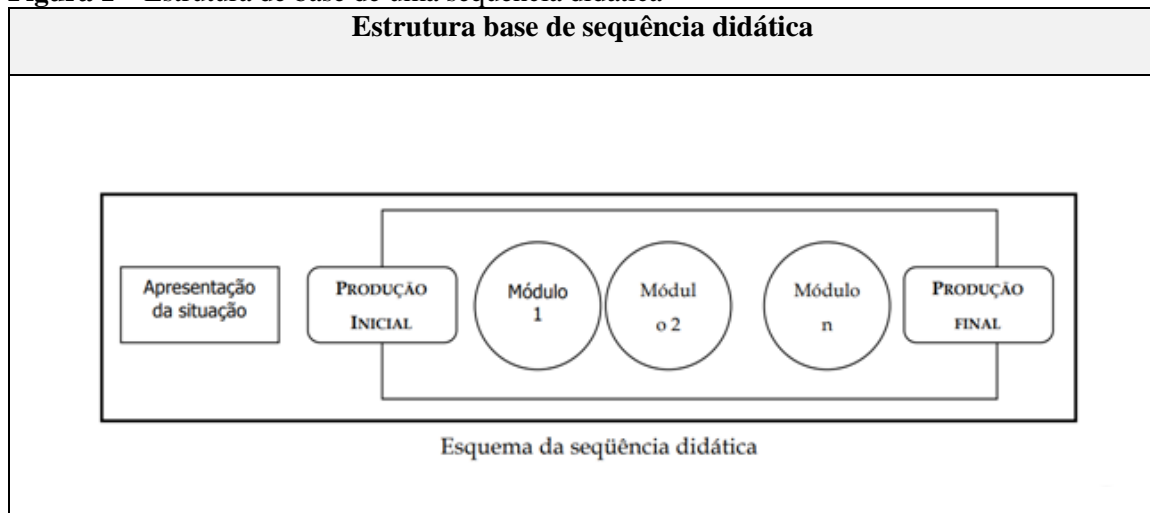
De acordo com Zabala (1998) uma sequência é composta pelos seguintes elementos, são eles: um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido pelos professores e alunos.

Nery (2007, p. 114) destaca que a sequência didática é uma das modalidades de organização dos conteúdos de trabalho pedagógico. Sem que haja um produto final, a sequência didática pressupõe um trabalho pedagógico organizado em uma determinada sequência, durante um determinado tempo planejado pelo(a) professor(a). Portanto é considerada uma modalidade de aprendizagem orgânica e possibilita que as atividades e conteúdos escolares sejam trabalhados de forma interdisciplinar.

Já Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) enfatizam que uma *sequência didática* é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (p. 95)

Além disso, os autores destacam que a estrutura de base de uma sequência didática pode ser representada pelo seguinte esquema exposto na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Estrutura de base de uma sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 95)

Sendo assim, é possível compreender que as principais características do procedimento de uma sequência didática incluem:

- **Apresentação da situação** - é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a primeira produção (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY 2004, p. 97);
- **Produção inicial** - permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas, ajustar as atividades e exercícios previstos na sequência, às possibilidades e dificuldades reais de uma turma além de definir as capacidades que os/as alunos/as deverão desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY 2004, p. 97);
- **Módulos** - constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para este domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY 2004, p. 97);
- **Produção final** – nesta etapa o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e possibilita ao professor, medir os progressos alcançados dos/as alunos/as. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY 2004, p. 97)

1.4 – Roda de conversa

Finalmente, resta-nos explicitar ainda, o conceito de *roda de conversa* selecionado para a presente pesquisa.

A *roda de conversa* pode ser entendida como uma estratégia para a *sequência didática*, tal como a definem Nery (2007), Zabala (1998) e Dolz *et all* (2004).

No livro “*Roda e Registro*” de Warschauer (1993), a autora destaca que uma característica da *roda de conversa* é

(...) reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras de pensar e sentir de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. Este momento significa estar ainda na periferia de um espiral, onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações. A constância dos encontros propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes até uma linguagem própria (p. 46).

Assim, a *roda de conversa* é uma construção própria de cada grupo. Constitui-se num momento de diálogo, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador ou de um professor. (WARSCHAUER, 1993, p. 47)

Na introdução do livro “*Roda e o Registro*”, Fazenda (1993) afirma que *roda de conversa*

(...) é mandala, é círculo, é movimento que induz e conduz à produção do conhecimento – não de um conhecimento qualquer, mas aquele que se registra, se elabora, se alicerça, se amplia e se reconstrói. Conhecimento próprio do ser humano que existe, sempre, em toda sua vida, tenha ele zero, cinco, dez ou oitenta anos de idade. (FAZENDA, 1993, p.18)

A *roda de conversa* é uma metodologia muito utilizada no contexto escolar, inclusive, nas salas de aula do ensino fundamental I. Durante uma *roda de conversa* os alunos trocam experiências, produzem conhecimentos sobre diferentes temas, trocam olhares, sorrisos, choram, ouvem histórias, compartilham experiências de vida, ampliam o repertório do vocabulário, aprendem regras, valores, respeito mútuo, solidariedade, como também, aprendem a lidar com alguns conflitos e situações-problema.

A *roda de conversa* é um instrumento essencial para o ensino da oralidade e, portanto, constitui recurso muito útil a ser utilizado com alunos ao longo do ensino fundamental, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa e, como será dissertado ao longo da pesquisa apresentada, nas aulas de ensino das relações étnico-raciais e história e cultura afro-brasileira e africana.

Finalmente, cabe indagar, a respeito do que propõe a legislação exposto até aqui: o que fazem as escolas e professores com essas orientações? Elas alteraram práticas e projetos escolares?

Embora esta pesquisa não pretenda responder essa pergunta especificamente, ela é oportuna em face das características de que se revestem diferentes escolas, em diferentes redes de ensino, como por exemplo, da escola sendo alvo da análise feita na seção III.

SEÇÃO II

O CONTEXTO DA PESQUISA

A presente seção tem como objetivo apresentar o contexto da pesquisa. Inicialmente, será apresentada uma breve síntese das principais leis, decretos, pareceres e documentos oficiais brasileiros a partir de 2003, período marcado pela aprovação da Lei 10.639/2003, a fim de contextualizar a temática acerca do tema das relações étnico-raciais no espaço escolar. Assim, a seguir, serão descritos os dados levantados durante a leitura das fontes documentais e oficiais.

2.1 – As relações étnico-raciais na legislação e documentos oficiais norteadores para o trabalho de educação das relações étnico-raciais nas escolas brasileiras

Após a seleção e leitura dos documentos oficiais da área da educação brasileira, referente à educação das relações étnico-raciais e estudo de história e cultura afro-brasileiro e africana, verifica-se os notórios avanços na legislação vigente, em prol da educação antirracista, mas por outro lado, não se pode desconsiderar as reflexões de Gomes (1997) ao salientar que, não se deve deixar de ressaltar e reconhecer as contribuições das pressões do Movimento Negro Brasileiro, com suas denúncias para a área da educação e para a legislação educacional e diz que

(...) o movimento de renovação de pensamento e da prática educacional no Brasil tem sido marcado pelos Movimentos Sociais. Os Movimentos Sociais têm trazido novas temáticas, novos olhares e novas ênfases na pesquisa, na teorização e nas propostas teóricas e intervenção no nosso sistema educacional (...) o olhar dos movimentos sociais para a educação, e, particularmente, do Movimento Negro, trouxe não somente reivindicações, mas também problematizações teóricas e ênfases específicas para a educação brasileira. Ele ratifica os direitos sociais, amplia a concepção de direito à saúde, lazer, educação. (GOMES, 1997, p. 20)

A autora e pesquisadora Nilma Lino Gomes (1997) também destaca como contribuição do Movimento Negro para o campo da educação:

- A denúncia que a escola reproduz e repete o racismo presente na sociedade e, como consequência, trouxe um olhar - enquanto instituição - que também discrimina os negros e veicula valores preconceituosos sobre eles;
- O alerta para os professores quanto à discriminação racial presente nos livros didáticos, cartazes das escolas, na reprodução dos apelidos dirigidos às crianças negras;

- A ênfase no processo de resistência negra, que elege zumbi como um dos líderes negros a ser lembrado, recontando as histórias dos diversos quilombos do país;
- A re-significação do Dia 13 de maio (*Dia da Luta contra o Racismo*) e do Dia 20 de novembro (*Dia Nacional da Consciência Negra*, um dia a ser comemorado pela população negra, pela escola e pela nossa sociedade);
- O reconhecimento da existência da produção cultural realizada pelos negros que, por sua vez, possuem uma história ancestral de origem africana;
- A consideração da existência de diferentes identidades, discutindo e afirmando que os negros constroem uma identidade racial, fruto de uma ascendência africana e realizada através das diversas relações estabelecidas nos diferentes espaços sociais e no trabalho;
- O repensar da estrutura excludente da escola, que precisa ser reconstruída para garantir não só direito de acesso à educação, como também a permanência e o êxito dos alunos de diferentes pertencimentos étnico/raciais e níveis socioeconômicos. (GOMES, 1997, p. 20-24).

Diante das reivindicações do Movimento Negro em prol da implementação da educação antirracista para o respeito à diversidade e após a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada, em Durban, na África do Sul, em 2001, a educação da população negra conquista espaço na esfera jurídica e, dessa forma, iniciam-se, no Brasil, as iniciativas concretas na política educacional.

Como resultado desta conquista e da nova política educacional é possível citar o conjunto de documentos legais com vista à inclusão da temática para a diversidade étnico-racial a: Lei Federal 10.639/2003, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, o Parecer CNE/CP Nº 003/2004, a Resolução CNE/CP Nº 1/2005, a Lei Federal 11.645/2008 e o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Assim, são selecionados e apresentados aqui 02 Leis, 01 parecer, 01 Resolução e 1 plano, a saber:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, destinada para as instituições pública e privada de ensino.
- Lei Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003 - que regulamenta a alteração trazida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996, no Artigo 26-A, 79-A e 79-B e estabelece a obrigatoriedade da inclusão nos currículos da Rede Oficial o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

- RESOLUÇÃO N° 1, de 17 de junho de 2004 – Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.
- PARECER N.º 003/2004, de 10 de março de 2004 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Deste modo, para explicitar a estrutura e os conteúdos dos documentos selecionados são apresentados a seguir os Quadros 7, 8, 9 e 10. Enquanto o Quadro 7 explicita as características dos documentos analisados, os Quadros 8, 9 e 10 atendem à necessidade de conhecer quais dos documentos direcionam com mais efetividade a prática pedagógica docente no ensino fundamental I sobre a temática estudada.

Quadro 7: Características dos documentos analisados

Documento Data de publicação Localização/órgão emissor	Estrutura / artigos / parágrafos	Assunto / síntese / finalidade do documento / destinatários
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 20 de dezembro de 1996 Presidente: Fernando Henrique Cardoso Ministro da Educação: Paulo Renato Souza	Art. 25 § 4º Art. 26-A. § 1º § 2º	Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, destinada para as instituições pública e privada de ensino.
Lei 10.639 , de 9 de janeiro de 2003 Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva Ministro da Educação: Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque Nota: Lei N° 11.645/2008 - que altera a Lei no 9.394, de 20	Art. 26-A. § 1º § 2º Art. 79-B	Lei que regulamenta a alteração trazida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996, no Artigo 26-A, 79-A e 79-B e estabelece a obrigatoriedade da inclusão nos currículos da Rede Oficial o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, como também inclui no calendário escolar

de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e inclui no currículo oficial ensino obrigatório das temáticas: “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”.		o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.
RESOLUÇÃO Nº 1 , de 17 de junho de 2004 Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva Ministro da Educação: Tarso Genro	Art. 2º §1 §2 Art. 3º § 2º § 3º	Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira.
Parecer Nº 003/2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana , de 10 de março de 2004 Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva Ministro da Educação: Tarso Genro	Questões introdutórias; Políticas de Reparções, Reconhecimento e Valorização, de Ações Afirmativas; Educação das relações étnico-raciais; História e Cultura Afro-brasileira e Africana – Determinações; Princípios: *Consciência política e histórica da diversidade; *Fortalecimento de identidades e de direito	O parecer é uma política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente a população negra.
Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares	1.2 Diálogo ampliado para a implementação da Educação das	O plano é documento pedagógico, tem como objetivo a institucionalização da implementação da Educação das Relações

<p>Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, de 2013.</p> <p>Presidente: Dilma Rousseff</p> <p>Ministro da Educação: Aloizio Mercadante Oliveira</p>	<p>Relações Étnico-raciais;</p> <p>1.3 Objetivos do Plano;</p> <p>Atribuições das instituições de ensino;</p> <p>7.1 – Educação Básica;</p> <p>7.1.2 – Ensino Fundamental.</p>	<p>Étnico-raciais. Busca orientar e balizar os sistemas de ensino e as instituições educacionais a implementação das orientações contidas nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.</p>
---	--	---

Fonte: Organizado pela própria autora., 2017.

Observando os dados do Quadro 7 percebe-se que os temas contemplados neste conjunto de dispositivos legais são:

- As Diretrizes curriculares voltadas para a educação nacional, destinada para as instituições pública e privada de ensino sobre o ensino. (BRASIL, 2004)
- A obrigatoriedade da inclusão nos currículos das redes pública e privada o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica. (BRASIL, 2003)
- A inclusão no calendário escolar do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”. (BRASIL, 2003)
- O combate ao racismo e as discriminações que atingem particularmente a população negra no ambiente escolar. (BRASIL, 2004)
- A Política curricular, fundamentada nas dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira. (BRASIL, 2004)

Além disso, percebe-se que a Lei 10.639/2003 enfatiza o reconhecimento histórico, político e cultural da população negra na formação da sociedade brasileira e a inclusão nos currículos escolares de conteúdos voltados para a história e cultura afro-brasileira e africana, com o objetivo de combater as práticas racistas e preconceituosas presentes no espaço escolar.

Em contrapartida, constata-se que os novos dispositivos legais surgiram após a assinatura e promulgação da referida lei foram a: Resolução Nº 1, de 17 de Junho de 2004, como as leis de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana .

Analisando o contexto histórico no qual a referida a legislação foi promulgada, nota-se que ela foi assinada durante a gestão de um governo de esquerda, mas tais avanços e conquistas

não foram dádivas do Estado, e sim resultados de um processo de lutas sociais e políticas da população negra ao longo dos séculos XIX, XX e XIX, em prol da educação e prescreve um currículo de combate ao racismo e a discriminação. Portanto, trata-se, de conquistas do Movimento Negro Brasileiro que representam avanços para a educação que não se podem perder no momento político e histórico de sociedade.

O Quadro 8, a seguir, traz referências sobre o ensino das relações étnico-raciais e visa compreender quais são as orientações que norteiam as ações das escolas em relação a esse ensino.

Quadro 8: Educação das relações étnico-raciais

Documentos	O que dizem sobre a educação das relações étnico-raciais
<p>RESOLUÇÃO Nº 1 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, de 17 de junho de 2004</p>	<p>O Artigo 2º, da resolução traz a meta da referida Diretriz busca promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, almejando assim, relações étnico-sociais positivas e a construção da nação democrática.</p> <p>Artigo 2º§1º apresenta do objetivo da Educação das Relações Étnico-raciais e tem como foco:</p> <ul style="list-style-type: none"> a divulgação e produção de conhecimentos voltados para atitudes, posturas e valores dos quais eduquem a todos os cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial; o respeito aos direitos legais e a valorização de identidade na busca pela consolidação da democracia. <p>Já no artigo 3º destaca que a Educação das Relações Étnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira e serão desenvolvidos por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores a serem estabelecidos pelas Instituições e seus professores.</p>
<p>PARECER Nº 003/2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, de 10 de março de 2004.</p>	<p>O parecer apresenta como referência para os sistemas de ensino e para seus professores explicitados os desdobramentos dos seguintes princípios:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consciência política e histórica da diversidade • Fortalecimento de identidade de direitos • Ações educativas de combate ao racismo e as discriminações <p>Em relação ao ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas e a Educação das Relações Étnico-raciais, explicita que serão desenvolvidos no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidade de ensino, como conteúdos das disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não, trabalhos em sala de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares.</p>

<p>PLANO Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana, de 2013.</p>	<p>Aborda a questão da Educação das Relações Étnico-raciais serem elementos estruturantes do projeto político-pedagógico das unidades escolares.</p> <p>Destaca como ações do ensino fundamental a abordagem da temática étnico-racial como conteúdo multidisciplinar e interdisciplinar durante todo ao letivo, buscando construir projetos pedagógicos que valorizem os saberes comunitários e a oralidade, como instrumentos construtores de processos de aprendizagem.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Observa-se no Quadro 8 que, a partir da aprovação da Resolução Nº1, de 17 de junho de 2004, a temática sobre a educação das relações passa a fazer parte dos temas de ensino na área da educação, especificamente do ensino da educação das relações étnico-raciais no currículo das escolas brasileiras e nas diferentes modalidades de ensino da educação.

Constata-se também que Resolução Nº 1 e a Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana destacam:

- a promoção a educação de todos os cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, visando assim, relações étnico-sociais positivas e a construção da nação democrática.
- o respeito aos direitos legais e a valorização de identidade.
- o ensino da Educação das Relações Étnico-Raciais e deverão desenvolvidos por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores estabelecidos pelas Instituições e seus professores.
- a relação ao ensino da Educação das Relações Étnico-raciais, será desenvolvida no cotidiano das escolas, perpassando pelos diferentes níveis e modalidade de ensino, compõe os conteúdos das disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não e podem ser realizados nos diferentes ambientes das escolas.

Além disso, nota-se que o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana propõe como direção para o ensino fundamental, abordar a temática étnico-racial por meio da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade, ao longo do ano letivo. (Brasil, 2013)

Assim, outro dado que vale mencionar no conjunto de dispositivos legais são os objetivos almejados pela Educação das Relações Étnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo escolar:

(...) a divulgação e divulgação de conhecimentos, bem como atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto a pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca de consolidação da democracia brasileira. (BRASIL, 2004, p. 1)

Já o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo:

(...) o reconhecimento e valorização da identidade, história dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas. (BRASIL, 2004, p. 1)

Os preceitos legais analisados apresentam, ainda, orientações em relação aos tipos de conteúdo do currículo escolar, no que tange especificamente ao ensino da educação das relações étnico-raciais e questões raciais – o Quadro 9 apresentado a seguir, reúne essas orientações.

Quadro 9: Tipos de Conteúdo programático

Documento	Temas a serem contemplados no currículo das escolas
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 20 de dezembro de 1996 Presidente: Fernando Henrique Cardoso Ministro da Educação: Paulo Renato Souza	Art. 26-A § 1º sugere como conteúdo de estudo da (o): <ul style="list-style-type: none"> • História da África e dos africanos; • Luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil; • Cultura negra e indígena brasileira; • Negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003	A lei no Artigo 26-A §1º cita como temas: <ul style="list-style-type: none"> • A História da África e dos Africanos; • A luta dos negros no Brasil; • A cultura negra brasileira; • O negro na formação da sociedade nacional; • A contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil. O Artigo 79-B diz sobre o “Dia da Consciência Negra”, a ser comemorado no dia 20 de novembro.
RESOLUÇÃO Nº 1 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a	A resolução destaca que: a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores

Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira , de 17 de junho de 2004	estabelecidos pelas Instituições de ensino, professores, sistema de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas a partir das recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004.
Parecer Nº 003/2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira , de 10 de março de 2004	O parecer versa sobre os desdobramentos dos seguintes princípios: <ul style="list-style-type: none"> • Consciência política e histórica da diversidade; • Fortalecimento de identidade de direitos; • Ações educativas de combate ao racismo e as discriminações.
Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira , de 2013.	O Plano nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira não menciona temas específicos para currículo das escolas.

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

O exame do Quadro 9 permite destacar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira (2005) chama a atenção para as seguintes questões:

- Para o ensino e aprendizagem desses temas, todos os alunos negros e não-negros e seus professores precisam sentir-se valorizados e apoiados;
- Tal pedagogia de combate ao racismo, à discriminação racial e à construção de ações afirmativas precisa ser construída nas diferentes modalidades de ensino.

Considerando-se tais questões buscou-se encontrar nos documentos oficiais orientações que norteassem o trabalho do professor dos anos iniciais do ensino fundamental, em sala de aula, sobre a temática proposta. Assim, visando conhecer os conteúdos trabalhados pela educação das Relações Étnico-raciais realizou-se a leitura dos seguintes documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação:

- Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética, volume 8, de 2001;
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, orientação sexual - volume 10, de 2001;
- Superando o racismo na escola, de 2005;

- Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais, 2006.

Procurou-se com isso, aprofundar as reflexões sobre o ensino da educação das relações étnico-raciais, não com o intuito de apresentar modelos prontos, mas sim com a intenção de buscar elementos que norteassem o trabalho docente com os(as) alunos (as) dos anos iniciais do ensino fundamental I. Com esse objetivo foi elaborado o Quadro 10, apresentado a seguir.

Quadro 10: Blocos temáticos sobre Educação das Relações Étnico-raciais

Documentos	Possíveis temas a serem abordados na educação das Relações Étnico-raciais
Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética, volume 8. Presidente: Fernando Henrique Cardoso Ministro da Educação: Paulo Renato Souza	Bloco – Respeito mútuo; Bloco – Justiça; Bloco – Diálogo; Bloco – Solidariedade.
Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, orientação sexual - Temas Transversais, volume 10 Presidente: Fernando Henrique Cardoso Ministro da Educação: Paulo Renato Souza	Bloco – Pluralidade cultural e vida das crianças no Brasil; Bloco – Constituição da pluralidade cultural no Brasil e situação atual; Bloco – O ser humano como agente social e produtor de cultura; Bloco – Pluralidade cultural e cidadania.
Superando o racismo na escola Presidente: Fernando Henrique Cardoso Ministro da Educação: Paulo Renato Souza	Texto - Aprendizagem e o ensino das africanidades brasileiras, de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Texto - Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação, de Nilma Lino Gomes.
Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva Ministro da Educação: José Mendonça Bezerra Filho	1.6 - Memória, história e saber, de Eduardo Oliveira

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) embora não mencionem explicitamente a *educação das relações étnico-raciais* abordam temas que dizem respeito a: pluralidade cultural, diversidade étnica cultural, cidadania, complexidade da convivência com a diversidade em um mesmo território, as culturas, transversalidade e interdisciplinaridade.

2.2 – A escola e os sujeitos da pesquisa

Nesta seção apresento a escola e os sujeitos da pesquisa. Portanto, vale mencionar que para descrever os dados levantados referente as características da: escola, alunos, equipe docente foi utilizado o Plano de Gestão - Quadriênio da Unidade Escolar (2014-2017).

2.2.1 – A escola pesquisada

A pesquisa foi realizada na escola municipal de ensino fundamental “Dona Lúcia Mariana Romania Berti”, localizada `a Rua Pedro Mussi, nº 500, no bairro São Judas Tadeu no Município de Américo Brasiliense/SP, no período de 2016 a 2017.

A unidade escolar está localizada na área periférica do Município e nos seus arredores há um centro de educação e recreação infantil, uma escola estadual (ensino fundamental II, ensino médio e educação de jovens e adultos), uma instituição não governamental, uma quadra poliesportiva, edifícios da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano - CDHU, salão de festa da igreja católica, diversas igrejas evangélicas, lojas, lanchonetes, bares, praça pública, ponto de ônibus, oficina de automóvel, padaria, casas, ruas asfaltadas, sinalização de trânsito, orelhão, iluminação e coleta de lixo.

A escola atende crianças de 6 a 10 anos, nas modalidades do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I e educação especial. Funciona em dois turnos, das 07h:00 às 12h:00 e das 13h:00 às 18h:00. Sua estrutura reúne salas de aulas, sala de recurso, laboratório de informática, sala dos professores, sala da direção, quadra esportiva, pátio, banheiros para alunos, banheiros para funcionários, banheiros para professores, cozinha, arquivo, secretaria, capa para funcionário e Hall. Vale destacar que em todas as salas de aula há um canto da leitura, em duas salas há lousas digitais e, em outras quatro salas, além da lousa verde há quadro branco e retroprojeter.

Atualmente, na escola, há 471 alunos matriculados que estão distribuídos em 20 turmas, como mostra o Quadro 11:

Quadro 11: Turmas de alunos

Turmas	1º anos	2º anos	3º anos	4º anos	5º anos	*Sala de Recursos
Total de alunos	96	90	105	94	86	06

*Alunos já contabilizados nas salas de aula do ensino regular

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Essa escola atende crianças oriundas do próprio bairro, dos bairros periféricos e da área rural do Município, que chegam à escola por meio do transporte escolar, veículo próprio ou caminhando.

Além disso, vale mencionar que há uma rotatividade significativa dos alunos ao longo do ano letivo na escola, ou seja, a escola os recebe como também realiza transferências de alunos para os estados do Maranhão, Bahia e Pernambuco.

As turmas, por ano e ciclo, são compostas com aproximadamente de 19 a 31 alunos por sala de aula. São crianças que apresentam diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, mas que buscam, além de o ensino, lazer e alimentação. Também frequentam a escola um grupo de alunos portadores de alguma deficiência e ou algum tipo de distúrbio de aprendizagem.

Por outro lado, observando a rotina da escola durante a pesquisa observa-se que as crianças gostam de estar da escola e participam de aulas de apoio pedagógico. Cerca de 40 alunos participam do *Projeto Fanfarra da escola* e de outros projetos disponibilizados pela escola.

A estrutura organizacional é composta por 1 diretora administrativa, 1 Assistente Técnica Pedagógica, 2 professoras polivalentes, 6 professores especialistas, 3 professoras da Educação especial, 1 professora interlocutora, 2 professoras colaborativas da Educação Especial, 2 monitores de informática, 5 inspetores de alunos, 2 secretarias, 4 auxiliares de limpeza e 4 cozinheiras.

2.2.2 – Corpo docente

O quadro docente conta com um total de 22 professoras (PEB I), ou seja, 15 professoras polivalentes efetivas, 2 professoras substitutas efetivas (para apoio pedagógico e substituição), 5 professoras substitutas temporárias polivalentes (em sala de aula), 7 professores especialistas efetivos (PB II), 3 professores especialistas temporários (PEB II), 1 interlocutora temporária, 3 professoras de educação especial efetivas (Sala de Recursos) e 2 professoras colaboradoras temporárias da educação especial.

É o que mostram os Quadros 12 e 13, a seguir.

Quadro 12: Professoras de Educação Básica I

Professores Alfabetizadores	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	Professoras substitutas efetivas
Quantidade	05	04	04	04	03	02

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 13: Professores Especialistas

Área de atuação	Arte	Música	Ed. de Física	Inglês	Profª Sala de Recursos	Profª Interlocutora ⁸	Profª colaboradora Ed. Especial
Quantidade	04	01	04	02	03	01	02

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Vale ressaltar que todos os docentes mencionados nos Quadros 12 e 13 são licenciados, além disso, a maioria apresenta formação em pós-graduação *lato-sensu* em alguma área da educação. Todos ingressaram na docência por meio de concurso público de provas e títulos, conforme indicado nos artigos 62 e 69, inciso I, da Lei de Diretrizes e Bases Nacional, de 1996.

2.2.3 – Equipe técnica

O Quadro 14, a seguir, apresenta a composição da equipe técnico-administrativa da escola.

Quadro 14: Equipe técnica

Quantidade	Função	Formação
01	Diretora Administrativa	Ensino Superior
01	Assistente Técnica Pedagógica	Ensino Superior
02	Secretária	Ensino Médio
05	Inspetores de alunos	Ensino Médio
04	Cozinheiras	Ensino Médio
04	Auxiliar de limpeza	Ensino Médio
02	Monitores de informática	Nível Superior

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

⁸Professora interlocutora - é conhecida como *Intérprete de Libras*, trabalha na sala onde há alunos surdos e/ou com deficiência auditiva.

A equipe técnica conta com a colaboração de apenas 3 homens, sendo dois inspetores de alunos e um monitor de informática. As demais áreas e funções são ocupadas por mulheres.

2.3 – Os alunos e suas famílias

As crianças que frequentam essa escola são provenientes de diferentes tipos famílias, como também da *Casa Abrigo* do Município. São filhos de pais com baixo nível de escolaridade, os quais vivem em condições sociais precárias e são oriundas de famílias em que as mulheres e os filhos maiores necessitam trabalhar para ajudar na renda familiar. São pais que trabalham na lavoura, na indústria canavieira, no comércio, em casa de família, em fábricas e em serviço público.

Há uma parcela significativa de famílias que recebe assistência dos programas sociais do Governo Federal como *Bolsa família* e *Bolsa leite*.

Assim, observando o dia a dia da escola nota-se que as famílias procuram estar na escola em diversas situações e por diversas razões como: na entrada e saída dos períodos de aula, para buscar orientação sobre a vida escolar dos alunos, para registarem queixas, para justificarem as ausências dos alunos nas aulas, para possíveis encaminhamentos dos alunos com dificuldades de aprendizagem a especialistas.

De acordo com a proposta de gestão da escola, uma parcela significativa das crianças que frequentam a escola é oriunda de outros estados do país.

Segundo Santos (2016), a questão do negro está presente nas salas de aula brasileiras. De acordo com sua análise, essa é uma condição recorrente nas escolas em geral, com as mais diversas características. Certamente, se repete na escola analisada. A pergunta que se coloca é: Que tratamento esta escola tem dado às relações étnico-raciais, à história e à cultura africana?

Os dados coletados apresentados na Seção III, a seguir, buscam essas respostas.

SEÇÃO III

OS DADOS COLETADOS: A PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PELOS ALUNOS

Esta seção tem a intenção de apresentar e analisar os dados coletados:

a) Seja em relação às *rodas de conversa* e à sequência didática “*Odara e os sólidos geométricos*” desenvolvida ao longo do ano letivo de 2014 em *rodas de conversa* com um grupo de alunos 3º ano do ensino fundamental I e às atividades que contemplavam, a temática sobre a Educação das Relações Étnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana;

b) Seja em relação às atividades de formação em serviço desenvolvidas com o grupo de docentes e suas respectivas turmas de alunos, no período 2016/2017 na unidade escolar, local do desenvolvimento da pesquisa;

c) Seja em relação às reflexões realizadas em 2016, em *rodas de conversa* com um grupo de 6 alunos que participaram da sequência didática em 2014 e permaneceram na escola, dois anos depois, cursando o 5º ano.

Busca-se, assim, reunir os dados que permitam responder às seguintes questões da pesquisa:

- O que dizem os registros obtidos na experiência com *rodas de conversa* realizada no ano de 2014?
- Como se manifestam em 2016, esses mesmos alunos/as sobre o tema das relações étnico-raciais, já cursando o 5º ano do ensino fundamental? O que se lembram da experiência vivida em 2014, quando cursavam o 3º ano do ensino fundamental?
- Qual foi, de fato, o impacto formativo das *rodas de conversa* vividas por eles?

3.1 - Como tudo começou...

Primeiramente, vale ressaltar que essa sequência didática foi desenvolvida pela pesquisadora quando esta atuava como professora alfabetizadora, com uma turma de um 3º ano da “EMEF Dona Lúcia Mariana Romania Berti”, localizada em Américo Brasiliense/São Paulo, durante o ano letivo de 2014.

Além disso, é importante destacar que as razões que a conduziram a desenvolver este trabalho com as crianças de 3º ano foram: em primeiro lugar, após o resultado da atividade proposta pela professora que consistia em os alunos pintarem imagens das personagens do Sítio do Picapau Amarelo, constatou-se que uma grande maioria utilizou o lápis marrom e/ou o lápis bege para pintar os desenhos.” Inesperadamente, a partir dessa atividade, foi possível perceber a contribuição das *rodas de conversa* intermediadas pelo uso das histórias infantis com personagens negros e negras.

Em segundo lugar, no ano de 2014 estava participando como cursista do curso Programa de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC e, como conclusão do curso, teria que apresentar um produto final, que era construir um livro de história produzido com as crianças dessa turma, contemplando um conceito matemático. Assim, decidiu propor para a turma um tema voltado para as áreas da educação das relações étnico-raciais e da Matemática.

A referida sequência didática teve como objetivo principal e por meio das *rodas de conversa* em sala de aula, introduzir estudos voltados para a educação das questões étnico-raciais, o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e, paralelamente, desenvolver o comportamento de escritor a partir dos livros infantis e do ensino das figuras geométricas.

Para alcançar os objetivos propostos presentes nesta sequência didática realizou-se uma *roda de conversa* com os alunos e alunas, visando apresentar-lhes a lei 10.639/03 e o seu objetivo. Após essa primeira conversa, almejando aguçar a curiosidade por parte das crianças e desenvolver o comprometimento com a atividade proposta, foram compartilhadas com a turma o conteúdo e os objetivos pretendidos na sequência didática. Foram explicadas as principais etapas, bem como o que aprenderiam em cada uma delas, além de informar-lhes sobre o produto final da atividade proposta, ou seja, a produção de um livro de conto, de autoria da turma, cujo tema era a Geometria e as relações étnico-raciais.

Além disso, buscou-se produzir, coletivamente, com as crianças, o contrato didático da turma, incluir na rotina escolar a *hora da leitura deleite*, realizar *rodas de conversa* (a partir de questões norteadoras sobre os temas estudados), organizando grupos de trabalho heterogêneos, fazendo uso de *slides* para complementar as aulas expositivas, mudando as disposições das mesas e cadeiras da sala de aula, utilizando materiais manipuláveis, inserindo recursos midiáticos em sala de aula, solicitando atividades e ou materiais com antecedência e sensibilizando os pais e responsáveis durante as reuniões bimestrais. Além disso, sempre que possível, procurou-se expor os trabalhos realizados pelas crianças nos murais, postar fotos da

turma desenvolvendo as atividades na página do *Facebook* da escola, convidar algumas professoras (interessadas pela temática) e seus alunos para desenvolverem algumas atividades entre alunos de diferentes turmas em sala aula ou outros espaços na escola.

Realizou-se pesquisa bibliográfica em bibliotecas *online*; participou-se simultaneamente como cursista dos cursos: *Aperfeiçoamento para as relações étnico-raciais* e do Curso de formação continuada *Pacto Nacional na Idade Certa*, assistiu-se a documentários, participou-se do Seminário Internacional: *Perspectiva sobre Infância e Educação Infantil: Diferenças, Sociologia da Infância e Relações Étnico-racial* e foi realizada *rodas de conversa* com as crianças da turma para conhecer os conhecimentos prévios sobre a temática estudada.

A fim de ilustrar as demais estratégias utilizadas durante a presente sequência pedagógica, podem ser citadas ainda:

- Organização da sala de aula: organização das mesas e cadeiras em círculo, retangular, dupla, trio e ou quarteto;
- Avaliação diagnóstica dos conhecimentos dos conteúdos estudados - rodas de conversa a partir de questões norteadoras; debates, desenhos individuais;
- Atividades de escrita: leitura e análise coletiva dos recursos linguísticos dos contos, ditado ao professor de um conto, reescrita em duplas, releitura e reconto dos contos para planejamento do texto a ser produzido, revisão coletiva dos textos escritos pelas crianças com o apoio da professora, revisão coletiva considerando a linguagem utilizada, produção final de um conto desconhecido, passar a limpo o texto revisado, autoavaliação escrita;
- Hora da leitura deleite: leitura de livros infantis (com protagonistas negros e negras) realizada pela professora em voz alta, pelo menos três vezes na semana;
- Leitura compartilhada e individual de obra de arte, textos informativos, textos matemáticos, contos de origem afro-brasileiro e africanos;
- Trabalho coletivo: pequenos grupos em uma só tarefa, pequenos grupos realizando atividades diferenciadas;
- Atividades interdisciplinares na sala de aula: pesquisa de opiniões, aulas práticas, aulas expositivas com recursos tecnológicos midiáticos, leitura e reprodução de mapas;
- Produções textuais contemplando biografias, receitas, conto infantil e situações problemas;

- Aquisição de conhecimentos: visita ao zoológico, aulas expositivas dialogadas, dobraduras, manipulação de instrumentos africanos;
- Arte: construção dos sólidos geométricos, confecção de máscaras a partir dos rostos dos alunos, oficina de confecção de brinquedos e brincadeiras africanas, audição de músicas.

Com isso é possível perceber que as *rodas de conversa* constituem estratégias de empoderamento dos alunos e alunas intencionalmente escolhidas e preparadas pela professora como exposto a seguir.

3.1.2 - Conhecendo a turma

A turma do 3º ano era composta por 20 alunos, negros e não-negros, sendo 11 meninos e 9 meninas, com faixa etária entre 7 e 8 anos de idade, com diferentes ritmos, estilos e níveis de aprendizagem.

Nesta turma, no início de fevereiro de 2014, havia crianças que ainda não dominavam as expectativas de aprendizagem esperadas para o final do segundo ano, nas áreas de Língua Portuguesa e de Matemática, inclusive quatro crianças que estavam na hipótese silábico-alfabética de leitura e escrita e os demais estavam na hipótese alfabética com muitos erros ortográficos e apresentavam um conhecimento muito restrito nos conteúdos contemplados nos eixos da Geometria e tratamento de informações.

Também havia na turma crianças de diferentes tipos de família, algumas crianças viviam em uma casa abrigo do Município, crianças com dificuldade de aprendizagem, outras com histórico de agressividade, baixa autoestima e famílias com pouca participação na vida escolar das crianças.

3.1.3 - O planejamento das *rodas de conversa* da sequência didática “Odara e os sólidos geométricos” e o desenvolvimento das atividades em 2014

Em 2014, as *rodas de conversa* sobre a Educação das Relações Étnico-raciais ocorriam semanalmente, de duas até quatro vezes na semana, de acordo com a rotina da sala ou demanda

da turma, mas na maioria das vezes, aconteciam no início das aulas ou então logo após o intervalo.

Como os temas trabalhados perpassavam por diversas disciplinas e a turma apresentava um ritmo lento de aprendizagem, as rodas variavam no tempo de duração, pois no início gastávamos em torno de dez minutos e conforme fomos aprofundando os temas, as conversas chegavam aproximadamente a 35 minutos.

Nesta direção, vale destacar que a descrição das atividades desenvolvidas com os alunos do 3º ano de 2014 foi realizada a partir de 2 fontes: as anotações do Diário de Classe e dos materiais produzidos pela professora e pelos alunos, entre eles textos, desenhos, fotos e relatos. A consulta ao material escrito e a transcrição do material foi feita da maneira mais fiel possível, isto é, mais próxima da linguagem espontânea tanto na escrita quanto na oralidade dos alunos.


Além disso, as atividades propostas visavam transformar a sala de aula em um espaço para a aprendizagem e interação entre alunos negros e não-negros, inclusive, em um ambiente de trocas de conhecimentos e de incorporação dos conteúdos relacionados à Educação das Relações Étnico-raciais, respeito à diversidade étnico-racial e cultural da turma do 3º ano, nas disciplinas de Matemática, Arte, Ciências, Língua Portuguesa e Geografia.

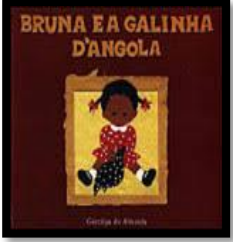
Assim, vale mencionar que as atividades descritas nos Quadros 15 e 16, foram elaboradas considerando a determinação exposta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana que diz:

(...) não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia. É preciso ter clareza que o Art. 26ª acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para a aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas. (BRASIL, 2004, p.17)

A seguir serão apresentadas as atividades desenvolvidas em 2014, no âmbito das rodas de conversa.

Quadro 15: Rodas de leitura deleite

Livro	Objetivos	Atividade desenvolvida / Disciplinas envolvidas
	<p>Incluir os personagens negros buscando romper com as imagens negativas e forjadas pelos meios de comunicação;</p> <p>Introduzir o tema sobre as relações étnico-raciais no 3º ano;</p> <p>Desencadear o processo de afirmação de identidades;</p> <p>Estimular a compreensão de que a nação brasileira é formada por pessoas que pertencem a diferentes grupos étnico-raciais;</p> <p>Fortalecer nos alunos negros e despertar nos alunos não negros a consciência negra;</p> <p>Valorizar as marcas da cultura de raiz africana ao lado da escrita e da leitura.</p>	<p>Leitura em voz alta pela professora do livro: Qual é a sua cor?</p> <p>Roda de conversa a partir da seguinte questão: Qual é a sua cor?</p> <p>Atividade - Registro da pesquisa oral da turma a partir da questão: Qual é a sua cor?</p> <p>Atividade - Produção coletiva de gráfico e tabela: Raça/Cor.</p> <p>Atividade - Roda de conversa para sobre as características físicas dos alunos.</p> <p>Atividade - Desenho e ficha da autobiografia.</p> <p>Atividades - Livro Ler e Escrever do aluno.</p> <p>Disciplinas envolvidas: Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia.</p>
	<p>Ler e escutar diversos gêneros textuais previstos para as diversas etapas da sequência didática Odara;</p> <p>Participar das diversas <i>rodas de conversa</i>;</p> <p>Desenvolver a escuta atenta, acolher e considerar as opiniões dos colegas;</p> <p>Desenvolver a competência leitora.</p> <p>Produzir textos previstos na sequência didática Odara, considerando o gênero textual;</p> <p>Estabelecer relações;</p> <p>Expressar sentimento e opiniões;</p>	<p>Leitura em voz alta pela professora do livro Bruna e a Galinha D' Angola.</p> <p>Atividade: Interpretação oral do livro Bruna e a Galinha D' Angola.</p> <p>Roda de conversa: sobre o que eu sei sobre África.</p> <p>Atividade: Audição da música África, do grupo Palavra Cantada.</p> <p>Atividade - Explorando os mapas Brasil e Africano.</p> <p>Atividade - Leitura para estudo (Continente Africano - Coletânea de atividades).</p> <p>Atividade - Leitura para estudo (Você sabia que...? - Coletânea de atividades).</p>

	<p>Relatar acontecimentos relacionados ao tema da educação das relações étnico-raciais;</p> <p>Reconhecer algumas permanências e transformações históricas, sociais, econômicas e culturais na cultura Brasileira;</p> <p>Conhecer e valorizar as diversidades de padrões de beleza, saúde e estética corporal existente em diferentes grupos que formam a nação brasileira;</p> <p>Identificar as marcas da herança africana entrelaçadas no contexto social brasileiro.</p>	<p>Atividade - Leitura para estudo (Origem dos Africanos no Brasil - Coletânea de atividades).</p> <p>Atividade - Leitura para estudo (O povo brasileiro - Coletânea de atividades).</p> <p>Aula expositiva e roda de conversa sobre: a forma como os negros escravizados chegaram ao Brasil.</p> <p>Atividade - Pesquisa de palavras de origem africana.</p> <p>Roda de conversa sobre a partir do documentário: Alguns dos muitíssimos Inventores e Cientistas Negros.</p> <p>Atividade - Construção de corpos geométricos.</p> <p>Atividade: Produção de panos a partir de dobraduras.</p> <p>Atividade - Produção de texto em dupla sobre as características os sólidos geométricos a partir de materiais recicláveis.</p> <p>Atividade - análise coletiva dos recursos linguísticos do conto afro-brasileiro.</p> <p>Disciplinas envolvidas: Língua Portuguesa, Matemática, Arte, História e Geografia.</p>
--	---	---

Fonte: Elaborado pela Própria autora, 2017.

Além das atividades escrita e orais fruto das *rodas de conversa* mencionadas no Quadro 16, foram propostas para a turma atividades complementares, de caráter interdisciplinar, contemplando o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e educação das relações étnico-raciais, considerando as determinações explicitadas nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana* que destaca:



O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais, tal como explicita o presente parecer, se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares. (BRASIL, 2005, p 21)



Cabe mencionar que esses temas sugeridos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana transversalizam qualquer área do conhecimento, mas por outro lado, constatei que a própria legislação induz a uma leitura fragmentada e ao ensino disciplinar desta temática na sala de aula.



O Quadro 16, a seguir, discrimina tais atividades.

Quadro 16: Atividades interdisciplinares e a educação das relações étnico-raciais

Registro	Objetivos	Atividades
	<p>Utilizar de diferentes linguagens corporais musicais, e plásticas, na busca de avançar seu processo de construção de sua identidade.</p> <p>Valorizar a diversidade étnico-cultural brasileira por meio de vivências e experiências que respeitem a corporeidade dentro da cosmovisão africana que entende o corpo como unidade mínima possível para qualquer aprendizagem e local de memória, força e cultura.</p>	<p>Roda de dança</p> <p>Duração: aproximadamente 30 minutos.</p> <p>Participantes: em grupo.</p> <p>Material: notebook, caixa de som, áudios com músicas afro-brasileira (selecionadas anteriormente pelos alunos com músicos negros e negras), 30 cm de tecido.</p> <p>Local: Sala de aula.</p>

	<p>Participar, observar e reconhecer canções, jogos e brincadeiras que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras.</p> <p>Identificar as influências africanas na música brasileira.</p> <p>Despertar o senso de respeito e solidariedade.</p> <p>valorizar a corporeidade e a arte, a parte da dança, marcas da cultura de raiz africana.</p> <p>Ampliar o repertório musical dos alunos com ritmos musicais de origem afro-brasileiro.</p>	<p>Procedimentos: Em primeiro lugar é selecionado um (a) aluno (a) para iniciar a brincadeira. O restante dos alunos (as) formam uma grande roda e o aluno(a) escolhida irá para o centro da roda formada pelo grupo. Ao iniciar a música o aluno escolhido inventará movimentos corporais, de acordo com ritmo da música, e os demais alunos (as) irão imitá-lo. Em um determinado momento da brincadeira, o aluno que esta no centro da roda escolhe um novo participante e entrega-lhe o tecido e encontra um local na roda e passa a imitar os movimentos do (a) aluno que irá para o centro da roda. A brincadeira será encerrada após a participação de todos (as).</p> <p>Alunos (as) no centro da grande roda.</p>
	<p>Desenvolver de atitudes de cooperação e colaboração.</p> <p>Respeito à diversidade étnico-racial e cultural.</p> <p>Reconhecer a identidade afro-brasileira para valorizar a diversidade étnico-racial.</p> <p>Reconhecer de forma crítica o conceito biológico de raça humana.</p> <p>Utilizar os conhecimentos matemáticos cotidianos e aplicá-los nos contextos cultural e escolar.</p> <p>valorizar a oralidade, como a marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura.</p>	<p style="text-align: center;">Situações-problemas</p> <p>Duração: aproximadamente 120 minutos.</p> <p>Participantes: em grupo.</p> <p>Material: Círculos coloridos de EVA, Letras em EVA (N, B, A, P, P), fita adesiva, giz, lousa, lápis e caderno.</p> <p>Local: Sala de aula.</p> <p>Procedimentos: Com as carteiras em organizada em círculo, a primeira etapa da atividade foi norteada pela seguinte questão: “Qual é a sua cor/raça?”. Cada aluno (a) na sua vez se encaminhava até a lousa e anexava em cima de uma letra sua cor. Na segunda etapa, teve como objetivo</p>

		<p>a construção coletiva de situações problemas, considerando os dados elaborados pela turma.</p> <p>Observação: Nesta atividade assumi o papel a escriba da turma. Utilizei a lousa para registrar as questões do gráfico. Finalizamos a atividade com os alunos copiando as atividades em seus cadernos.</p>
 	<p>Utilizar de diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e artística) na busca de avançar seu processo de construção de sua identidade.</p> <p>Interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes, experimentando-os, tocando-os, sentindo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais.</p> <p>Conhecer as produções e apresentações artísticas dos povos africanos e afro-brasileiros.</p> <p>Compreender, identificar e reconhecer as concepções de estética africana como referências que podem auxiliar na construção de novas percepções sobre nós mesmos e sobre a identidade brasileira.</p>	<p style="text-align: center;">Máscaras africanas</p> <p>Duração: aproximadamente 240 minutos.</p> <p>Participantes: em grupo.</p> <p>Material: notebook, caixa de som, vídeos (disponibilizados na internet), jornal, pincel, tinta guache, folhas coloridas de papel color set, giz de cera, sobras de fios de lã coloridos, gesso, água.</p> <p>Local: Sala de aula.</p> <p>Procedimentos: Na primeira etapa foi realizada uma roda de conversa a partir dos trechos dos vídeos: “África, diversidade e permanência”, “Máscaras Africanas Enero 2013”, “Máscaras Africanas II Mayo2013” e “O artesanato africano”.</p> <p>Já a segunda etapa, foi destinada para a confecção e das máscaras, a partir dos moldes dos rostos de cada aluno com o uso de gesso, idealizada e norteadas pelo professor de Arte. A terceira parte desta atividade foi destinada para a pintura, a colagem dos fios de lã nas máscaras, como também para a pintura da folha de papel color set com giz de cera para colar cada máscara, finalizamos esta etapa</p>

		com a exposição das máscaras no pátio da escola.
	<p>Explorar e conhecer os sólidos geométricos.</p> <p>Criar sólidos geométricos utilizando matérias manipuláveis e massa de modelar.</p> <p>Produzir um texto informativo sobre um sólido geométrico.</p>	<p style="text-align: center;">Explorando os sólidos geométricos</p> <p>Duração: aproximadamente 120 minutos.</p> <p>Participantes: em grupo, até 4 alunos.</p> <p>Material: sólidos geométricos, massa de modelar e canudos plásticos.</p> <p>Local: Sala de aula.</p> <p>Na atividade 1, os alunos manipularam e conversaram sobre as semelhanças e diferenças dos sólidos e depois selecionaram e construíram um sólido com massa de modelar e canudos.</p> <p>Já na atividade 2, em dupla cada dupla selecionou e criou um texto informativo sobre o sólido selecionado.</p>
	<p>Desenvolver o comportamento leitor e gosto pela leitura.</p> <p>Produzir um conto de autoria a partir da escrita coletiva.</p>	<p style="text-align: center;">Produção do Livro</p> <p>Duração: aproximadamente 10 semanas</p> <p>Participantes: todos os alunos.</p> <p>Material: Notebook, Retroprojeter, lápis preto, lápis de cor, folhas de sulfite, sulfite colorido, cola,</p> <p>Local: Sala de aula.</p>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Vale ressaltar que esse trabalho foi realizado ao longo do ano letivo, com 4 rodas de conversa por semana, compreendendo registro, avaliação, *feedback*, como ressaltam os autores Zabala (1998) e Warschauer, 1993 estudiosos dessa técnica.

Trata-se, portanto, de um trabalho que exige dedicação e constância dos professores e professoras.

3.1.4 - Os registros da Professora

❖ Período de Preparação: primeiras ações

Para alcançar os objetivos propostos presentes nesta sequência didática destinou-se um momento para a seleção de material didático e elaboração das atividades com base no plano de ensino da unidade escolar e nível de aprendizagem dos alunos (as).

❖ Organização dos grupos de trabalho

A seleção dos grupos de trabalho seguiu dois critérios básicos: 1º critério, os grupos deveriam ser heterogêneos, ter meninos e meninas negros e não-negros e; 2º critério utilizado foi respeitar os diferentes ritmos e níveis de aprendizagem dos (as) alunos (as).

❖ Recursos Materiais

Em relação aos materiais didáticos devido as visões estereotipadas, a omissão do processo histórico e cultural do povo negro, a imagem estigmatizada do negro visto apenas como serviçal, a ausência de contos africanos e afro-brasileiros, a ausência do mapa do continente africano e a ausência da História da África nos livros didáticos de História e Geografia buscou-se informações nos referenciais teóricos para nortear as aulas expositivas e as *rodas de conversa* a partir das seguintes obras:

- *Porque riem da África*, de Dilma Melo Silva;
- *África descobrindo mitos*, de Dagoberto da Fonseca;
- *O negro no Brasil*, de Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes.

- *Crianças como você: uma emocionante celebração da infância no mundo*, de Barnabas Kindersley e Anabel Kindersley.
- *Para quando a África? Entrevista com René Holenstein/Joseph Ki-Zerbo*, de Carlos Abim de Brito.

Além disso, foram realizadas buscas na internet e localizados filmes, episódios de documentários, curtas metragens e vídeos e que, por sua vez, foram utilizados durante as aulas de História, Língua Portuguesa e Geografia. Para ilustrar, é possível citar os seguintes mini-documentários:

- ⁹Cientistas e inventores negros promovendo a alteridade e combatendo o racismo.
- ¹⁰Phatyma.
- ¹¹Máscaras africanas.
- ¹²Zumbi dos Palmares.

No Diário bordo da professora localizou-se anotações com listas contemplando os endereços dos documentários, títulos de livros da área de educação das relações étnico-raciais, sugestões de vídeos e músicas disponibilizados na internet e a lista contemplando títulos de livros infantis de contos afro-brasileiros, áudio-livros, vídeos e músicas utilizadas durante as aulas.

Veja:

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h0hv9fg88n8>

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EgZGQtAMdwM>

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ft8HPgNogr8>

¹² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-MLl-nPk_gE

Quadro 17: Materiais didático sobre a educação das relações étnico-raciais e o ensino da Cultura Afro-brasileira e Africana

Livros de literatura infantil/ Referências	Áudio-livro	Músicas	Vídeos
<p>Rapunzel e o Quibungo</p> <p>Autor: Cristina Agostinho/Ronaldo Simões</p> <p>Coelho Agostinho</p> <p>Editora: Mazza Edições</p> <p>Ano de publicação: 2012</p>	<p>Menina Bonita do laço de fita</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XU23FT3vPZM&t=7s</p>	<p>Capoeira Cantiga A E I O U Criança</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Iz5jH8t8NhM</p>	<p>Ep. 04: Dos Grilhões ao Quilombo - 500 Anos: O Brasil Colônia na TV - TV Escola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uXdLY6tMLUE</p>
<p>João e Maria.</p> <p>Autor: Cristina Agostinho/Ronaldo Simões</p> <p>Coelho Agostinho</p> <p>Editora: Mazza Edições</p> <p>Ano de publicação: 2013</p>		<p>ABC da Capoeira</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nDh_DNLOUsk</p>	<p>Roda Africana - DVD As Melhores Brincadeiras da Palavra Cantada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QjlmRDk9ktI</p>
<p>Cadarços Desamarrados</p> <p>Autor: Madu Costa</p> <p>Editora: Mazza Edições</p> <p>ano de edição: 2009</p>		<p>Família – Titãs</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NME312MvpnM</p>	
<p>Tanto, Tanto</p> <p>autor: TrishCooke</p> <p>editora: Ática</p> <p>ano de edição: 2008</p>		<p>Oro mimá – Bantos</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Tsl2-ioOQA4</p>	
<p>Pretinha de Neve e os sete</p> <p>Autora: Rubem Filho</p> <p>Editora: Paulinas</p> <p>ano de edição: 2013</p>		<p>Hino Nacional – Olodum</p> <p>Disponível em: https://www.yo</p>	

		youtube.com/watch?v=5xentchNl-Y	
<p>Zumbi o pequeno guerreiro Kayodê Editora: Quilombhoje ano de edição: 2007</p>		<p>África - Palavra Cantada Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yGv47mv7874</p>	
<p>Kofi e o menino de fogo autor: Nei Lopes editora: Pallas ano de edição: 2008</p>		<p>Marinheiro só - Mestre Suassuna Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YOYXUbVMVA4</p>	
<p>Zumbi dos Palmares Autora: Sandra Lane Editora: Mazza Edições Ano de edição: 2010</p>		<p>Sambalelê - Zé Renato - Samba pras crianças Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZEg2105Dhys&index=2&list=PLIiJAEUUFp2mzel27cmpew7V_MWXHOW4n</p>	
<p>Só um Minutinho: um conto de esperteza num conto de contar. Tradutor: Ana Maria Machado Autor: Yuyi Morales Editora: FTD Ano de publicação: 2006</p>			
<p>As perólas de Cadija Autor: Joel Rufino dos santos Editora: Global Ano de edição: 2001</p>			

Valentina Autor: Márcio Vassallo Editora: Global Ano de edição: 2007			
Rainha da Bateria Vila Autor: Martinho da Vila Editora: Lazuli Ano de edição: 2009			
Bruna e a Galinha d`Angola Autora: Gercilga e Almeida Editora: Pallas Ano de edição: 2011			

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2018.

❖ Atividades avaliativas

No diário verifica-se que diversos instrumentos avaliativos foram utilizados, como a autoavaliação dos (as) alunos (as) escrita e oral, alguns trechos com falas dos alunos durante as *rodas de conversa*, produção texto e ilustrações produzidas pelos (as) alunos (as). São elas:

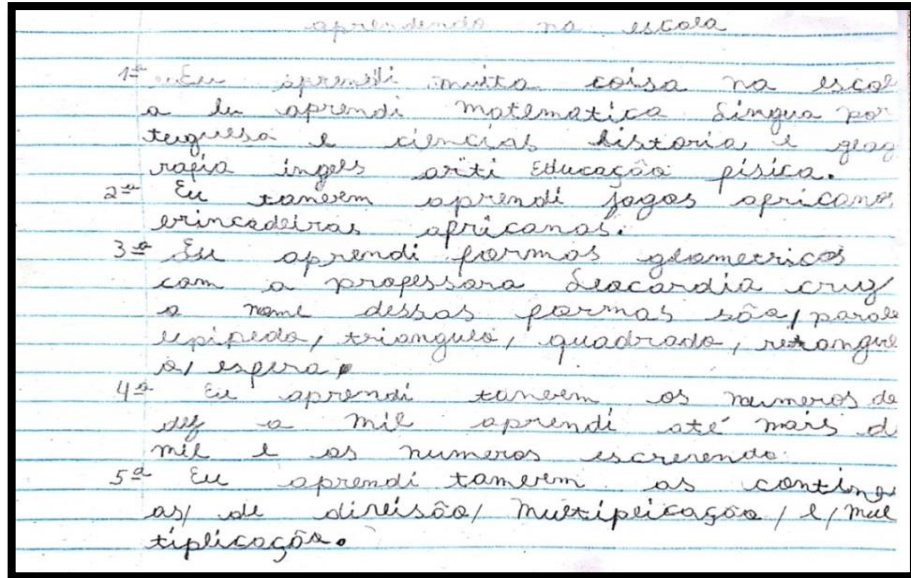
❖ Autoavaliação oral

Quadro 18: Qual é a sua cor?

Mês	Roda de conversa	Categorias citadas pelos alunos(as)
Fevereiro	1º roda de conversa	Cor de pele – 2 alunos Moreno (a) – 6 alunos Raça misturada- 1 aluno Misturado (a) – 5 alunos Branca – 2 alunos Café – 1 aluno Carvão – 1 aluno
Abril	2º roda de conversa	Branco – 3 alunos Negro – 3 alunos Pardo – 9 alunos

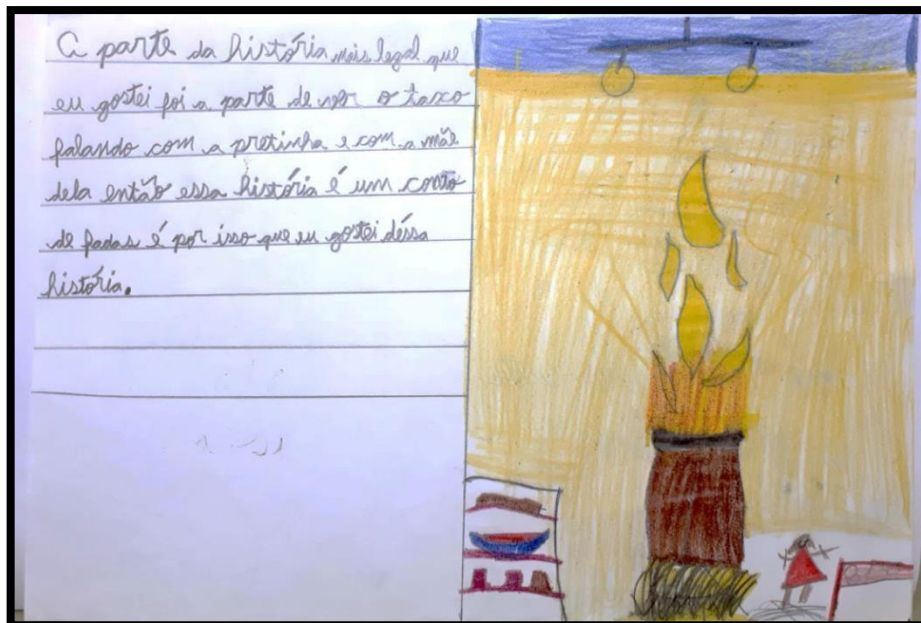
Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

❖ Autoavaliação escrita

Figura 2: Autoavaliação escrita por aluno de 3º ano

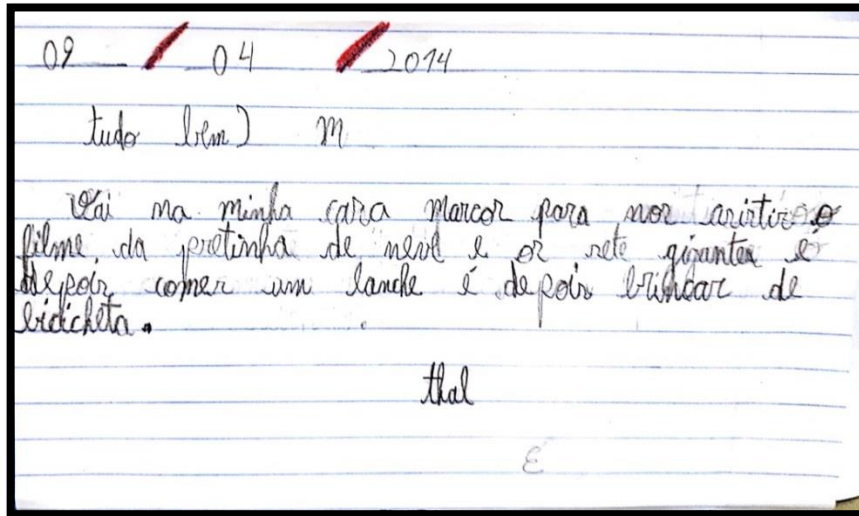
Fonte: Caderno do aluno, 2014.

❖ Registros das rodas de leitura

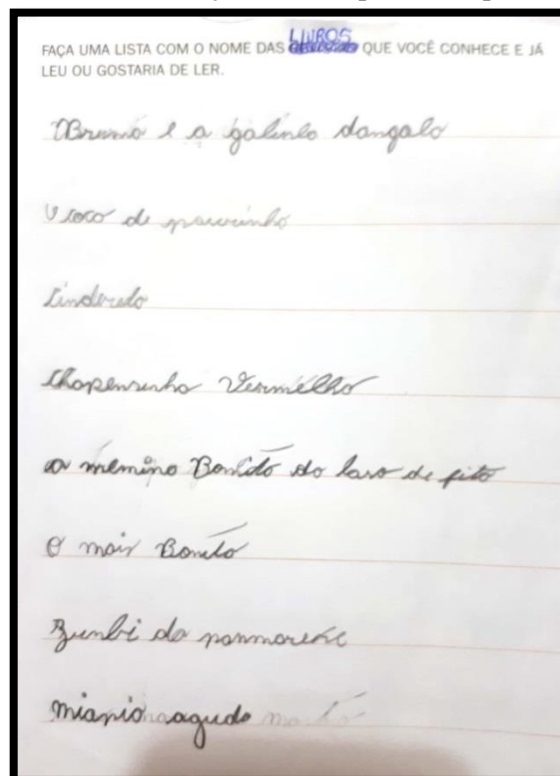
Figura 3: Elaborado por aluno de 3º ano – 2014

Fonte: Registro das rodas de leitura, 2014.

❖ Produção de texto

Figura 4: Texto 1 - Bilhete produzido por aluno de 3º ano, 2014.

Fonte: Caderno do aluno - 3º ano, 2014.

Figura 5: Texto 2 - Produção de Lista produzida por aluno de 3º ano, 2014.

Fonte: Caderno do aluno - 3º ano, 2014.

❖ Ilustrações das ideias principais da história

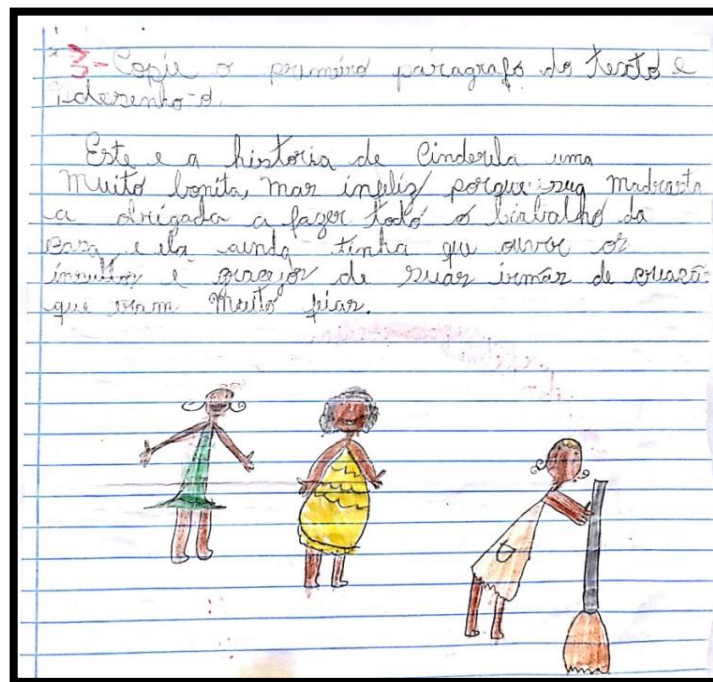
Figura 6: Ilustrações da história I - produzido por aluno de 3º ano, 2014.



Fonte: Caderno do aluno - 3º ano, 2014.

❖ Leitura, interpretação oral e ilustração de trechos das histórias lidas em voz alta pela professora.

Figura 7: Ilustrações da história II - produzido por aluno de 3º ano, 2014.



Fonte: Caderno do aluno - 3º ano, 2014.

3.1.5 - Concluindo a experiência vivida em 2014

É relevante informar o alto grau de satisfação profissional alcançado com os objetivos propostos para as crianças e seus familiares, como também, foi gratificante observar os discursos, as mudanças atitudinais e comportamentais e as percepções das crianças sobre o tema estudado e inclusive a efetiva participação delas durante as atividades propostas. Foi muito bom vê-los trocar reflexões, sugestões, correções, sorrisos, aplausos em cada etapa deste trabalho.

Por meio dessa sequência didática foi possível ver as crianças valorizando a diversidade étnico-racial no espaço escolar, acompanhar as trocas de aprendizagens e experiências de vida entre crianças negras e brancas. Além disso, os relatos dos pais, salientando as mudanças na aprendizagem e no comportamento de seus filhos e filhas nos espaços extra-escolares, foram pontos importantes a serem tomados como evidências de sucesso do trabalho realizado.

Percebeu-se que as *rodas de conversa* tanto possibilitavam aprendizagem para os alunos, quanto serviam de instrumento para conhecer os conhecimentos dos alunos e, assim, propor conteúdos e atividades que partissem do interesse do grupo e contemplassem o plano de ensino do ano.

Por meios das *rodas de conversa* era perceptível o envolvimento de cada aluno. A participação foi aumentando gradativamente, as trocas de opiniões, as reflexões das próprias crianças, o momento de escuta. Vale também destacar, que as *regras e combinados* de como participar da roda não foram impostos e sim construídos no dia a dia e raros foram os momentos em que foi necessário que intervir em relação à organização das regras de convivência durante as *rodas de conversa*.

Nossas rodas aconteciam na sala de aula, intercalando entre as *rodas no chão* - em que sentávamos todos no chão - e as rodas utilizando as próprias carteiras. Era encantador ver que os próprios alunos se organizavam, o papel da professora era só solicitar um pouco menos de barulho para não atrapalhar as salas de aula vizinhas.

Uma das práticas permanente que buscou-se manter durante as aulas sobre a *educação das relações étnico-raciais e estudo da África*, foi a de modificar a sala de aula, utilizar música, vídeo, documentário e livros infantis.

Não podemos negar que o trabalho com tal temática envolve investimento pessoal, investimento financeiro, leituras de livros infantis, leituras de obras especializadas, seleção de vídeos, adaptações de atividades, horas de estudo paralelos, pesquisa, luta, resistência, fazer

escolhas, se posicionar politicamente, planejamento e avaliação das atividades seguintes - mas tais atividades, envolvimento e compromisso fazem parte da natureza do trabalho docente.

Os cursos na área da educação possibilitaram a professora muita aprendizagem, mas o trabalho em sala de aula foi o que concretizou essa aprendizagem e fez-lhe compreender o que ouvia/aprendia nos cursos destinados para os professores. Foram a *rodas de conversa* que a levaram a elaborar atividades não encontradas nos livros didáticos, a olhar para cada aluno, a tentar descobrir a habilidade de cada aluno.

Conforme o trabalho ia acontecendo, as ideias iam surgindo e as aprendizagens das crianças iam acontecendo, surgia a necessidade de registro dos acontecimentos e momentos. Em alguns desses momentos, até foi possível fazer uma ou outra anotação em sala de aula, para em seguida retomá-las em casa. Por esse motivo, foi ensinado os próprios alunos a tirarem fotos, passou-se a usar o celular para gravar algumas atividades. Mas como o objetivo ainda não era acadêmico e a experiência com os recursos midiáticos era pouca, diversos registros se perderam por falta de tempo, em meio a tantas outras tarefas de uma professora no ciclo de alfabetização.

Mesmo assim, tais registros possibilitaram:

- Perceber que os temas propostos para *educação das relações étnicas raciais* perpassavam todos os conteúdos das disciplinas do 3º ano;
- Construir uma *coletânea de atividades*, pois os temas que debatíamos durante as *rodas de conversa* não estavam contemplados nos livros didáticos;
- Identificar os pontos positivos e pontos a serem melhorados nas atividades propostas;
- Pensar na qualidade, na seleção e nos espaços das atividades para compor a sequência didática;
- Perceber que a sequência didática facilitou o trabalho em relação às temáticas estudadas com os alunos, pois com a sequência didática foi possível ver o começo, o meio, o final e as alterações das atividades propostas;
- Reunir indicações de histórias infantis.

É importante destacar obstáculos como: os poucos materiais disponíveis pela escola sobre a temática; a ausência de formação continuada em serviço; as dificuldades para fazer uso dos recursos tecnológicos; o uso de recursos próprios para a compra de livros infantis de qualidade sobre a temática para a turma.

Por outro lado, o ganho das crianças em termos de conhecimento sobre o tema estudado foi um fator positivo, uma vez que os conhecimentos prévios das crianças contribuíram para a

seleção, planejamento e execução das atividades propostas e, conseqüentemente, foram os meios que possibilitaram aos alunos e alunas avançarem na aprendizagem, inclusive nos conteúdos relacionados à Língua Portuguesa e à Matemática. A partir do momento em que as crianças compreendiam os objetivos de cada atividade proposta, sentiam-se valorizadas e, conseqüentemente, se comprometiam e se sentiam responsáveis pelo trabalho.

A parte prazerosa, no entanto, foi perceber e compreender que os próprios alunos foram sujeitos autores processo, pois todos participavam efetivamente das aulas. Apesar de todas as dificuldades e limitações para desenvolver as atividades de leitura, escrita e de Matemática, eram alunos que não faltavam às aulas.

Nos momentos de avaliação foi possível observar as mudanças de atitudes e posturas. Os conteúdos eram avaliados nas avaliações de História, Geografia, pesquisas extra-classe, atividades de Língua Portuguesa, atividades específicas sobre a temática e a própria produção do livro Odara.

Nas atividades com as famílias os próprios alunos foram multiplicadores dos conhecimentos estudados, sempre que possível os pais foram convidados para participarem das atividades realizadas na sala de aula e, nas reuniões, foi reservado um momento para retomar com os pais os objetivos das atividades realizadas e dos temas que surgiam nas *rodas de conversa* em sala de aula.

Além disso, as famílias compreenderam a proposta de trabalho. Durante as reuniões de pais foram retomadas as explicações compartilhadas com os alunos, inclusive foi apresentado aos pais e alunos as ideias centrais e o objetivo da Lei 10.639/2003 com a finalidade de justificar o trabalho realizado na sala de aula.

Por fim, constatou-se que há a possibilidade dos alunos dos anos finais do ciclo alfabetização se formarem e se tornarem multiplicadores dos conhecimentos adquiridos em sala de aula com os demais colegas, professores e famílias. As *rodas de conversa* podem ser um dos meios que possibilitam ao professor do ciclo de alfabetização planejar aulas mais próximas das histórias de vida das crianças e realizar adaptações pedagógicas sempre que necessário.

3.2 - Formação continuada em serviço e *rodas de conversa* realizadas em 2016 com o grupo de docentes da escola nos horários de HTPC's

Em 2016, a pesquisadora atuando como coordenadora pedagógica e orientadora de estudos na escola passou a organizar formação continuada em serviço dos professores e

professoras da unidade escolar e utilizou como recurso as *rodas de conversa* para introduzir da temática sobre a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas reuniões de horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPC).

As *rodas de conversa* realizadas com o grupo de docentes da escola foram frutos das reflexões em HTPC e dos relatos de algumas professoras e seus alunos envolvendo o tema das questões raciais em sala de aula.

Visando incluir no contexto escolar atividades e estudos, pelos (as) professores (as), que promovessem a *educação das relações étnico-raciais* buscou-se parceria com: a Diretora da unidade escolar, o Departamento Municipal de Educação, o Departamento Municipal de Cultura e o Centro de Referência Afro de Araraquara/SP (cidade vizinha), com profissionais qualificados, que lidassem positivamente com as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais.

Durante esta *roda de conversa* os docentes destacaram que:

- Durante a vida escolar e profissional pouco aprenderam sobre relações étnico-raciais;
- O conhecimento apreendido sobre o tema das relações étnico-raciais foi resultado de uma busca pessoal na internet e nos livros;
- Escravidão - tema estudado durante a vida escolar por meio de atividades e textos pouco críticos e descolados da realidade brasileira;
- Preconceito - tema trabalhado desde o início de sua carreira no magistério;
- Contribuições para a cultura.

Assim, com base nos apontamentos do grupo docente da escola e nas conversas informais com algumas professoras surgiu a proposta de sensibilização do corpo docente da unidade escolar, por meio de novas *rodas de conversa*, como objetivo de inserir, na pauta dos HTPC's, reflexões sobre a *educação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar*, conforme os dados reunidos no Quadro 19, a seguir.

Quadro 19: Formação docente em Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

Atividade desenvolvida	Forma de trabalho	Objetivo
Introdução da temática e	Apresentação de livros infantis para as professoras e suas respectivas turmas.	Introduzir livros com personagens negros na rotina escolar nas aulas de leitura;

sensibilização dos docentes		Apresentar os livros infantis e livros áudios disponibilizados no acervo da escola.
Socialização da sequência didática Odara	Livro “Odara e os Sólidos Geométricos”.	Apresentar uma experiência vivida e sugestões de possíveis formas para trabalhar a temática voltada para as questões sobre as relações étnico- raciais ao longo do ano letivo.
Roda de conversa sobre o material da Cor da Cultura	Apresentação do material da cor da Cultura. Texto sobre os conceitos trabalhados na educação das relações étnico-raciais.	Conhecer e refletir sobre os conceitos contemplados na educação das relações étnico-raciais por meio de texto e material da Cor da Cultura.
Roda de conversa sobre as orientações legais	Avanços e desafios sobre a Lei 10.639/2003 no espaço escolar (Coordenadora de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Araraquara e Vice-Presidente do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo).	Refletir sobre a lei e situações de racismo no espaço escolar.
Roda de conversa - especialista convidada	O povo negro (Mestre em educação e professora da rede pública estadual e municipal de Araraquara).	Conhecer atividades práticas possíveis de serem realizadas ao longo do ano letivo no ensino fundamental I.
Roda de conversa sobre o continente africano	O continente africano.	Estimular reflexões sobre os conteúdos apresentados nos livros didáticos da unidade escolar e sensibilizar para a valorização do continente africano a partir dos conhecimentos e referências de origem africana.

Roda de conversa sobre as atividades desenvolvidas em 2016	Debate sobre os objetivos e consequências das atividades realizadas em 2016.	Avaliar as atividades de 2016.
---	--	--------------------------------


Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Além disso, a maioria das professoras citou que as *rodas de conversa* trouxeram a possibilidade de aprender como trabalhar a temática em sala de aula e, para exemplificar, destacaram:



- O trabalho a partir das diferenças étnica, social, cultural de cada um;
- A história de vida, sua origem e origem dos seus antepassados;
- História sobre o modo de vida das diferentes regiões da África, costumes, roupa, comida, celebrações, religiões, espaço geográfico, clima, danças, histórias africanas, brincadeiras e brinquedos;
- O livro didático, os livros paradidáticos, o data show, a internet, áudio livro, a pasta com atividades xerocadas e lousa digital foram os recursos pedagógicos mencionados pela maioria das professoras.

A seguir, o Quadro 20, apresenta um recorte de atividades realizadas ao longo do segundo semestre de 2016, com os alunos/as e professores/as do 1º ao 5º ano da unidade escolar. Essas atividades decorreram das rodas de conversas com as professoras nos HTPC's.

Quadro 20: Atividades desenvolvidas por meio das parcerias no projeto Odara

Atividade desenvolvida	Tema/Colaboradores	Objetivo
 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Oficina de Tranças e corte de cabelo</p>	<p>Tema: Cabelo.</p> <p>Parceria com a escola de cabelereiro da promoção social do município, mães e profissionais da comunidade.</p>	<p>Sensibilizar as crianças para gostar do cabelo;</p> <p>Apresentar diferentes possibilidades pentear os diferentes tipos de cabelos.</p> <p>Higiene pessoal.</p>

 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Roda de samba</p>	<p>Tema: A história do samba - Grupo de alunos da Escola Narciso de Araraquara.</p>	<p>Apresentar canções e personalidades do samba através da música a história do samba.</p>
 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Oficina de turbantes</p>	<p>Tema: O surgimento do turbante – Turbanista: Érica.</p>	<p>Ensinar alunos e professoras a fazer em si mesmas as diferentes amarrações com o turbante.</p>
 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Oficina de Maracatu</p>	<p>Tema: Maracatu e Lenda Africana. Grupo de Maracatu Fogo de Pedra.</p>	<p>Conhecer uma dança folclórica de origem afro-brasileira.</p>
 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Palestra com Roseli</p>	<p>Tema: Biografia da Ex-jogadora de basquete da seleção brasileira Roseli do Carmo.</p>	<p>Apresentar a jogadora de basquete negra mulher a comunidade escolar.</p>
 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Roda de conversa sobre o negro no Brasil</p>	<p>Tema: Continente africano e Brasil. Coordenadora: Leocardia</p>	<p>Apresentar a história a partir da visão dos autores e pesquisadores que estudam a temática racial.</p>

 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Exposição das atividades dos alunos</p>	<p>Tema: Dia da Consciência Negra</p> <p>Coordenadora: Leocardia</p>	<p>Encerrar das atividades do ano letivo voltado para a cultura e história do povo negro.</p> <p>Expor os trabalhos realizados pelos alunos da escola para a comunidade.</p> <p>Apresentar poesias, danças de textos sobre acultura e história do povo negro.</p>
 <p>Fonte: Própria autora, 2017. Exposição dos livros infantis</p>	<p>Tema: Histórias infantis sobre relações étnico-raciais.</p> <p>Coordenadora: Leocardia.</p>	<p>Inserir os personagens negros das histórias infantis no contexto escolar.</p>
<p>Troca de e-mails entre autores e alunos do 5ºM2 e 1ºT3</p>	<p>Tema: Histórias infantis</p> <p>Coordenadora Leocardia, alunos 5ºM1 e 1ºT3, Professoras.</p>	<p>Apresentar as histórias infantis que contemplasse personagens negros e negras.</p>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

3.3 - Avaliação das professoras em relação ao projeto desenvolvido na escola

As frases apresentadas a seguir são exemplos de como as professoras se expressaram para avaliar o projeto desenvolvido na escola em 2016.

(...) As crianças tiveram contato e aprenderam muito sobre diversos temas que elas antes desconheciam (turbantes, maracatu por exemplo) e aproveitaram bastante. Para mim o projeto foi muito bem pensado e construído e deve ser motivo de muito orgulho para todos. Foi algo diferente, esclarecedor e que as crianças se identificaram, buscaram entender o novo e se envolveram nas atividades propostas.

(...) O projeto possibilitou um aprendizado tanto para as crianças como para meu aprendizado. As oficinas aproximaram as crianças das contribuições africanas na cultura e no cotidiano. Por meio da oficina de Maracatu e turbante foi possível desconstruir o preconceito sobre as religiões africanas. O documentário “A Capoeira” proporcionou o conhecimento da origem e diferenças do jogo da capoeira. A exibição do curta metragem “Menina

Bonita do laço de fita” possibilitou de maneira lúdica a explicação das diferenças e origens.

(...) O envolvimento de toda equipe numa temática tão rica, os trabalhos foram realizados com capricho e dedicação. Particularmente, adorei trabalhar a música com os meus alunos e foi muito gratificante, os comentários dos pais valorizando o trabalho desenvolvido, eles também demonstraram preocupação em relação ao preconceito. Os convidados se superaram na dedicação.

(...)Projeto foi maravilhoso, antes de passar algumas informações para os alunos tive a oportunidade de pensar e repensar conceitos que levarei para minha vida. Ótima oportunidade para pensar que devo estudar mais sobre o assunto. Em questão as atividades passar a realidade é muito difícil, mas foi ótimo. Parabéns!

(...) Durante estas semanas os alunos conseguiram entender, compreender e apreender mais sobre o que significa ter consciência sobre as diferenças de raça, cor da pele, tradições e costumes que tanto temos em nosso país. Ao meu ver, o projeto ultrapassou as expectativas, proporcionando aos alunos novas aprendizagem podendo valorizar a si e aos outros.

(...) A equipe escolar trouxe a importância de valorizar as pessoas independentemente da raça e de com isso nos faz cidadãos mais justos e conscientes. Dentre as atividades destaque o vídeo do livro “O cabelo de Lelê” que traz exatamente essa questão de aceitação e de reconhecer que nossas tradições tem histórias que vem de nossos pais, avós, familiares e o quanto é instante se gostar e se respeitar sem deixar que a opinião de outros apague o nosso brilho.

(...)Oportunidade de professores e alunos conhecerem melhor a cultura negra e assim valorizá-la.

3.4 - Atividades realizadas em parceria com uma professora de 5º ano e seus alunos em 2016

A convite de uma das professoras de quinto ano, de cuja sala faziam parte quatro alunos colaboradores desta pesquisa foi realizada uma *roda de conversa* sobre o continente africano. Primeiramente foi feita a leitura em voz alta do conto africano mandiga intitulado *História de duas rivais*.

Quadro 21: Conto Mandiga

“História de duas rivais”
<p>É uma história de duas meninas, filhas de duas mulheres casadas com um mesmo homem. Por infelicidade de uma das crianças, a mãe morreu, deixando-a de tenra idade sob custódia da madrasta. A madrasta maltratava a enteada, transformando a sua vida numa autêntica agrura. Ela é que fazia todo o trabalho doméstico. Algumas tarefas de tão pesadas, não eram apropriadas para a sua idade. A filha da madrasta era protegida e mimada. Um dia, a madrasta mandou a órfã à fonte buscar água, levando consigo um pote. Normalmente, na tabanca, as pessoas para irem àquela fonte, iam em grupos, porque ficava muito longe e também porque assim se protegiam dos animais ferozes que surgiam pelo caminho. Ela confessou que tinha medo de ir sozinha, porque naquele momento todas as suas amigas já tinham ido e voltado da fonte. A madrasta não se comoveu com a confissão e obrigou-a, ainda assim, a ir sozinha. Amedrontada, ela lá foi. Com o pote de água na</p>

cabeça, de regresso à aldeia, tropeçou e caiu partindo o recipiente. Chegou a casa abalada e explicou o sucedido à madrasta que, sem pena e nem dor, obrigou-a a ir arranjar um pote novo para repor no lugar do que tinha partido.

O local onde se podia adquirir potes ficava longe da aldeia, mas, com medo de represália, partiu sozinha. Pelo caminho encontrou-se com uma serpente, que ao invés de amedrontá-la ou de lhe fazer mal, se ofereceu para ajudá-la a encontrar o que ia procurar. Deu-lhe não só um novo pote, mas também roupas novas. De volta, acompanhou-a até perto da aldeia. Ao chegar à aldeia, todos os aldeões, incluindo a madrasta, ficaram admirados de vê-la assim tão bem vestida. Ela entregou o pote novo à madrasta. Continuou a ter contactos com a serpente, ao mesmo tempo que a inveja e ódio, tanto da madrasta, como da sua meia-irmã, cresciam.

Esta última, julgando poder ter a mesma sorte, decidiu partir o pote propositadamente, acreditando que se fosse buscá-lo de volta, como foi o caso da outra, teria a mesma sorte. A sua mãe maldosa, fingidamente, obrigou-a a ir buscar um outro em substituição ao que partiu. Entretanto, a justiça da natureza quis que a sorte das duas fosse diferente. A filha da madrasta pelo caminho fora, na sua aventura de ir procurar o pote, mas perdeu-se no meio da mata densa por longo tempo, acabando por morrer devido ao cansaço e à fome.

Mais tarde, quando se soube da sua má sorte, a mãe arrependeu-se, perdendo todo o gosto pela vida. Foi assim, triste e com amargura, que terminou os seus últimos dias de vida.

Fonte: <http://contafrica.org/pt/contes/conte-nat/musoh-fula-sotata>.

Logo em seguida, conversou-se sobre o conto, as palavras desconhecidas e foi entregue para a professora e para os alunos o resumo de um texto informativo sobre o conceito *Mandiga*, texto reescrito pela pesquisadora, com informações e imagens disponibilizadas na internet.

Depois, visando conhecer os conhecimentos da turma sobre o Continente Africano e as expectativas que a turma teria em relação à atividade proposta, solicitou-se aos alunos que escrevessem em uma folha de papel sulfite o que *já sabiam sobre e o que desejavam aprender sobre a África* durante a roda de conversa.

De modo geral, é possível destacar que as falas dos alunos a esse respeito revelam que todos apresentam conhecimentos sobre a história e cultura africana e, indiretamente, apresentam conhecimentos sobre a educação das relações étnico-raciais. Para exemplificar seguem algumas das reflexões dos alunos:

As pessoas da África sofrem racismo por conta de sua cor até sofreram escravidão (...) Muitos morreram graças aos brancos. Morriam afogados com doenças, os negros levavam chicotadas, trabalhavam 24 horas por dia só comiam farinha e água e eram decapitados.

Eu sei também que os africanos morrem porque tem animais que atacam eles como leão, tigre e jacaré e por isso têm poucos africanos (...). Eles sofrem racismo porque vai para eles e eles são meigos. África fica falando mal deles e eles são meigos, legal e não são de brigar com as pessoas (...). E também eles acreditam nos deuses e eles para mim têm muita dificuldade de se misturar com as pessoas de outro país e as crianças brincavam no sol quente de brincadeira da África e faziam brinquedos com o que eles achavam.

As pessoas eram egoístas se aproveitaram das pessoas da África porque eles achavam que só porque eram diferentes poderiam fazer o que quisessem por que eles eram negros.

Já vi muitos casos passando na TV que muita pessoa já morreu eles sofre muito racismo, eles trabalhavam muito e ainda sofre racismo.

Eu sei que muitos dos africanos passam fome e necessidade de muitas coisas. Por isso eles tentam criar plantas, rosas, fazendas e também para ganhar tudo isso eles são muito humildes um com o outro.

Os negros colaboraram muito para a cultura do país trouxeram comidas típicas, brincadeiras, inventaram a feijoada que é uma comida bem gostosa acho que até hoje tem escravidão.

A África é um lugar muito pobre e antigamente os negros trabalhavam muito eles eram escravos e também maltratavam muito eles e era dia e noite trabalhando nas corretes de ferro para não fugir e se fugissem ia pegar de volta e colocar né um castigo muito pesado e além de trabalhar com e com chicotadas eles eram muito humildes.

O Brasil foi descoberto pelos portugueses foi aí que começou a escravidão, muitas pessoas são racistas não reconhecem as histórias antigas, pelos negros terem sofrido (...). No ano passado, um menino da minha sala xingou um menino de neguinho do pastoreiro e aí deu maior briga.

Considerando os apontamentos dos alunos observou-se que o trabalho com a temática ainda necessita ser aprofundado, visando desconstruir mitos a respeito do continente e africano e seus povos.

Verifica-se que, implicitamente, os alunos abordam o tema com a influência da mídia, com base na visão de que a África é subdesenvolvida e na percepção de que a história dos povos negros e da África está relacionada ao passado e a sofrimentos fruto do período da escravidão. Nas referências que usam eles abordam temas como: religião, trabalho escravo e educação das relações étnico-raciais.

Por outro lado, vale salientar que esses mesmos alunos do 5º ano também destacaram que desejam aprender:

Como eles vivem em suas moradias a sua linguagem o jeito da história de seus parentes e os tipos de animais!

O que eles comem as brincadeiras e a linguagem.

Mais brincadeiras e danças, também gostaria de ler mais livros e ver um pouco mais sobre as comidas e os animais da África.

Eu queria aprender as danças e cantigas, eu já sei umas cantigas de africano muito legais, é uma cantiga de Oxum. Queria também saber as brincadeiras que devem ser muito divertidas.

Eu gostaria de aprender as brincadeiras, as comidas, pois eu acho que a África é um país bem interessante quero aprender sobre a cultura os costumes e também como se sentem sobre a escravidão do seu povo.

Eu gostaria de aprender brincadeiras, danças, histórias e também como é a vida de quem mora na África e as histórias sobre os escravos.

Eu gostaria de aprender falar como eles, de conhecer o país deles, a caçar como eles, ter força como eles, ter fé como eles, ter coragem como eles.

Vejo na televisão que muitas pessoas antigamente usavam os africanos para serem escravos deles quando eu via na televisão me dava dó só de olhar, mas sempre eu tinha uma dúvida porque os brancos não gostam de negros? (...) Também os negros sofrem racismo e isso é muito feio não sei porque essas pessoas praticam racismos com os negros essa é minha dúvida.

Eu gostaria de aprender sobre o que eles faziam quando era descanso deles e se ainda sobrou um africano iria ser muito legal. Meu pai é descendente de africano e isso quer dizer que eu e os meus irmãos somos descendentes de africano. Alguns africanos sofrem preconceito por ser negros.

Queria aprender se na África as coisas são iguais aqui no Brasil e também se existem animais perigosos.

Durante as *rodas de conversa* e explanação sobre os temas, todos os alunos demonstraram interesse e permaneceram atentos. Ao logo da conversa faziam questionamentos, retomavam observações e as novas informações, relacionando os fatos e assuntos da conversa com os registros escritos por eles.

Para finalizar, os alunos realizaram, oralmente e por escrito, uma avaliação sobre as atividades propostas, manifestando-se das seguintes formas:

Perfeito! Eu não sabia que a África era tão antenada! Sendo assim eu consegui muito conhecimento, por que antes só falavam de lendas e mitos.

Eu aprendi que a gente tem que enxergar, aprender para falar (...). E também a África é o terceiro continente maior, que os Inedebé pintavam e despintavam as paredes de formas geométricas. E muitas coisas etc...

Eu achei informática porque eu aprendi que agora a África é um continente com muito mais coisas para se aprender. E a África não é nada do que eu imaginei.

Achei legal, interessante, aprendi que “macumbeiro” é festeiro que na África tem mercados, empresas e etc, as histórias que contão não são do jeito que contão.

Eu achei bom porque a África tem as mesmas coisas que em Brasil e qualquer outro país. Na África há prédios ruas e pinturas igrejas pessoas brancas, pardas, amarelas, hotel e várias coisas, safari e etc

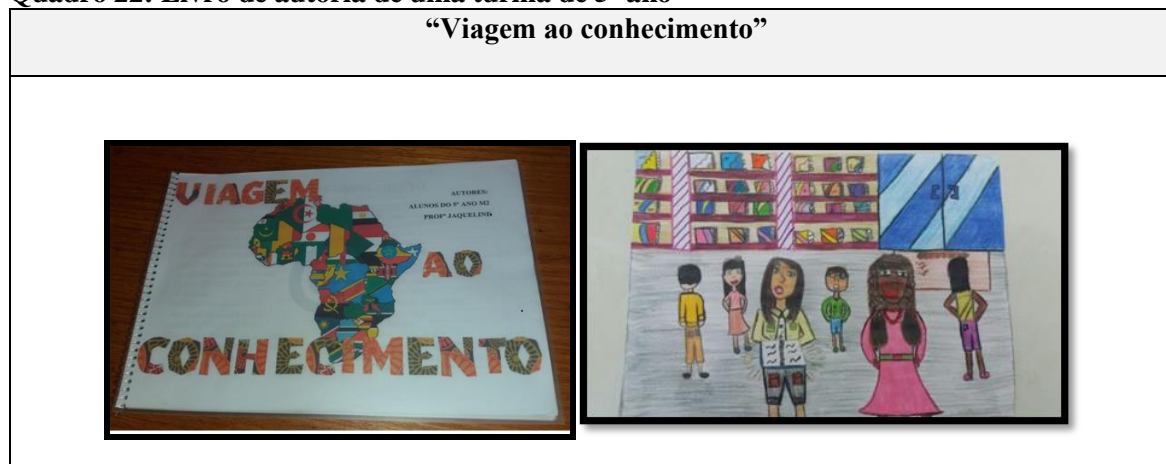
Eu achei bem legal o que a Leocardia falou sobre a África que lá tem igrejas, casas, shopping que lá tem tudo e também mostrou o canto das Três Raças o que eu sabia sobre a África é que lá só tinha terra e mato e agora o conhecimento mudou.

Eu achei muito legal a aula, porque eu aprendi coisa verdadeiras sobre a África, que lá é muito chique tem igrejas, escolas, lá tem todas as profissões de trabalho daqui, como aqui lá tem cantoras e cantores, tem empresas indústrias, lá não é um lugar pobre como as pessoas dizem, agora eu tô achando que as pessoas só contam mentiras sobre a África, lá não é só miséria.

Ao término da socialização e avaliação do encontro foi entregue o livro “*História de Preta*” para a professora realizar a leitura compartilhada com os alunos.

Além disso, a professora aproveitou o interesse da turma sobre a temática e, durante o terceiro bimestre, realizou um trabalho voltado para a História e Cultura Africana e Afro-brasileira, que resultou no livro de autoria da turma, intitulado “*Viagem ao conhecimento*”, como mostra o Quadro 22, a seguir.

Quadro 22: Livro de autoria de uma turma de 5º ano



Fonte: Elaborado pela turma de 5º ano.

Paralelamente ao trabalho realizado pela professora com a turma, entrou-se em contato com autora do livro, via *faceboock*, compartilhando o trabalho que vinha sendo realizando com a turma. Desse contato resultou a troca de *e-mails* apresentada no Quadro 23, a seguir.

Quadro 23: Troca de e-mails

E-mail da Turma	E-mail da Autora
<p style="text-align: center;">À Senhora Heloisa Pires Lima</p> <p>Nós somos alunos do 5ºM2, da EMEF SOL */SP e gostaríamos de comentar sobre a história que você escreveu "Histórias da Preta".</p> <p>Fizemos a leitura do seu livro como parte de um projeto desenvolvido na escola, chamado "Odara" com o tema África e Consciência Negra.</p> <p>Adoramos as histórias do, porque elas contaram novidades que não estamos acostumados a ouvir sobre o continente africano e o respeito as diferenças.</p> <p>Graças ao seu livro aprendemos novos conceitos e a refletir sobre as diferenças e preconceito.</p> <p>Para finalizar queríamos esclarecer uma dúvida: "todas as histórias do livro Histórias da Preta são reais?"</p> <p>Muito obrigado pela atenção e aguardamos sua resposta.</p> <p>Alunos do 5ºM2 – EMEF “Dona Lúcia M. R. Berti”</p> <p style="text-align: center;">SP 23/11/2016</p>	<p style="text-align: center;">Queridos leitores do 5ºM2 - EMEF SOL */</p> <p>Fiquei muito feliz quando recebi a cartinha de vocês. Melhor ainda por saber que a Preta está fazendo companhia às histórias de vocês. Quanto à pergunta que me fazem, o livro tem muito de acontecimentos acontecidos, de verdade comigo. Por exemplo, a cordinha de pular que a Preta perdeu aconteceu comigo quando eu era criança. Também fiz uma homenagem para minha avó Lídia e minha madrinha Carula, mantendo seus nomes reais.</p> <p>Mas, a narrativa é inteiramente uma ficção. A escritora usa algumas de suas vivências na hora de criar a narrativa.</p> <p>No caso desse livro eu fiz muita pesquisa, estudei bastante sobre a África e alguns detalhes das histórias da população afrodescendente para escolher o que podia entrar para a história. E tem momentos que são <i>invençioneira</i> pura.</p> <p>Portanto, vivências inspiram, mas tudo é ficção literária.</p> <p>Meu abraço a cada aluno e, obrigada Leocardia.</p>

Fonte: Elaborado pela turma de 5º ano e Autora, 2018.

Para finalizar, as atividades desenvolvidas pela turma, o livro *Viagem ao conhecimento* foi exposto, no dia 20 de novembro, durante a exposição de livros infantis da escola.

Finalmente, vale acrescentar aqui o relato reflexivo da professora parceira sobre as atividades realizadas com a sua turma de 5º ano.

“Resumindo, no ano de 2016 fui convidada pela coordenadora Leocardia para participar de um projeto ao longo de todo ano envolvendo a cultura afro-brasileira, pois ela já havia iniciado o trabalho com meus alunos há dois anos, quando ela havia sido professora deles. O projeto consistia na verdade em fazer valer o que já é previsto em lei.

Iniciamos o trabalho ouvindo o que os alunos já conheciam e suas impressões sobre a ligação da cultura africana com a brasileira, infelizmente as primeiras falas foram cheias de estereótipos, por exemplo, que os “escravos” vieram da África, ou então que na África só existia miséria, animais, seca, reduzindo um continente inteiro a algo tão pequeno.

Foram inúmeras aulas e rodas de conversa (aliás, as rodas de conversa foram o “carro-chefe” neste projeto, inclusive algumas delas convidamos para

participar dos debates à coordenadora, outros professores, etc.) para tentar desconstruir estes conceitos.

Paralelamente fizemos a leitura de um dos títulos sugeridos pela coordenadora, intitulado “Histórias da Preta” de Heloisa Pires de Lima, escolhi este livro, pois conta a história de um povo que veio para o Brasil à força, foram escravizados, perderam a liberdade, sofreram muito, porém sobreviveram e acabaram fazendo do Brasil sua nova morada e tudo isto numa linguagem bem simples, traduzidas em “historinhas”, informações históricas e vivências reais da autora retratando experiências de racismos, além disso, ainda traz ótimas reflexões, por exemplo, como é ser negro neste país?

A história cativou tanto os alunos que ao final do livro ficaram alguns questionamentos e ninguém melhor para respondê-los do que a própria autora do livro. Como estávamos trabalhando o gênero textual carta do leitor, elaboramos uma carta coletiva que foi enviada para ela (a coordenadora havia conseguido o contato) e que muito prestimosa nos respondeu em pouquíssimo tempo.

O projeto tomou proporções tão grandes que a escola toda se envolveu, recebemos visitas de atletas que contaram suas histórias de superação, participamos de oficinas de turbante, capoeira, música, etc.

Quase ao final do projeto precisávamos registrar de alguma maneira um pouco de tudo aquilo que vivenciamos e aprendemos, para tanto conversei com a coordenadora e decidimos fazer um livro contando e dividindo um pouco do que havíamos aprendido neste ano. Inicialmente elaboramos o texto do livro coletivamente, com o texto finalizado os alunos fizeram as ilustrações e montados o livro.

Para o encerramento do projeto no dia 20 de novembro realizamos uma exposição aberta à comunidade, onde algumas turmas fizeram apresentações. Nossos alunos puderam mostrar o livro pronto para suas famílias e a comunidade que participou, além de explicar todos os seus outros trabalhos.

Pessoalmente, essa experiência foi muito satisfatória e extremamente importante tanto em minha vida docente, quanto pessoal, à medida que me possibilitou enxergar novas possibilidades de trabalho com o tema, retirando aquela ideia de que falar sobre a história afro-brasileira seria uma coisa “a mais” para se trabalhar e atrapalharia o conteúdo, quando na verdade é um tema que pode e deve ser trabalho de forma interdisciplinar, descobri a riqueza de materiais disponíveis, só é necessário que façamos pesquisas e eles estão lá ao nosso alcance, além de perceber o quanto nós trazemos uma bagagem de falas preconceituosas, inclusive escritas nos livros didáticos e nós apenas as reproduzimos, sem ao menos refletir, às vezes, sem nem nos darmos conta. O único ponto negativo de tudo isso foi obter num panorama geral o quão raso são as informações acerca do assunto que nossos alunos têm e, que apesar de trabalharmos o assunto o ano todo, foi um tempo muito curto e acredito não ter sido suficiente para “livrar” todos eles dos estereótipos já internalizados e que, infelizmente se não houver sequência os resultados podem ser esquecidos, ou sobrepostos pelo senso comum que continuarão a ver e ouvir ao longo de suas vidas (Professora Jaqueline, 2016).”

3.5 - As rodas de conversa com os 06 alunos sujeitos da pesquisa – 2016

3.5.1 - Apresentando os alunos sujeitos da pesquisa

As atividades descritas a seguir foram realizadas com os 6 alunos, do 5º ano que, em 2014, participaram da sequência didática *Odara*.

Optei por utilizar os nomes das personagens das histórias infantis para designar cada aluno que participou da pesquisa em 2016 (e que já havia participado da *Sequência didática Odara*, em 2014).

Badu – 10 anos

Aluno muito comprometido com sua vida escolar, adorava estudar, zeloso com os amigos e questionador. Encontrava-se no nível de aprendizagem esperado para o 3º ano.

Bimbinha – 10 anos

Aluno tímido, calado, observador e com dificuldade em trabalhar em grupo. Apesar das dificuldades no domínio da leitura era muito esforçado.

João – 10 anos

Apresentava um vocabulário muito rico, esperto, tinha uma leitura em voz alta boa, mas era um aluno que apresentava muitos erros ortográficos, embora estivesse no nível alfabético de escrita. Aluno com histórico de indisciplina.

Nito – 10 anos

Aluno questionador, falante, participativo, adorava pintar, sua escrita era alfabética com muitos erros ortográficos, vocabulário restrito e falava também muito “errado”, linguagem oral distante da norma culta.

Kofi – 10 anos

Aluno com histórico de agressões física e verbal com os colegas, não zeloso com seus materiais escolares, baixa autoestima.

3.6 - As rodas de conversa com os 6 alunos sujeitos da pesquisa – 2016/2017

As atividades descritas a seguir tiveram como objetivo identificar e descrever o que permanece na memória desses alunos, da experiência formativa vivida nas rodas de conversa, dois anos depois, já cursando o 5º ano do ensino fundamental.

Além disso, vale mencionar, que as rodas de conversas descritas a seguir ocorreram na própria escola, nos dias e horários agendados previamente com os alunos. Participaram das rodas de conversas, os 6 alunos e a pesquisadora. Assim, visando proporcionar um clima acolhedor e de proximidade na sala de aula, as cadeiras foram organizadas em um pequeno círculo.

1ª Roda de Conversa – Tema projeto Odara

Primeiramente iniciou-se a roda de conversa, dando-lhes as boas vindas e, logo em seguida, agradeceu-se a presença de todos e foi compartilhado com os alunos o motivo das futuras rodas de conversa. Além disso, explicou-se sobre a necessidade da autorização das gravações, filmagens das conversas e do “Termo de Consentimento” para o aluno.

Logo depois, coletivamente, retomou-se os combinados para a participação em uma *roda de conversa*. Como percebeu-se que todos haviam compreendido esta primeira etapa da conversa, iniciaram-se o diálogo com base na questão norteadora: *“O que você se lembra da Sequência Didática Odara quando cursava o 3ª ano em 2014?”*

Bimbinha com um sorriso no rosto disse: *“Mas nosso cérebro já tem outras coisas, já passou muito tempo”*.

A pesquisadora imediatamente comentou: *“Realmente já faz um tempinho que fizemos este trabalho, fizemos em 2014, mas será que vocês não se recordam das atividades que realizamos ou algo que vocês mais gostaram do trabalho que realizamos?”*

Machadinho muito atento levantou a mão e falou: *“o livro da Odara.”*

Ela respondeu: *“Sim, o livro da Odara e os sólidos geométricos foi uma das atividades que realizamos no 3º ano. E o que mais vocês se lembram?”*

Os alunos estavam envergonhados e demonstrando insegurança para compartilhar as lembranças, perguntou-se então para o grupo de alunos se gostariam de escrever sobre as lembranças que ainda tinham da *Sequência didática Odara*. Como todos concordaram e demonstraram estar mais seguros para participar da atividade, distribuiu-se uma folha de sulfite

para cada aluno e combinaram o tempo para escreverem e, com base na escrita de cada um, realizou-se a socialização oral dos registros.

Durante a escrita notou-se a preocupação de todos os alunos em escrever corretamente as palavras e responder sem errar à questão norteadora. Ao perceber tal situação, foi solicitado um minuto de atenção e explicado a eles que, naquele momento, não deveriam se preocupar se as respostas estavam certas ou erradas, mas que procurassem escrever o máximo de lembranças que tinham sobre a sequência Odara. Após tranquilizá-los sobre o objetivo da atividade proposta eles ficaram mais descontraídos e participaram da atividade com sucesso.

Com o objetivo de conhecer quais lembranças os alunos tinham sobre a sequência didática Odara e os conhecimentos aprendidos durante as *rodas de conversa* e atividades proposta, foi elaborado os Quadros 24 e 25, a seguir.

Quadro 24: Relembrando as atividades da sequência didática Odara

Alunos	Lembranças do Projeto Odara
Kofi	<i>Nós fizemos o livro da Odara eu lembro que nós falamos para a professora que ela ia falar sobre África que para eles foram parar no navio que se chamava negreiros e isso que eu lembro.”</i>
Nito	<i>Nós fizemos os instrumentos africanos, assistimos vídeos de como eles tratados no navio negreiro, veio um grupo de capoeira.”</i>
Badu	<i>Nós fizemos atividades e brincadeiras culturais de povos negros e a professora tomou a iniciativa de fazer um livro de uma menina negra contando a vida dela na realidade. Nós lemos livros sobre os negros como que eram os costumes deles do que eles gostavam de fazer, que instrumentos eles gostavam de tocar, descobri mais coisas sobre a África. Nós fizemos uma atividade baseada na biografia. Eu fiz a leitura da biografia do Zumbi dos Palmares para os pais e alunos do 3ºT2.</i>
Bimbinha	<i>Nós aprendemos o teatro africano, fizemos trabalhos africanos um livro com história africana desenhamos um mapa com todos os nomes da África Ocidental, África Central, África Ocidental, África Meridional, as histórias do povo negro da escravidão de como eles chegaram ao Brasil.</i>
Machadinho	<i>Nós fizemos a apresentação do Aleijadinho e da Princesa africana e da muralha africana e do navio negreiro.</i>
João	<i>Estudamos sobre os costumes e a cultura dos negros eles também tinha muitas riquezas, mas os portugueses eram muitos espertos e pegavam e faziam trocas... mas também fizemos uma biografia negra sobre os negros nós fizemos uma leitura para os pais e os alunos.</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Primeiramente, vale destacar que em 2014 os alunos eram mais falantes e se arriscavam mais para desenvolver as atividades propostas e dificilmente apresentavam medo de errar. Por outro lado, Nito, Machadinho e Bimbinha, durante a escrita da atividade, expressavam em voz

alta suas lembranças, mas durante a socialização das lembranças, todos os alunos mostravam-se atentos às falas dos colegas, refletindo sobre a questão proposta.

Os dados apresentados no Quadro 24 revelam que os alunos lembraram-se com sucesso dos conteúdos trabalhados nas rodas de conversa de 2014, como o: *estudo do continente africano, a chegada dos negros ao Brasil, costumes de alguns povos africanos na atualidade*. Lembram-se das atividades práticas como, por exemplo: *a construção dos instrumentos musicais de origem africana com materiais recicláveis, das brincadeiras africanas, da apresentação da leitura em voz alta realizada pelo aluno das Biografias do Zumbi dos Palmares, Aleijadinho, Chiquinha Gonzaga (Princesa)*.

Além disso, lembram-se dos recursos materiais utilizados pela professora durante as aulas como: *livros infantis com personagens negros, vídeos e o trabalho com mapas visando explorar as diferenças e semelhanças entre os mapas do Brasil e da África*.

Já no Quadro 25, a seguir, reúne os dados obtidos na *roda de conversa* com os alunos, com o objetivo de descrever as lembranças dos alunos em relação ao conteúdo programático estudado no decorrer das atividades da *Sequência Didática Odara*.

Quadro 25: Conhecimentos dos alunos sobre a sequência didática Odara

Alunos	Conteúdo programático
Kofi	<i>Faltou por motivos pessoais</i>
Nito	<i>Aprendemos a fazer os instrumentos musicais dos negros, que as roupas deles é igual a nossa roupa, que é o berço da humanidade, que o Zumbi dos Palmares era negro e era líder dos escravos fugitivos”</i>
Badu	<i>Aprendemos costumes dos negros, o que faziam no seu dia a dia, também descobrimos brincadeiras que eles faziam, instrumentos que eles tocavam, do que eles trabalhavam.</i>
Bimbinha	<i>Que ela era livre, alegre e cheia de vida.</i>
Machadinho	<i>Aprendemos sobre a Odara, sobre o Aleijadinho e que os negros é igual a nós e não é diferente que a capoeira é um jogo muito legal.</i>
João	<i>Apreendi sobre a capoeira também sobre os costumes dos negros.</i>
kofi	<i>Que a Odara era livre, alegre e cheia de vida. Apreendi a fazer o livrinho dos negros, que a África é o berço da humanidade e sobre os africanos.</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

De modo geral, é possível destacar que os conteúdos programáticos que permaneceram na memória dos alunos foram os temas relacionados ao ensino e da história e cultura africana e afro-brasileira. São eles:

- *África entendida como o berço da humanidade*
- *Diferenças e diferentes das roupas entre africanos e brasileiros*
- *Líder Zumbi dos Palmares*
- *A biografia de Aleijadinho*
- *As brincadeiras das crianças*
- *A vida cotidiana dos povos africanos na atualidade*
- *Direitos dos povos negros*

Por fim, vale destacar que, embora Machadinho tenha citado a *capoeira* como conteúdo aprendido, o fato é que, o trabalho realizado em relação à capoeira envolveu história da Capoeira no Brasil e as letras das músicas: *ABC da Capoeira* e *A E I O U Capoeira*, com o objetivo específico de apresentar algumas palavras de origem africana e os sons de alguns instrumentos de origem africana.

2ª Roda de Conversa – Histórias Afro-brasileira e Africanas

A segunda roda de conversa iniciou com a pesquisadora explicitando objetivo de retomar as histórias infantis lidas ou ouvidas pelos alunos, que contemplavam personagens negros e negras.

Assim, as reflexões dos alunos destacaram algumas histórias, lidas pela professora e ou pelos próprios alunos, que permaneceram em suas memórias, cujas personagens eram negros ou negras. Tais histórias estão reunidas no Quadro 26 a seguir.

Quadro 26: Histórias Afro-brasileiras e Africanas

Alunos	Histórias Afro-Brasileiras e Africanas
Machadinho	<i>Saci Pererê, Mogui o menino lobo</i>
Nito	<i>Histórias de Preta, Saci Pererê, Odara</i>
Bimbinha	<i>A menina do laço de fita, Os Dez Sacizinhos, Saci Pererê, Odara</i>
Kofi	<i>História de Preta, Saci Pererê, Odara</i>
João	<i>Saci Pererê</i>
Badu	<i>Dez Sacizinhos</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Durante a roda de conversa todos os alunos afirmaram já terem lido ou ouvido histórias que tinham personagens negros, porém, enfatizaram que recordavam apenas das seguintes histórias: *Saci Pererê*, *Mogli - o menino lobo*, *Histórias de Preta*, *Odara*, *A menina do laço de fita*, *Os dez Sacizinhos*.

Além disso, vale mencionar que, dos títulos citados pelos alunos, apenas as histórias *A menina do laço de fita* e *Os Dez Sacizinhos* foram histórias lidas em 2014 e *Odara* foi o conto de autoria dos próprios alunos, escrito coletivamente pela turma do 3º ano.

Analisando, o diário de classe da professora, as atividades realizadas em 2014 sobre as histórias infantis que os alunos indicaram como as que mais gostaram em 2014, as histórias citadas foram: *Bruna e a galinha d'Angola*; *Zumbi dos Palmares* e *Pretinha de Neve e os sete gigantes*.

Portanto, observa-se a necessidade de manutenção de um trabalho a ser realizado ao longo de todo o ensino fundamental, visando ampliar o repertório e as referências a personagens negros/as, pois nota-se que, para estes alunos, as únicas referências aos personagens negros são: *o Saci Pererê* e *a Menina Bonita do laço de fita*, ou seja, estes alunos, já na condição de concluintes do ensino fundamental I, ainda apresentam um repertório muito restrito acerca das histórias infantis com personagens negros e negras.

Na busca de identificar os conhecimentos dos alunos sobre ao ensino da História e Cultura dos povos Africanos e Afro-brasileiros, foram elaborados os quadros 27 e 28, apresentados a seguir.

Quadro 27: Ensino da História e Cultura dos povos Africanos e Afro-brasileiro

Alunos	História e Cultura dos povos Africanos e Afro-brasileiro
Machadinho	(...) <i>Eles foram escravos por muito tempo</i>
Nito	(...) <i>Que a África não é inteira pobre que a parte pobre passa pela seca do continente e cavam poços com a mão e, às vezes, não acha água.</i>
Bimbinha	(...) <i>Sobre a escravidão, sobre como eles chegaram ao Brasil e que jeito foram tratados que eles também deveriam ser tratados igualmente a todos.</i>
Kofi	(...) <i>Escravidão, os negros que chegaram no Brasil e o projeto Odara.</i>
João	(...) <i>Aprendi sobre racismo, a escravidão, os costumes dos negros</i>
Badu	(...) <i>Que eles eram muito esforçados para conseguir comida para a sua família, tinha seus costumes.</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017

Ao analisar o Quadro 27, nota-se que embora estes alunos tenham participado, em 2014, das aulas voltadas para o Ensino da História e Cultura dos povos Africanos e Afro-brasileiros, aulas essas baseadas nos conhecimentos de matriz africana e afro-brasileira, infelizmente concluíram o 5º ano em 2016, enfatizando apenas conhecimentos ainda voltados para: *o trabalho escravo, a desigualdade social e econômica do continente africano, as condições de trabalho no período da escravidão e as práticas racistas*. Conhecimentos estes presentes e enfatizados nas mídias da sociedade brasileira e reforçados pelos livros didáticos adotados por esta escola na área de História e Geografia.

Com o objetivo de apresentar os dados que revelam quais temas os alunos indicaram como aqueles sobre os quais gostariam de aprender, relativos à cultura e história dos Africanos e Afro-brasileiros, foi pensado o Quadro 28, a seguir.

Quadro 28: Conhecimentos sobre a cultura e história dos Povos Africanos e Afro-brasileiros

Alunos	Novos conhecimentos da cultura e história dos Povos Africanos e Afro-brasileiros
Machadinho	<i>Queria jogar capoeira e aprender novas brincadeiras.</i>
Nito	<i>Os tipos de jogo dos negros, como passam o tempo, aprender sobre a metade pobre e a metade rica e a culinária dele.</i>
Bimbinha	<i>Capoeira, músicas, etnias e muito mais tipo histórias, mitos e fatos sobre pessoas de antigamente.</i>
Kofi	<i>Capoeira, músicas, etnias, mitos e fatos.</i>
João	<i>Eu gostaria de visitar a África ver uma tribo conhecer mais sobre como eles sobrevivem.</i>
Badu	<i>Gostaria de tocar instrumentos e como eles faziam os instrumentos, gostaria de saber o que eles comiam.</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Analisando os dados levantados no Quadro 28, pode-se dizer que: *jogar capoeira; aprender novas brincadeiras; aprender sobre a metade pobre e a metade rica e a culinária deles; músicas, etnias, mitos e fatos; visitar a África; ver uma tribo; conhecer mais sobre como os negros sobrevivem; tocar instrumentos e saber o que os negros comiam* - foram os temas destacados pelos alunos em relação à aprendizagem da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

Sendo assim, considerando as reflexões dos alunos apresentadas no Quadro 28, foram encontradas algumas pistas sobre temas a serem discutidos com os alunos de 5º ano, pelo professor atual do ensino fundamental I sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e África.

3ª Roda de Conversa – Racismo

A terceira roda de conversa teve como tema o racismo. Seu objetivo foi identificar como os alunos se autodeclaravam, verificar o que eles sabiam sobre racismo e como identificam as situações racistas e os espaços em que tais situações ocorrem e ou ocorreram.

O Quadro 29 foi elaborado com o objetivo de verificar como os alunos se autodeclararam atualmente.

Quadro 29: Autodeclaração dos alunos

Alunos	Qual é a sua cor
Nito	<i>branco</i>
Kofi	<i>negro</i>
Bimbinha	<i>negro</i>
Machadinho	<i>branco</i>
João	<i>negro</i>
Badu	<i>pardo</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Observou-se nas falas, que todos os alunos compreenderam e continuam fazendo uso da nomenclatura correta, em relação à autodeclaração, sugerida pelo IBGE no quesito raça/cor e ensinada no 3º ano, durante uma das atividades da sequência didática Odara. É possível considerar isso um avanço em relação à situação de 2014.

Cabe mencionar que a presente questão foi retomada em 2016, por constatar que, em 2014, os alunos, iniciando o 3º ano, ainda utilizavam o lápis rosa para pintar as imagens de pessoas como referência para a cor de pele e também se autodeclaravam como: *morenos, café com leite, mulatos* ou alunos com tom de pele mais claros autodeclaravam-se *brancos*.

Ainda com o intuito de coletar dados sobre conceito ao racismo elaborado o Quadro 30.

Quadro 30: Conceituando o racismo

Alunos	Conceito de racismo
Nito	<i>É chamar uma pessoa de negro com mal intenção.</i>
Kofi	<i>Chamar as pessoas de preto e não é preto é negro.</i>
Bimbinha	<i>Antigamente ele era para os negros.</i>
Machadinho	<i>Que o racismo é muito feio.</i>
João	<i>Quando uma pessoa branca ri da cor de uma pessoa negra.</i>
Badu	<i>Eu sei que é um desrespeito a uma pessoa negra</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Ao analisar no Quadro 30 os relatos dos alunos sobre o racismo, observa-se que os eles ainda não conceituam corretamente o termo “racismo”, mas já sabem que o *racismo* é algo que está relacionado a: raça/cor e, especificamente, as pessoas negras; estereótipos; tensas relações entre indivíduos; questão de superioridade racial; os mitos em relação à história e cultura dos povos negros a algo *feio*, mesmo não mencionando a palavra crime racial.

Assim, considerando as falas destes alunos percebe-se que ainda há necessidade de se propor na escola um trabalho pautado nas:

...relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual (BRASIL, 2005, p. 12).

...valorização e respeito às pessoas negras à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtudes da cor de sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (BRASIL, 2005, p. 12)

4ª Roda de conversa – Vivenciando o racismo

Nesta roda de conversa o tema foi a identificação e reconhecimento de situações de racismo. O Quadro 31, a seguir, reúne os dados a esse respeito.

Quadro 31: Identificando e vivenciando o racismo

Alunos	Local	Vivencias de racismo
Nito	Na praça	<i>Eu tava lá na praça e chegou um menino negro e chamou ele de neguinho.</i>
Kofi	Na escola	<i>Na minha escola chamaram meu amigo de negro.</i>
Bimbinha	-----	<i>Não nunca vi.</i>
Machadinho	Na rua	<i>Meu pai foi chamado de baixinho e chamaram minha tia de b.....</i>
João	Na escola e na rua	<i>Na minha escola a M. fazia racismo com o J. chamando ele de jubileu e também presenciei na rua dois meninos fazendo racismo com uma criança negra. O menino negro estava soltando pipa, mas os dois meninos chegaram e começaram a pedir para soltar a pipa, o menino negro não deixou e então começaram a fazer racismo com ele os dois meninos começaram a xingar ele de Tião, nego do Borel, preto velho e etc.</i>
Badu	-----	<i>“Lá na Bahia chamaram meu amigo de magrelo”</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2017.

Os dados do Quadro 31 permitem constatar que 4 dos 6 alunos participantes da pesquisa já presenciaram situações de racismo, mas o que chama mais atenção é o fato de estes quatro alunos relacionarem a questão do racismo a uma terceira pessoa. Descrevem a situação-problema conflituosa com ênfase na questão racial e mencionam a própria escola como um dos espaços em que presenciaram a prática racista, mas evitam se colocar na cena.

Esse fato chama atenção, porque se refere a um fenômeno frequentemente apontado pelos estudiosos e que diz respeito às situações nas quais os protagonistas têm dificuldade de se ver, seja como vítimas, seja como autores do ato racista ou das situações de racismo. Compreendem a gravidade do ato e, por isso mesmo, evitam se posicionar claramente - o que evidencia a falta de formação e de conhecimento sobre o tema. A esse respeito ver, por exemplo, Munanga (1990), em texto no qual o autor descreve as perspectivas e as dificuldades da abordagem das questões raciais.

Portanto, os dados sinalizam a necessidade do trabalho pedagógico dentro do espaço escolar, ao longo dos anos no ensino fundamental, voltado para o respeito às diferenças, o combate ao racismo, a eliminação das situações de discriminação, injúria e preconceito racial.

3.7 - Concluindo...

Assim é possível responder às questões norteadoras da pesquisa:

- Que dizem os registros obtidos na experiência com *rodas de conversa* realizada no ano de 2014? E como se manifestam atualmente (2016), esses mesmos alunos/as sobre o tema das relações étnico-raciais, agora cursando o 5º ano do ensino fundamental?
- O que se lembram da experiência vivida em 2014, quando cursavam o 3º ano do ensino fundamental? O que permanece na memória desses alunos, da experiência formativa vivida nas *rodas de conversa*, dois anos depois, em 2016, cursando o 5º ano do ensino fundamental?
- Qual foi, de fato, o impacto formativo das *rodas de conversa* vividas por eles?

As respostas a tais questões permitem afirmar que a pauta sobre a educação das relações étnico-raciais está presente na escola e, inclusive na sala de aula, desde os anos iniciais do ensino fundamental. Observa-se que os estudos e assuntos relacionados às questões étnico-raciais chegam à escola através: das falas preconceituosas, das falas racistas, dos livros didáticos, dos livros infantis, das reclamações dos/as alunos/as negros/as de discriminação e preconceitos nos diferentes espaços escolar, inclusive por meio do currículo escolar, apresentados na forma de atividades, atitudes e comportamentos socialmente hierarquizados, no contexto do racismo, em relação a população negra.

Sendo assim, percebe-se na seção III, que a escola e seus profissionais estão sendo desafiados a refletirem sobre a presença do racismo, do preconceito e da discriminação racial, a reprodução das práticas racistas no espaço escolar e o trato pedagógico que a escola tem dado as questões étnico-raciais.

Nesta direção, concorda-se com Gomes (2005, p. 147), ao destacar que não há mais como fugir dessa realidade e que a escola brasileira está sendo impulsionada a pensar sobre as estratégias de combate ao racismo na escola e valorização do povo negro na educação.

Portanto, cabe a todos o desafio de pensar nas novas práticas e, para nos mobilizarmos para isso, é necessário refletir sobre as diferentes maneiras de trabalhar com a questão racial na escola. Desta forma, a *roda de conversa* pode servir de instrumento didático-pedagógico para se trabalhar a educação das relações étnico-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental por se basear em relações calçadas no diálogo, na liberdade de pensamento, no respeito ao outro e às diferenças.

Para tanto, a escola e seus profissionais são “convidados” a darem visibilidade aos atores, culturas e conhecimentos sobre as culturas afro-brasileiras e africanas e desenvolver um trabalho sistemático por parte da escola e dos professores dando continuidade à experiência das *rodas de conversa* ao longo do ensino fundamental I.

Por fim, tendo como base as confirmações das hipóteses desta dissertação, será explicitado a seguir, as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA NECESSIDADE DE CONTINUIDADE NO TRABALHO FORMATIVO DAS RODAS DE CONVERSA

A presente dissertação, intitulada *Análise de experiência de rodas de conversa sobre educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do ensino fundamental I*, tem como objetivo geral compreender a contribuição formativa das rodas de conversa sobre o tema “a educação das relações étnico-raciais” para alunos do ensino fundamental I, no combate ao racismo, ao preconceito e o respeito às diferenças no ambiente escolar.

Foi a partir das vivências profissionais como professora com aos alunos do ciclo de alfabetização que surgiu a inquietação por pesquisar e aprofundar meus estudos sobre o presente tema - por isso a questão norteadora desta pesquisa: “Como e o que ensinam e o que aprendem alunos do ensino fundamental I, nas *rodas de conversa* sobre a educação das relações étnico-raciais? Qual a contribuição dessa prática para a formação das crianças?”

Deste modo, a escolha do tema foi motivada pela necessidade e obrigatoriedade da Lei 10.639/2003 de incluir, na rotina pedagógica dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, estudos sobre a educação das relações étnico-raciais, bem como sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, além, claro, de sentir a necessidade de contribuir para o combate ao racismo dentro e fora da sala de aula.

Para a pesquisa, realizada em uma escola municipal pública do ensino fundamental I, foram convidados para participar 6 (seis) alunos (as), negros (as) e não-negros (as), que em 2016 cursavam o 5º ano e que haviam participado da *Sequência Didática Odara e os Sólidos Geométricos*, em 2014. Os instrumentos de investigação utilizados incluíram: os registros de experiência com *rodas de conversa* realizada com alunos de 3º ano (em 2014), as atividades desenvolvidas com os alunos e alunas, o diário da professora, os materiais produzidos pelos alunos e pela professora, a consulta aos documentos oficiais vigentes, e as *rodas de conversa* específicas sobre as relações étnico-raciais.

Além disso, as reflexões sobre a introdução da educação das relações étnico-raciais a partir das *rodas de conversa* nos anos iniciais do ensino fundamental estão embasadas nas ideias e em diversos estudos realizados nas áreas da Sociologia, Educação e Educação das Relações Étnico-raciais, dentre os quais (Gomes, Munanga e Sant’Ana), nas obras que privilegiam a definição dos conceitos fundamentais para compreender as questões étnico-racial na sociedade e na escola (Freire e Silva), nos estudos voltados para a temática na área da educação e africanidades brasileiras (Gimeno Sacristán, Libâneo, Moreira e Candau), nas reflexões sobre

currículo (Zabala, Nery, Noverraz e Schneuwly), na compreensão sobre sequência didática e sobre *rodas de conversa* (Warschawer e Fazenda).

Portanto, os dados coletados no levantamento bibliográfico indicam a necessidade de estudos voltados para as *rodas de conversa*, contemplando a educação para as relações étnico-raciais e os processos educativos desencadeados por meio de *rodas de conversa* no ensino fundamental como objeto de estudo.

Diante dos dados coletados nesta pesquisa, pode-se afirmar que os resultados obtidos permitiram confirmar a hipótese de que:

A) as leis vigentes sobre a educação das relações étnico-raciais por si só não garantem a formação das crianças na busca de uma educação antirracista que respeite a diversidade étnico-racial e o combate às práticas discriminatórias e o racismo.

É interessante ressaltar, que a educação das relações étnico-raciais constitui-se em um direito social de qualquer cidadão brasileiro, mas para que este direito seja respeitado, a escola e seus profissionais necessitam posicionar-se politicamente diante da questão racial, contra toda e qualquer forma de discriminação, como também enfrentar alguns desafios, como:

- Preparar todos os alunos, desde os anos iniciais da educação básica, para serem cidadãos ativos e críticos, membros de uma sociedade solidária e democrática.
- Para além da inclusão do conteúdo sugerido pela Lei 10.639/2003 e pelas Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana é necessário que a escola e seus profissionais reconheçam a existência do racismo e das tensas relações étnico-raciais nos diferentes espaços escolar.
- Disponibilizar meios para que levem seus (as) alunos (as) no ensino fundamental a reconhecer as diferenças como algo positivo e levá-los a compreender que a sociedade brasileira é uma sociedade multiétnica e pluricultural.
- Compreender que a luta pela superação do racismo e da discriminação racial na escola é responsabilidade de todos (as) professores (as), negros (as) e não-negros (as), independentemente das suas crenças religiosas e de seus posicionamentos políticos.
- Trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial no espaço escolar e empreender reeducação das relações étnico-raciais.
- Ampliar o foco do currículo escolar sobre a diversidade cultural, étnico-racial, social e econômica brasileira.
- Incluir nos documentos normativos e de planejamento, ou seja, no regimento escolar e nos planos de ensino, objetivos explícitos que visem o combate do racismo e das

discriminações, bem como o reconhecimento, valorização e respeito da história e cultura afro-brasileira e africana.

B) Os estudos sobre temas relacionados à Educação das Relações Étnico-raciais e ao ensino da Cultura e História Africana e Afro-brasileira atestam a importância e necessidade da formação das crianças e dos professores da educação básica nessa direção.

Para que a educação das relações étnico-raciais, se concretize no espaço escolar no início dos anos iniciais do ensino fundamental é preciso que o grupo de docentes esteja qualificado para o ensino das relações étnico-raciais. Além disso, necessita sensibilizar-se e posicionar-se positivamente, diante das relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais, no sentido do respeito e da correção de posicionamentos, atitudes e palavras preconceituosas.

Por outro lado, cabe a eles ainda assumir um compromisso político e pedagógico em prol de um posicionamento antirracista, cabe ainda, aos sistemas e aos estabelecimentos de ensino buscarem parcerias com a comunidade local e regional na qual a unidade escolar está inserido, a exemplo do Movimento Negro, de grupos culturais negros, das instituições formadoras de professores e núcleos de estudos e pesquisas sobre a temática afro-brasileira, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para os planos institucional, planos de ensino e projetos pedagógicos.

Portanto, espera-se que tal formação possibilite aos profissionais da educação e alunos (as):

- Compreenda a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-raciais no espaço escolar.
- Conheça as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, dos descendentes de asiáticos, além da de raiz africana e europeia.
- Compreenda a importância das questões relacionadas às diversidades étnico-raciais, para lidar positivamente com a diversidade.
- Capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, como também os oriente a lidar respeitosamente com a diversidade dentro e fora das salas de aula.
- Crie condições para que professores e alunos pensem, decidam, ajam e assumam responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, que levem a enfrentar e superar estereótipos, conflitos, contestações, reconhecendo e valorizando os contrastes das diferenças;

- Lide de forma respeitosa com a diversidade dos diferentes grupos étnico-raciais e, sobretudo, que os professores criem estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las;
- Participe de atividades a partir das vivências em que os alunos (as) negros (as) e não-negros (as) possam se tocar, trocar conhecimentos e em que o (a) aluno (a) negro (a) possa ser colocado (a) como sujeito ativo e empoderado da atividade desenvolvida.

C) As *rodas de conversa* para formação de alunos nos anos iniciais do ensino fundamental I, no que tange às relações ético-raciais, têm efeitos imediatos visíveis, que tendem a se perder sem a continuidade do processo de formação nesse tema específico.

D) As práticas dos professores e professoras não são agregadas a outras estratégias que deem amparo e continuidade ao trabalho formativo das *rodas de conversa*.

Constatou-se, ainda, que a escola e seus profissionais ainda necessitam dar atenção especial ao currículo dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à educação das relações étnico-raciais e às práticas pedagógicas em prol do combate ao racismo, à discriminação e ao respeito às diferenças no espaço escolar e na sala de aula.

Conforme se constatou na seção III, com base nas reflexões dos alunos, as *rodas de conversa* constituem-se em um instrumento didático-pedagógico valioso para os professores dos anos iniciais, mas para que este trabalho torne-se efetivo, é necessário que a temática das relações étnico-raciais esteja contemplada permanentemente no projeto político-pedagógico, nos planos de ensino da escola e nas rotinas pedagógicas das salas de aula.

Nas *rodas de conversa*, de forma lúdica, os alunos negros e não-negros desenvolvem atitudes, comportamentos e valores capazes de torná-los cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial, ou seja, nas *rodas de conversa* é que eles se reeducam com base nas falas e relações, aprendem coletivamente sobre respeito à diversidade e constroem conhecimentos sobre a educação das relações étnico-raciais sem preconceitos e estereótipos.

Portanto, os resultados desta pesquisa permitem afiançar a importância da continuidade do trabalho formativo das *rodas de conversa* no ensino fundamental I para que seja desenvolvido permanentemente no cotidiano das escolas os estudos sobre as africanidades brasileiras e educação das relações étnico-raciais devido a sua flexibilidade e perspectiva interdisciplinar da referida temática.

Por fim, conclui-se esta dissertação com a sensação de que ainda há muito trabalho a ser feito na área da educação das relações étnico-raciais no espaço escolar, especialmente no ensino fundamental I. Deste modo, são reconhecidas as limitações desta pesquisa, mas espera-se que ela possa contribuir com novas pesquisas e intervenções educativas envolvendo a diversidade étnico-racial, o currículo e a formação de professores.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In_: Educação e emancipação, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1995, 119-138p.

_____. Tabus acerca do magistério, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1995, 97-117p.

ARROYO, M. G. **A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar.** In_: **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**, Belo Horizonte, Autêntica, 2010, 111-130p.

BENTO, M. A. S. **Cidadania em Preto e Branco: discutindo as relações raciais.** Brasil, Editora Ática, 2006, 80p.

BERNAD, Z. **O Que é Negritude.** São Paulo, Brasiliense, 1988, 64p.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 35p.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases Nacional:** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 12. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. – (Série legislação; n. 254). Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 04/09/2017.

_____. **Lei No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 04/03/2018.

_____. **Lei Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

_____. **Parecer Nº 003/2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 04/03/2018.

_____. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013, 104 p.

_____. **Resolução Nº 1- Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 04/03/2018.

_____. **Estatuto da Igualdade Racial;** altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso: 14/10/2017.

CARONE, I; BENTO, M. A. S. **Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002, 189p.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar, ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo, Contexto, 2000, 111p.

_____. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo. Summus, 2001, 213p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008, 194 p. Disponível em: http://unegro.org.br/arquivos/arquivo_5043.pdf. Acesso em: 18/09/2016.

FAZENDA, I.C.A. **Prefácio** In: __. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, 17-38p.

FAZZI, R. C. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. 2004, Belo Horizonte, Autêntica, 226p.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**, 3ª edição. São Paulo, Editora Moraes, 1980, 101p.

_____. FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª edição. Rio de Janeiro, Terra Paz, 2011, 253p.
 FREYRE, G. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo, 2003, Global, 375p. Disponível em: http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/freire_gilberto_casa_grande_senzala.pdf. Acesso em: 18/09/2016.

FONSECA, D. J. **Histórias da África e Afro-brasileira na sala de aula**. In.: Orientações curriculares – Expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio, Secretaria Municipal de Educação de São, São Paulo, 2008, 240p.

GOMES, N. L. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte, Autentica Editora, 2011, 128p.

_____. **A Contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro**. In.: O pensamento negro em educação no Brasil, São Carlos, Editora da UFSCar, 1997, 17-39.

_____. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03: breve reflexões**. In: __. Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres, Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2010, 19-25p.

GONÇALVES e SILVA, P. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, 120p.

KI-ZEBRO, J. **Para quando a África?** Entrevista com Rene Holenstein. Tradução de Brito, C. A. Rio de Janeiro, Pallas, 2009.

Kindersley, B. e Kindersley, A. **Crianças como você: uma emocionante celebração da infância no mundo**, São Paulo, Editora Ática, 2009, 80p.

Libâneo. J.C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia, editora Alternativa, 2004, 319p.

MATOS, M.Z. T. **Bonecas negras cadê?:** o negro no currículo escolar: sugestões práticas. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2004, 80p.

MUNANGA, K; GOMES, N.L. **O negro no Brasil.** São Paulo, Global, 2006, 171-197p.

MUNANGA, K. **Negritude:** usos e sentidos. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, 92p.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** Identidade nacional versus Identidade negra. Belo Horizonte, Autêntica, 2008, 128p.

_____. **Apresentação.** In.: **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 15-20p. http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 18/09/2016.

_____. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In.: **Programa de educação sobre negro na sociedade brasileira.** Niterói, EdUFF, 2000, 16-34p. Disponível em: <http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%205%20-%20Texto%20Kabenguele%20Munanga.pdf>. Acesso em: 18/09/2016.

_____. **Negritude afro-brasileira:** perspectivas e dificuldades. **Revista de Antropologia.** São Paulo: USP, n. 33, 1990, p.109-117.

Paulo. S. **Currículo integrador da infância paulistana.** São Paulo, Secretaria Municipal/ Diretoria de Orientação Técnica, 2015, 72p.

SACRISTÁN, J.G. **O Currículo uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre, Penso, 2017, 352p.

SANTOS, J. R. **O que é racismo.** São Paulo, Brasiliense, 1984, 83p.

_____. **A questão do negro na sala de aula.** São Paulo, 20016, Global, 118p.

SANT'ANA, A. O. **História e conceitos Básicos sobre o racismo e seus derivados.** In.: **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 29-64p.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual,** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

SILVA, C. D. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte, 1995, Mazza Edições, 128p.

SILVA, P.B.G.S. **Entre Brasil e África:** construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza edições, 2011, 174p.

_____. **Aprender a conduzir a própria vida:** dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In.: **De preto a afro-descendente:** trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos, EdUFSCar, 2003, 181-197p.

_____. **Aprendizagem e ensino das Africanidades brasileiras.** In.: **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 155-172p.

Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In.: Afirmando diferenças: Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola, Campinas, Papirus, 2005, 27-53.

SILVÉRIO, V.R. **Relações étnico-raciais e educação.** In.: **Marca da diferença no ensino escolar.** São Carlos, 2009. 147-213p.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro.** As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983, 88p.

UNESCO. **Convenção da ONU sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial (1966).** Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139390por.pdf>. Acesso em 19/09/2015.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, 235p.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre, Artmed. 1998, 224p.

ARTIGOS

CANDAU, V. M.; KOFF, A. M. N. S. **Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural.** Educ. Soc. [online]. 2006, vol.27, n.95, pp.471-493. ISSN 1678-4626. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000200008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17/04/2016.

FLEURI, R. M. **Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional.** Educ. Soc. [online]. 2006, vol.27, n.95, pp.495-520. ISSN 1678-4626. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17/04/2016.

GOMES, N. L. e JESUS, R E. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa.** Educ. rev. [online]. 2013, n.47, pp.19-33. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010440602013000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17/04/2016.

MULLER, T. M. P. **As pesquisas sobre o "estado do conhecimento" em relações étnico-raciais.** Rev. Inst. Estud. Bras. [online]. 2015, n.62, pp.164-183. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002038742015000300164&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17/04/2016.

RODRIGUES, T. C. e ABRAMOWICZ, A. **O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação.** Educ. Pesquisa. [online]. 2013, vol.39, n.1, pp.15-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100002. Acesso em: 17/04/2016.

SANTIAGO, F. **Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000200129&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17/04/2016.

SILVA, P.B.G. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>. Acesso em 18/09/2016.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educ. rev. [online]. 2010, vol.26, n.1, pp.15-40. ISSN 0102-4698. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17/04/2016.

DISSERTAÇÕES

AGUIAR, D. M. S. **Olhares de crianças sobre pobreza e raça nas relações escolares**. 2008, 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/92338>. Acesso em: 30/04/2016.

ALGARVE, V. A. **Cultura negra na sala de aula: pode ser um caminho para a africanidade elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** 2005, 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2661/DissVAA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30/04/2016.

ALESSI, V. M. **Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin**, 2011, 179f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25924/Viviane%20M.%20Alessi.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 26/04/2018.

ALGARVE, V. A. **Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** 2004, 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=478. Acesso em 30/04/2016.

BONILHA, T. P. **O "não-lugar" do sujeito negro na educação brasileira**. 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000870696>. Acesso em 30/04/2016

CHIARELLO, R. A. P. **Preconceitos e discriminações raciais: um olhar de professoras sobre seus (suas) alunos (as) negros (as)**. 2006. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=903. Acesso em 30/04/2016.

CRUZ, A. C. J. **Os debates do significado de educar para as relações étnico-raciais na educação brasileira**. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em:

http://www.bdtf.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=309Acesso em: 30/04/2016.

CRUZ, E. M. R. **Percepções das crianças sobre currículo e relações étnico-raciais na escola: desafios, incertezas e possibilidades.** 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: http://www.bdtf.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2175. Acesso em: 30/04/2016.

FEITOSA, C. F. J. **“Aqui tem racismo!”: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola.** 2012, 243 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000870856&fd=y>. Acesso em: 30/04/2016.

FERNANDES, V. B. **Educação e relações raciais: percepções de alunos e professores de uma escola pública de São Carlos.** 2010. 173 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/90270>. Acesso em 30/04/2016.

FONTELES, L. S. **Imagens da infância na escola pública de São Luís/MA: o lugar da criança no imaginário de professores.** 2013. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013. Disponível em: http://www.tedebuc.ufma.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes%5B%5D=800&processar=Processar. Acesso em 30/04/2016.

GONZAGA, Y. M. **Trabalhadores e trabalhadoras técnico-administrativos em educação na UFMG: relações raciais e a invisibilidade ativamente produzida.** 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8RWRAU>. Acesso em 30/04/2016.

IGNÁCIO, V. B. S. **O ensino da história e cultura afro-brasileira na óptica do coordenador pedagógico.** 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10664>. Acesso em: 17/09/2016.

LUZ, M. F. **Educação das relações étnico-raciais: contribuições de cursos de formação continuada para professoras(es).** 2013. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: http://www.bdtf.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7378. Acesso em: 30/04/2016.

MARQUES, A. E. **Rodas de Conversa: uma proposta para aprimorar a prática docente em educação física escolar.** 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3145>. Acesso em: 26/04/2018.

MARTINS, D. S. F. **A lei 10.639, o cotidiano escolar e as relações étnico-raciais:** um estudo de caso. 2010. 112 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/90070>. Acesso em: 30/04/2016.

MARTINS, R. F. **A Identidade de meninas negras:** o mundo do faz de contas. 2006. 144 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2006. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/92330>. Acesso em: 30/04/2016.

MOLINA, T. S. **Relevância da dimensão cultural na escolarização de crianças negras.** 2011. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-153413/pt-br.php>. Acesso em: 30/04/2016.

MOREIRA, R. 2010. **Diversidade cultural e educação escolar:** perspectiva comunicativo-dialógica para o trabalho pedagógico. 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2539/2954.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24/06/2016.

MUNHOZ, M.L.P. **Diversidade, relações raciais e educação em direitos humanos.** 2009, 299f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-12082013-151030/pt-br.php>. Acesso em: 24/06/2016.

QUEIROZ, W. **De docência e militância:** a formação de educadores étnicos num programa da Secretaria Municipal de Educação de Campinas - 2003 a 2007. 2012. 337 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000873390>. Acesso em: 30/04/2016.

RYCKEBUSCH, C. G. **A roda de conversa na educação:** uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento. 2011, 237f. Dissertação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13502/1/Claudia%20Gil%20Ryckebusch.pdf>. Acesso em 26/04/2018

SARZEDAS, L. P. M. **Criança Negra e Educação:** um estudo etnográfico na escola. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/97703>. Acesso em: 30/04/2016.

SILVA, P. E. **Professor Negro Universitário:** notas sobre a construção e manipulação da identidade étnico-racial em espaços socialmente valorizados. 2008. 220 f. Dissertação (mestrado em sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/99011?show=full>. Acesso em 26/4/2018.

SILVA, R. F. **Educando pela diferença para a igualdade: professores, identidade profissional e formação contínua.** 2010. 310 f. Dissertação (mestrado em educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11062010-123230/pt-br.php>. Acesso em 26/4/2018.

SILVA, A. A. R. **A participação das crianças na roda de conversa: possibilidades e limites da ação educativa e pedagógica na educação infantil.** 2015, 237f. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Católica de Goiânia, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1136/1/Adriana%20Aparecida%20Rodrigues%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 26/04/2018.

SILVA, R. B. L. **A Roda da conversa na educação infantil: a constituição da criança como sujeito.** 2016, 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2016. Disponível em: http://unisal.br/wp-content/uploads/2017/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Regina-Broco-Lima-da-Silva.pdf. Acesso em: 26/04/2018.

SOUSA, K. C. S. **Estereótipos étnicos nas representações de crianças escolarizadas em São Luís do Maranhão.** 2009. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009. Disponível em: http://www.tedebc.ufma.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes%5B%5D=291&processar=Processar. Acesso em 30/04/2016.

TELES, C. P. **Representações sociais sobre as crianças negras na educação infantil: mudanças e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora.** Faculdade de Educação de São Paulo. 2010. 271 f. Dissertação (mestrado em Direitos Humanos) - Faculdade de Educação de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22062010-124314/pt-br.php>. Acesso em: 20/06/2016.

TESES

FREITAS, D. A. S. **Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da Prefeitura de Belo Horizonte (MG): um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais?** 2014. 280 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9HMHL3>. Acesso: 20/06/2016.

SILVA, D. V. C. **A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos.** 2009. 322 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. Disponível em: <http://www.processoseducativos.ufscar.br/tese04.pdf>. Acesso: 20/06/2016.

SILVA, E. A. **Professora negra e prática docente com a questão étnico-racial: a “visão” de ex-alunos.** 2008. 242 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000441283>. Acesso em: 20/06/2016.

OLIVEIRA, E. **Relações étnico-raciais e de gênero e o discurso da sala de aula de português: uma abordagem etnográfica interacional**. 2008. 185f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/CPSA-7PMH8>. Acesso em: 29/04/2016.

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE ASSENTIMENTO PARA OS PAIS/RESPONSÁVEIS



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS/RESPONSÁVEIS

Dados de identificação

Projeto de pesquisa: “Análise de experiência de rodas de conversas sobre a educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do Ensino Fundamental I”

Pesquisadora Responsável: Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz – Telefones para contato (16) XXXXXXXXX/ (16) XXXXXXXXX

Prezado (a) Senhor (a):

Gostaríamos de convidar seu filho (a) sob sua responsabilidade para participar da pesquisa: “Análise de experiência de rodas de conversas sobre a educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do Ensino Fundamental I” de responsabilidade da pesquisadora Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz, Mestranda da Universidade de Araraquara Uniara.

Este estudo tem como objetivo identificar e compreender a contribuição formativa das rodas de conversa sobre o tema “a educação das relações étnico - raciais” para crianças do 3º ano do ensino fundamental I, no combate ao racismo e respeito às diferenças no ambiente escolar.

A participação do (a) seu filho (a) neste estudo consistirá em conceder a permissão para o uso dos diálogos, fatos e acontecimentos desencadeados em rodas de conversas os quais serão transcritos para uso exclusivamente acadêmico-científico. Salientamos que em momento algum o nome dos alunos participantes e da escola serão citados ou identificados.

Este projeto de pesquisa será realizado na própria escola, com horário pré-agendados e com duração de 40 minutos, onde um grupo de dez alunos (as) que no ano de 2014, cursaram

o terceiro ano e participaram da Sequência Didática Odara e os Sólidos Geométricos e teve como um de seus objetivos por meio das rodas de conversas em sala de aula, introduzir o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a educação das relações étnico-raciais.

A pesquisa permitirá aos alunos rememorarem e falarem sobre o processo de ensino e aprendizagem vivido nas rodas de conversa como também, espera-se que isso possa desenvolver na escola e nos agentes envolvidos (professores, alunos e diretor/a) identidade educativa voltada para a percepção e valorização das diferenças no ambiente escolar.

A participação do seu (a) filho (a) é voluntária. Assim, o (a) seu (a) filho (a) será consultado (a) e caso aceite participar deste projeto de pesquisa, ele (a) o fará na condição de voluntário e sem custo algum ou quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, conforme as orientações determinadas pelo ECA – Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem de seu filho será preservada.

Durante as rodas de conversas prevê-se a possibilidade de as manifestações de alunos expressarem críticas às práticas em sala de aula ou na escola. Por outro lado, é possível prever que a temática esteja ligada a episódios de discriminação racial constrangedores e ligados a sofrimentos sociais que, por sua vez, poderão gerar desconfortos entre professores/alunos/direção. Nesse caso o (a) seu filho (a) poderá contar com o apoio da pesquisadora nas considerações realizadas, que procurará favorecer um clima de neutralidade sem emitir nenhum julgamento de valores e dar-lhe tempo suficiente para refletir sobre suas respostas. Além disso, ao final das rodas de conversas, ele (a) poderá contar com as orientações sobre como identificar e como proceder quando presenciar episódios de racismo, além de conhecer outros serviços públicos disponíveis em Araraquara a qualquer cidadão, como: SOS racismo e o Centro de Referência Afro.

A realização desta pesquisa poderá trazer benefícios como permitir seu (a) filho (a) rememorar e falar sobre o processo de ensino e aprendizagem vivido nas rodas de conversa; a escola poderá desenvolver nos alunos envolvidos a identidade educativa voltada para a percepção e valorização das diferenças. Caso o Senhor (a) aceite autorizar a participação de seu filho, você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você

poderá retirar o Termo consentimento e o Termo de assentimento como também interromper a sua participação do seu (a) filho (a) a qualquer momento.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você que deverão ter todas suas páginas rubricadas e a última assinada.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. ”

O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento. Qualquer dúvida entre em contato com Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (16) 35241279, e-mail: leocardiaccruz@gmail.com, e/ou com Comitê de Ética em Pesquisa da Uniara, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1307 no Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone: 3301.7263, e-mail: comitedetica@uniara.com.br.

Certificado do Assentimento

Eu _____ entendi que a pesquisa é sobre a contribuição formativa das rodas de conversa sobre o tema “a educação das relações étnico - raciais” para crianças do 3º ano do ensino fundamental I, no combate ao racismo e respeito às diferenças no ambiente escolar. Este projeto de pesquisa será realizado na própria escola, com horário pré-agendados e com duração de 40 minutos, onde um grupo de dez alunos (as) que no ano de 2014, cursaram o terceiro ano e participaram da Sequência Didática Odara e os Sólidos Geométricos e teve como um de seus objetivos por meio das rodas de conversas em sala de aula, introduzir o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a educação das relações étnico-raciais.

A pesquisa permitirá aos alunos rememorarem e falarem sobre o processo de ensino e aprendizagem vivido nas rodas de conversa como também, espera-se que isso possa desenvolver na escola e nos agentes envolvidos (professores, alunos e diretor/a) identidade educativa voltada para a percepção e valorização das diferenças no ambiente escolar.

*Nome e/ou assinatura da criança:*_____.

*Nome e assinatura dos pais/responsáveis*_____.

*Nome e assinatura do pesquisador responsável por obter consentimento:*_____.

Américo Brasiliense, _____ de _____ de 2017.



**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O ALUNO

Dados de identificação

Projeto de pesquisa: “Análise de experiência de rodas de conversas sobre a educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do Ensino Fundamental I”

Pesquisadora Responsável: Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz – Telefones para contato (16) XXXXXXXX/ (16) XXXXXXXXXX

Caro (a) aluno (a)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Análise de experiência de rodas de conversas sobre a educação das relações étnico-raciais por meio da percepção de alunos do Ensino Fundamental I”. Esse estudo tem como objetivo identificar e compreender a contribuição formativa das rodas de conversa sobre o tema “a educação das relações étnico - raciais” para crianças do 3º ano do ensino fundamental I, no combate ao racismo e respeito às diferenças no ambiente escolar.

Como sei que você já participou antes, em 2014 - no 3º ano, de Rodas de Conversa sobre relações étnico-raciais, estou convidando-o para participar desta pesquisa, conversando comigo sobre o que aprendeu com essa experiência nas rodas de conversa.

A pesquisa será feita na própria escola, com horário pré-agendados e com duração de 40 minutos. Também serão convidadas dez crianças que participaram de Rodas de Conversa sobre relações étnico-raciais realizadas em 2014, no 3º ano do ensino fundamental, por meio de leitura de histórias, memorização de atividades, músicas, exercícios orais e escritos com os conceitos trabalhados em 2014 sobre relações étnico-raciais, com o objetivo de descrever o que permanece na memória das rodas de conversas de 2014.

Sua participação neste estudo consistirá em conceder a permissão para o uso dos diálogos, fatos e acontecimentos desencadeados em rodas de conversas as quais serão transcritas minuciosamente e para uso exclusivamente acadêmico-científico.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem

financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

A participação nesta pesquisa é voluntária, ou seja, você é quem decide se quer ou não participar da pesquisa. Se você decidir não participar nada mudará na relação dela com os colegas e professores na escola. E mesmo que você inicialmente tenha aceitado você pode mudar de ideia e desistir, sem nenhum problema.

É possível que durante as rodas de conversas sobre relações étnico-raciais as conversas gerem desconfortos, bem como é possível prever que a temática esteja ligada a episódios de discriminação racial constrangedores e ligados a sofrimentos sociais. É preciso ficar claro para você o que são esses riscos e desconfortos. Fique à vontade para perguntar mais sobre eles. No caso de você se sentir constrangido (a), você poderá conversar com a pesquisadora, em particular ou não, pedir orientações e ajuda e até interromper sua participação nas atividades. Saiba que a pesquisadora procurará favorecer um clima de neutralidade sem emitir nenhum julgamento de valores e procurará dar-lhe tempo suficiente para refletir sobre suas respostas, além de apoiá-lo nas considerações realizadas. Como benefício direto você receberá, ao finalizar as rodas de conversas, orientações sobre como identificar e como proceder quando presenciar episódios de racismo, além de conhecer outros serviços públicos disponíveis em Araraquara a qualquer cidadão, como: SOS racismo e o Centro de Referência Afro.

Mas há coisas boas que podem acontecer como: permitir aos alunos rememorarem e falarem sobre o processo de ensino e aprendizagem vivido nas rodas de conversa; a escola poderá desenvolver nos alunos envolvidos a identidade educativa voltada para a percepção e valorização das diferenças.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Reafirmo que sua participação é voluntária. Ninguém ficará bravo ou desapontado com você se você disser não. A escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer sim agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem.

Assim, informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento. Qualquer dúvida entre em contato com Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (16) 98144-0882/ (16) 3339 3827, e-mail: leocardiaccruz@gmail.com, e/ou com Comitê de Ética em Pesquisa da Uniara, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1307 no Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone: (16) 3301.7263, e-mail: comitedetica@uniara.com.br.

Certificado do Assentimento

Eu _____ entendi que a pesquisa é sobre a contribuição formativa das rodas de conversa sobre o tema “a educação das relações étnico - raciais” para crianças do 3º ano do ensino fundamental I, no combate ao racismo e respeito às diferenças no ambiente escolar.

Este projeto de pesquisa será realizado na própria escola, com horário pré-agendados e com duração de 40 minutos, onde um grupo de dez alunos (as) que no ano de 2014, cursaram o terceiro ano e participaram da Sequência Didática Odara e os Sólidos Geométricos e teve como um de seus objetivos por meio das rodas de conversas em sala de aula, introduzir o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a educação das relações étnico-raciais.

A pesquisa permitirá aos alunos rememorem e falarem sobre o processo de ensino e aprendizagem vivido nas rodas de conversa como também, espera-se que isso possa desenvolver na escola e nos agentes envolvidos (professores, alunos e diretor/a) identidade educativa voltada para a percepção e valorização das diferenças no ambiente escolar.

Nome e/ou assinatura da criança: _____.

Nome e assinatura dos pais/responsáveis: _____.

Nome e assinatura do pesquisador responsável por obter o consentimento: _____.

Américo Brasiliense, _____ de _____ de 2017.

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Dados de identificação

Título do Projeto: *ANÁLISE DE EXPERIÊNCIA DE RODAS DE CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR MEIO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I*

Pesquisador Responsável: Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz

Dados para contato: Residencial (16) xxxxxxxxxxxx/ celular (16) xxxxxxxxxxxx

E-mail: leocardiaccruz@gmail.com

Nome do participante:

R.G.: _____

Idade: _____ anos

Responsável legal:

R.G.: _____

Seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do projeto de pesquisa “*ANÁLISE DE EXPERIÊNCIA DE RODAS DE CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR MEIO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I*” de responsabilidade da pesquisadora *Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz*.

O objetivo deste estudo é identificar e compreender a contribuição formativa das rodas de conversa sobre o tema “a educação das relações étnico-raciais” para crianças do ensino fundamental I, no combate ao racismo e respeito às diferenças no ambiente escolar.

A sua participação neste estudo consistirá em conceder a permissão para o uso dos diálogos, fatos e acontecimentos desencadeados em rodas de conversas os quais serão transcritos para uso exclusivamente acadêmico-científico. Salientamos que em momento algum o nome dos participantes e da escola serão citados ou identificados.

Este projeto de pesquisa será realizado em uma escola municipal do ensino fundamental, do primeiro ao quinto ano, em cidade do interior do Estado de São Paulo, onde no ano de 2014, alunos de terceiro ano participaram da *Sequência Didática Odara e os Sólidos Geométricos* e teve como um de seus objetivos por meio das rodas de conversas em sala de aula, introduzir o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a educação das relações étnico-raciais.

A pesquisa permitirá que seu (a) filho (a) rememore e fale sobre o processo de ensino e aprendizagem vivido nas rodas de conversa como também, espera-se que isso possa desenvolver na

escola e nos agentes envolvidos (professores, alunos e diretor/a) identidade educativa voltada para a percepção e valorização das diferenças no ambiente escolar.

A participação é voluntária. Assim, seu (a) filho (a) o será consultado e caso aceite participar deste projeto de pesquisa, ele (a) o fará na condição de voluntário e sem custo algum ou quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Além disso, por ser um tema voltado para as questões raciais, prevê-se a possibilidade do seu (a) filho (a) manifestar críticas às práticas preconceituosas e racistas presentes na sala de aula ou na escola, relatar episódios de discriminação racial constrangedores ligados a sofrimentos sociais presenciado por ele(a) no ambiente escolar que, por sua vez, podem gerar desconfortos entre professores/alunos/direção. Se esses riscos se concretizarem a conduta da pesquisadora será a de voltar atenção imediata ao seu (a) filho (a) e orientá-lo (se for o caso). Posteriormente, entrará em contato com a família, para buscar o atendimento em serviços gratuitos existentes na comunidade.

As informações sobre os participantes serão coletadas na pesquisa e ninguém, exceto os investigadores poderão ter acesso a elas. Não serão identificados em momento algum quais alunos e escola participarão da pesquisa e seus nomes/imagens/vozes) não irão aparecer em nenhum lugar. Depois que a pesquisa acabar, os resultados serão informados para alunos participantes, seus pais e professores, também poderão ser publicados em revista, livro, conferência, congressos se natureza acadêmica.

Ninguém ficará bravo ou desapontado se o aluno disser não. A escolha é do aluno. O mesmo poderá pensar nisto e falar depois se quiser. Como também pode dizer sim agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem.

Se o aluno ou os responsáveis por ele tiverem dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao projeto de pesquisa, pedimos a gentileza de entrar em contato com **Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz, pesquisadora responsável do estudo pelo telefone fixo XXXXXX e celular XXXXXX. E-mail leocardiaccruz@mail.com, e/ou com Comitê de Ética em Pesquisa da Araraquara – UNIARA, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1307 no Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone 16-3301-7263, de segunda a sexta-feira das 08h às 12h e das 13h às 17h, e-mail: comitedeetica@uniara.com.br**

Eu, _____, RG nº _____,
responsável legal por _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa
acima descrito.

Américo Brasiliense, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

APÊNDICE

APÊNDICE 1: PERGUNTAS NORTEADORAS DAS RODAS DE CONVERSA

Perguntas norteadoras das rodas de conversas com os (as) alunos (as) colaboradores

- Você já ouviu ou leu histórias ou livros infantis com personagens negros (as)?
- Se a respostas for sim: Quais histórias você conhece com personagens negros (as)?

Dos livros que você leu o ou ouviu quais deles você conheceu durante as atividades realizadas na *Sequencia Didática Odara* em 2014, no 3º ano?

- Qual é a sua raça/cor?
- O que você sabe sobre racismo?
- Você já vivenciou ou presenciou alguma situação de racismo?

Sim _____ Não _____

Se a resposta for **sim**: Conte como era o lugar que você presenciou, a pessoa que passou por esta situação e como foi esta situação.

- O que você já aprendeu sobre a história e cultura do povo negro?
- O que você gostaria de aprender sobre a história e cultura do povo negro?
- O que você aprendeu durante a Sequência Didática Odara no ano de 2014?